

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS**

EKAROLAINÉ SILVA DE AMARILHA GARCIA

**O PROTAGONISMO TEM GÊNERO – REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS
OBRAS *CUNHATAÍ* E *GUERRA ENTRE IRMÃOS*: Mulheres olvidadas na Guerra do
Paraguai/Guerra Guasu (1864 – 1870)**

**AQUIDAUANA – MS
2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS**

EKAROLAINÉ SILVA DE AMARILHA GARCIA

**O PROTAGONISMO TEM GÊNERO – REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS
OBRAS *CUNHATAÍ* E *GUERRA ENTRE IRMÃOS*: Mulheres olvidadas na Guerra do
Paraguai/Guerra Guasu (1864 – 1870)**

Dissertação desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Sujeitos & Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Squinelo

**AQUIDAUANA – MS
2022**

EKAROLAINÉ SILVA DE AMARILHA GARCIA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Ana Paula Squinelo.

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGCult/CPAq, Aquidauana/MS)

(Orientadora)

Prof. Dr^a. Geovana Quinalha de Oliveira

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS, Campo Grande/MS)

(Examinador Externo)

Prof. Dr^a. Janete Rosa da Fonseca

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGCult/CPAq, Aquidauana/MS)

(Examinador Interno)

Prof. Dr. Jérri Roberto Marin

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD/PPGHUFGD, Dourados/MS)

(Examinadora Externa)

Prof. Dr. Leandro Mendonça Barbosa

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (SEMED)

(Suplente de Examinador Externo)

Prof. Dr. Antonio Firmino de Oliveira Neto

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/PPGCult/CPAq, Aquidauana/MS)

(Suplente de Examinador Interno)

Dedico este trabalho aos meus pais, que me deram a vida, sempre ressaltando o poder transformador da educação, mesmo sem terem completado o ensino fundamental. À minha família, que me apoiou incondicionalmente, à minha filha que é a razão do meu viver. E a todos que pensavam que ser mãe seria o único papel que eu iria protagonizar.

AGRADECIMENTOS

Nesses dois anos de trabalho, nunca me senti sozinha, sempre soube que minha orientadora estava ao meu lado para responder às minhas inquietações, muitas vezes faltou a cooperação da minha internet rural, mas sempre superamos essas situações. Assim, neste momento é importante agradecer algumas pessoas que fazem parte dessa trajetória.

Agradeço à minha orientadora Professora Doutora Ana Paula Squinelo pela atenção e disponibilidade. Mesmo em meio ao caos e eminente afastamento, foi minha bússola e farol que me guiou até aqui, com suas palavras sempre precisas e norteadoras. Obrigada por compartilhar esse amor e o seu vasto conhecimento, sua forma me inspirou a desejar saber sempre mais e de pesquisar “essa desconhecida”.

Agradeço à minha professora de Literatura Contemporânea na graduação em Letras, Dra. Geovana Quinalha de Oliveira, que acima de tudo me ensinou a amar mais ainda a literatura e a ensinar com paixão, por me apresentar a escritora Raquel Naveira e seu livro de poemas *Guerra entre irmãos*, em 2019;

Agradeço ao meu esposo por todo apoio e compreensão, a pessoa que nunca me deixou desistir do meu sonho de ser pesquisadora. Também agradeço à minha filha, que, mesmo sendo uma criança, influenciou muito minha vida acadêmica, me esforcei e esforço para ser um exemplo em sua vida, contrariei pessoas e estatísticas ao terminar a faculdade com você em meus braços. Aguentei e escutei calada muitas piadinhas como “Pronto, arrumou um diploma”, “não vai conseguir, filho atrasa a vida, vai largar a faculdade para ser dona de casa”, você não imagina como essas frases me deixavam mais forte e focada. Agora estou aqui agradecendo por terminar essa dissertação em nível de mestrado.

Agradeço ao grupo de Pesquisa História e Historiografia: diálogos em trânsito e toda rede de pesquisadores de imensa competência e dedicação, do qual me orgulha fazer parte. Aos professores Fabio da Silva Souza (UFMS), Helen Paola Vieira Bueno (UFMS) e Ana Paula Squinelo (UFMS), pelos ensinamentos na disciplina Seminários Interdisciplinares de Pesquisa 2020/2, que foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo.

Agradeço ao professor Aníbal Herib Caballero Campos (Unicam/ Paraguay – PY), a professora Marcela Cristina Quinteros, minha orientadora e o professor Leandro Mendonça Barbosa por todos os ensinamentos compartilhados na disciplina de Tópicos especiais em

Estudos Culturais: múltiplos olhares e narrativas sobre o Paraguai 2021/2. A disciplina me oportunizou estudar sobre a Guerra do Paraguai/Guasú pelo viés de especialistas de diferentes nacionalidades, também tivemos a oportunidade de ouvir e dialogar com pesquisadores (as), como a renomada estudiosa sobre gênero e investigadora do Paraguai, Profa. Lic. Ana Barreto Valinotti, com a palestra “Las disputas de residenta/reconstrutora en el centenario de la guerra - 1970: narrativa literaria, escultura (representaciones artisticas) y debates históricos”, apresentação que me supriu diversas inquietações sobre o papel desenvolvido pelas mulheres paraguaias no conflito da Guerra Guasú e me possibilitou conhecer as residentas, as destinadas e as vivandeiras.

Agradeço aos meus amigos/as, Israel Aparecido da Silva Junior, Rafael Mascarenhas Matos, Laila Cristina Domingos Ferreira e Yara Karolina Santana de Mattos Messias, pessoas que fizeram parte da minha trajetória, que sempre estiveram dispostos a auxiliar. Juntos trocamos e compartilhamos conhecimento e, mesmo nos conhecendo apenas pelo Meet, tornamo-nos apoiadores uns dos outros.

Agradeço ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana, pela dedicação em nos ensinar e a todo apoio que recebemos, ao coordenador de curso Miguel Rodrigues de Sousa Neto por sua gentil disponibilidade.

,

RESUMO

Neste trabalho, apresento os resultados acerca da pesquisa iniciada no ano de 2020, no âmbito do Mestrado em Estudos Culturais, sob a orientação da professora Dra. Ana Paula Squinelo. A pesquisa é intitulada “O PROTAGONISMO TEM GÊNERO – REPRESENTAÇÕES FEMININAS NAS OBRAS *CUNHATAÍ* E *GUERRA ENTRE IRMÃOS*: Mulheres olvidadas na Guerra do Paraguai/Guerra Guasu (1864 – 1870)” e visa abordar a presença das mulheres na Guerra do Paraguai, mais precisamente as representações femininas no livro *Guerra entre irmãos* (1997), de Raquel Naveira, e *Cunhataí* (2003), de Maria Filomena Bouissou Lepecki. O objetivo geral é analisar a presença feminina no maior conflito do século XIX na América Latina, que envolveu quatro países: o Brasil, o Paraguai, a Argentina e o Uruguai. Para tanto, meus objetivos específicos são: a) repensar a história dessas mulheres no contexto bélico, promovendo a visibilização desses sujeitos/as invisibilizados/as pela narrativa “oficial”; b) analisar as representações femininas na narrativa de Naveira e Lepecki, escritoras contemporâneas. Nota-se, pela linha tradicional, que a “História Oficial” tende a omitir a participação de sujeitos femininos na Guerra do Paraguai. As produções memorialistas dos séculos XIX e XX evidenciam heróis homens, e as mulheres sendo referidas quando esposa de militares notáveis. Nessas obras as mulheres não foram visibilizadas, pois são “escritos sobre homens, para homens. Raramente, quando aparecem, são tratadas como vítimas, especialmente as sobreviventes paraguaias que deveriam reconstruir o país, agora sem homens. As narrativas sobre a Guerra do Paraguai, no caso brasileiro, são abundantes sob olhar militar e raras sob prisma histórico” (COLLING, 2016, p. 238). Em tal perspectiva, se analisarmos, por exemplo, a presença feminina em obras memorialistas como *A Retirada da Laguna* (1871), de Alfredo d’Escagnolle Taunay, é possível depreender que as mulheres que partiram para a guerra em meio à “coluna” ocupam, na escrita, um lugar coadjuvante e subalterno. Desse modo, questionamos se a referida atuação é, regularmente, silenciada pela História Oficial. Por fim, a leitura e análise do romance de Lepecki abre a oportunidade de pensarmos o conflito a partir da figura, narração e olhar feminino. *Cunhataí* (2003) é um título provocativo que salienta curiosidade e permite o/a leitor/a ser ouvinte e espectador/a. Por outro lado, os poemas de Naveira nos apontam uma mínima visibilidade feminina, também não marcada em narrativas “oficiais”, e nos leva a questionar que o protagonismo na narrativa desta autora tem um gênero e não é o feminino.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai, interdisciplinaridade, Literatura, mulheres e visibilidade.

RESUMEN

En este trabajo presento los resultados de la investigación iniciada en 2020, bajo la Maestría en Estudios Culturales, bajo la dirección de la Profesora Dra. Ana Paula Squinelo. La investigación se titula “EL PROTAGONISMO TIENE GÉNERO – REPRESENTACIONES FEMENINAS EN LAS OBRAS *CUNHATAÍ* Y LA *GUERRA ENTRE IRMÃOS*: Mujeres olvidadas en la Guerra del Paraguay/Guerra Guasu (1864 – 1870)” y tiene como objetivo abordar la presencia de las mujeres en la Guerra del Paraguay, más precisamente, las representaciones femeninas en el libro *Guerra entre Irmãos* (1997), de Raquel Naveira, y *Cunhataí* (2003), de Maria Filomena Bouissou Lepecki. El objetivo general es analizar la presencia femenina en el mayor conflicto del siglo XIX en América Latina, que involucró a cuatro países: Brasil, Paraguay, Argentina y Uruguay. Por tanto, mis objetivos específicos son: a) repensar la historia de estas mujeres en el contexto militar, promoviendo la visibilidad de estos sujetos invisibilizados por la narrativa “oficial”; b) analizar las representaciones femeninas en la narrativa de Naveira y Lepecki, escritoras contemporáneas. Se advierte, por la línea tradicional, que la “Historia Oficial” tiende a omitir la participación de sujetos femeninos en la Guerra del Paraguay. Las producciones de memorias de los siglos XIX y XX muestran a los héroes masculinos y mujeres siendo referidas como la esposa de soldados notables, en estas obras las mujeres no se hicieron visibles, ya que están “escritas sobre hombres, para hombres. Rara vez, cuando aparecen, son tratados como víctimas, especialmente los sobrevivientes paraguayos que se suponía iban a reconstruir el país, ahora sin hombres. Las narrativas sobre la guerra del Paraguay, en el caso brasileño, son abundantes desde una perspectiva militar y raras desde una perspectiva histórica” (COLLING, 2016, p. 238). En esta perspectiva, si analizamos, por ejemplo, la presencia femenina en obras conmemorativas como *A Retreat da Laguna* (1871) de Alfredo d'Escagnolle Taunay, es posible inferir que las mujeres que partieron a la guerra en medio del “columna” ocupan, por escrito, un lugar de apoyo y subordinación. Por tanto, nos preguntamos si la mencionada actuación es regularmente silenciada por la Historia Oficial. Finalmente, la lectura y el análisis de la novela de Lepecki nos abre la oportunidad de pensar el conflicto a partir de la figura, la narración y la mirada femenina. *Cunhataí* (2003), es un título provocativo que resalta la curiosidad, y permite al lector ser, oyente y espectador. Por otro lado, los poemas de Naveira nos muestran una mínima visibilidad femenina, tampoco marcada en las narrativas “oficiales”, y nos llevan a cuestionar que la protagonista en la narrativa de esta autora tiene un género y no la mujer.

Palabras-clave: Guerra de Paraguay, interdisciplinariedad, Literatura, mujeres y visibilidad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Apagamento de gênero: as Mulheres <i>Olvidadas</i>	16
 CAPÍTULO I – Guerra entre irmãos: Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai	25
1.1 História e Historiografia da Guerra do Paraguai: uma guerra com várias versões	34
1.2 Guerra <i>Guasú</i> : ¡Vencer o morir!	40
1.3 Mulheres no maior conflito Platino do século XIX	45
1.3.1 Múltiplos olhares sobre a figura feminina no conflito: um recorte	62
 CAPÍTULO II – Caminhos interdisciplinares: a história e a Literatura	74
2.1 Traços biográficos de Naveira e Lepecki: apresentando as autoras	79
2.2 O “outro” paraguaio/a sobre perspectiva brasileira em Cunhataí e Guerra entre irmãos.	83
2.3 Estereótipos do gênero feminino, mulheres protagonistas (do lar?)	85
 CAPÍTULO III – Representação feminina em Cunhataí e Guerra entre irmãos	89
3.1 Poemas Inspirados na Guerra do Paraguai: uma guerra em lírica	95
3.1.1 Estrutura da obra <i>Guerra entre irmãos</i>	104
3.2 Revisitando a Retirada da Laguna: análise narrativa de Cunhataí	108
3.2.1 A narrativa entre personagens históricos e ficcionais	118
3.3 Representações de personagens femininas: Ana Preta, Elisa Lynch, Micaela e bravas mulheres de Naveira, entre outras	119
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Percurso percorrido pela Campanha de Mato Grosso e a Retirada da Laguna	30
Mapa 2 – Corresponde à primeira fase da guerra de ofensivas paraguaias	33

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Homenagem póstuma a Jovita Feitosa	52
Figura 2: Jovita Alves Feitosa posa armada e equipada	52
Figura 3: Elisa Alicia Lynch.....	56
Figura 4: Pancha Garmendia	60
Figura 5: Caxias... Ora, meu Deus !..Que é isto que vejo? Será possível que os paraguaios tenham outros caminhos mais? Ah! E como vão entrando as provisões!... Muito gado, e muito mantimento! Sim, e tudo com abundância!... É impossível vencer a Lopez	64
Figura 6: La Paraguaya, Juan Manuel Blanes (1879	69
Figura 7: Heroína de Ytá Ybaté	70
Figura 8: La Residenta (1977 - 1979)	71
Figura 9: Raquel Naveira / Parque Nacional “Cerro Corá” – Paraguai.....	79
Figura 10: Maria Filomena Bouissou Lepecki	80
Figura 11: Capa <i>Guerra entre irmãos</i>	95
Figura 12: Capa do livro <i>Cunhataí</i>	109
Figura 13: Desenho da capa: Quartel de Miranda, de Visconde de Taunay	116
Figura 14: Elisa Lynch.....	122

IMAGEM EM MOVIMENTO

Imagem 1: Soldadas paraguaias, prontas para atacar a tropa inimiga	66
Imagem 2: Paraguai vive! Esperança na mulher paraguaia.....	66
Imagem 3: A figura do camarada como herói. Ampara a mãe e o filho.....	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Historiografia da Guerra do Paraguai/Guasú	98
Quadro 2 – Temáticas identificadas no <i>Guerra entre irmãos</i>	99
Quadro 3 – Personagem feminina em <i>Cunhataí</i> de Lepecki	121

INTRODUÇÃO – AS MULHERES *OLVIDADAS*

[...] Hoje sou uma “galopera”/ Uma “vivandeira”/ Rondando acampamentos,/ Por qualquer preço/ Ofereço minha gruta,/ Minha rosa secreta. [...] (NAVEIRA, 1997, p. 35).

Muitas mulheres esconderam-se embaixo dos carroções. Uma delas, mesmo assustada, dispôs-se a enfrentar a balbúrdia da praça de guerra, expondo-se ao perigo e rasgando as próprias roupas para estancar o sangue dos feridos que surgiam por todo lado (LEPECKI, 2003, p. 12).

O presente trabalho busca analisar a presença/ausência de mulheres em duas obras literárias inspiradas na Guerra do Paraguai, de Maria Filomena Bouissou Lepecki e Raquel Naveira, ambas as escritoras brasileiras. Mais precisamente, as representações e estereótipos das figuras femininas. Pontuamos que a mulheres que ocupam a centralidade nas narrativas são as representantes da categoria “mulher universal”¹, remetendo as outras à subalternidade, o papel coadjuvante e com menor visibilidade.

Atualmente, muito se publicou, tanto no campo da historiografia, quanto na literatura feminista, acerca da relação mulher e sociedade. Como estudiosa (curiosa), pesquiso a temática da guerra, a partir da Literatura. Quando indagaram o porquê de meu texto não mostrar pouco sobre mim, pensei que era apenas receio de me expor e também que não era relevante para uma escrita acadêmica, então ao refletir sobre isso e entendi que sou fruto eu sistema em que pessoas como eu são ensinadas a ficarem caladas, onde infelizmente não temos voz. Mas que, por outro lado, a autora preta Conceição Evaristo ao cunhar o termo “escrevivência“, significa que um texto não se refere apenas a escrita, e sim, acredita que esta é alinhada com as vivências. Foi a partir do momento em que comecei a refletir sobre minha escre(vivência) que compreendi o sentido por ter escolhido este objeto de pesquisa: presença/ausência das mulheres no contexto da Guerra do Paraguai, meu objetivo não foi apenas dar vozes as mulheres outrora olvidadas pelo mesmo sistema, mas também ouvi-las.

Na apresentação da obra *Ponciá Vicêncio* (2017), apresenta-nos que todas as obras de Conceição Evaristo são produtos de sua “escrevivência”: “escrita que se alimenta da experiência de vida da autora [...]” (EVARISTO, 2017, p. 4). Pensando na escrita como uma possível ferramenta de luta, o caminho que nossas autoras, LEPECKI e a NAVEIRA

¹ Carla Akotirene, em *Interseccionalidade* (2019), descreve a mulher universal como as contempladas apenas pela categoria gênero, sem considerar, raça e classe.

percorreram nas obras estudadas, foram ao encontro de escolhas pessoais, lançando luz a essa autoria uma “escrivência”, segregadora e de certa forma excludente, para com as sujeitas pretas, como veremos nos capítulos seguintes. Acredito na interdisciplinaridade com a História e pretendo ser a voz das *olvidadas*.

Devido à grande importância histórica, pesquisas a respeito do confronto atravessam mais de um século e meio após o fim da guerra. E mesmo com ávidas investigações, as fontes estão longe de serem escassas. Por isso, a enriquecedora bibliografia antecedente fundamentou essa pesquisa, aproximando os/as leitores/as ao cenário dos objetos em análise. Estudos de reconhecidos/as pesquisadores/as brasileiros/as, paraguaios/as e argentinos/as compõem o recorte metodológico que apresentamos. Em sua maioria, amarrando pontas deixadas pela historiografia tradicional do conflito, ou seja, trabalham para visibilidade de sujeitos historicamente marginalizados.

Este estudo tem como objetivo examinar a presença/ausência da figura feminina em duas obras literárias: O romance *Cunhataí*: um romance da Guerra do Paraguai, da autora Maria Filomena Bouissou Lepecki e o livro de poemas *Guerra entre irmãos*, de Raquel Naveira, que tem como cenário a Guerra do Paraguai/ *Guasu*. Em nosso escopo, destacamos trechos das referidas obras em paralelo com fontes historiográficas pertinentes à temática. A metodologia a ser adotada sucederá por investigação, levantamento e análise interdisciplinar, histórica e literária, de duas obras de escritoras brasileiras que inspiraram na Guerra do Paraguai.

A pensadora contemporânea Chimamanda Ngozi Adiche, em *O perigo de uma História única*, propõe diversificarmos as fontes e adverte acerca do perigo de ouvir apenas uma única versão/visão da história. Dessa forma, formamos nossos conhecimentos a partir de histórias que escutamos, com isso, quando contamos uma diversidade de narrativas a compreensão do todo fica evidente, por esse motivo ouvir somente uma única versão provoca apagamentos, ou seja, explicita o poder de um determinado grupo sobre outros. Para ela: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne única” (ADICHE, 2019, p. 26). Nesse caso, uma história única e tradicional da Guerra do Paraguai/*Guasu*, foi marcada em sua maioria por homens, brancos e de altas patentes militares, restando para as mulheres lugares subalternos de coadjuvantes. A autora ressalta que “as histórias foram usadas para caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essas dignidades despedaçadas” (Idem,

ibidem, p. 32), por isso existe a necessidade de rejeitar a história única e muitas vezes a oficial.

No Brasil, historicamente silenciadas por grupos dominantes, as mulheres, como outros grupos igualmente subalternizados, buscam no presente ocupar o seu lugar histórico legitimado no passado. Dessas mulheres, as pretas sofreram com um duplo silenciamento, pois as poucas que tiveram visibilidade representavam socialmente a raça dominante, esposas de militares de alta patente, como exemplo Dona Senhorinha, apontada por Dourado (2005), salvo a personagem histórica Ana Preta – também personagem ficcionalizada por Maria Filomena Bouissou Lepecki em *Cunhataí* (2003) –, e representada por Alfredo d’Escagnolle Taunay em *A Retirada da Laguna*² (1871).

Rosa Montero em *Nós, mulheres* (2020), desenvolve uma pesquisa relativa a história de mulher. Nessa obra, ela reúne a biografia de mulheres renomadas e outras mais anônimas. Essa obra vai ao encontro das esquecidas, entregando ao leitor uma versão à parte da que conhecemos, visto que os exemplos de participação feminina na história universal são abundantes. “Há uma história que não está na história e que só pode ser resgatada aguçando os ouvidos e escutando os sussurros das mulheres” (MONTERO, 2020, p. 12). Existe um enredo de ocultamento sofrido por mulheres desde os primórdios, a narrativa misógina desencadeia todo tipo de opressão de gênero e violências, no momento em que a sociedade estabelece comportamentos característicos a um gênero rejeitasse a possibilidade da pluralidade.

Pela palavra, a narrativa³ ocidental da origem das relações humanas ao longo dos séculos se perpetuou, passando da oralidade para formato textual em 1200 a.C, pelo profeta Moisés, das mulheres apresentadas, a personagem Eva carrega o peso de ser mulher (muitas questões religiosas ainda afetam as figuras femininas), da costela de Adão ela foi criada, com a finalidade de ser esposa. De maneira geral, a ele foi empregado a função de dominar tudo a sua volta e ela curiosa, frágil, volúvel foi responsável por desencadear todo o mal para a humanidade, assemelhando a mitologia grega da caixa de Pandora. Portanto, as palavras podem beneficiar determinados grupos ou condenar outros.

² A obra foi publicada pela primeira vez em meados do século XIX em Francês (1871), a versão que utilizamos é da Editora Martin Claret de 2003.

³ É evidente que existem diversas narrativas de origem humana, independente de religião, cito a que tenho conhecimento, que sempre busquei, fui ensinada a sempre dever obediência e submissão marido e que tais ofícios e atitudes eram condenáveis.

Conforme o exposto, buscamos investigar as representações femininas nas obras de Naveira e Lepecki já referenciadas, pautada na visibilidade e apagamento de mulheres, especificamente no grande confronto latino-americano do século XIX. Destacamos ser pertinente o entendimento do conflito, passagens, personagens e a visão historiográfica do antes, durante e depois da guerra, pois o saldo da guerra não foi apenas em números de mortos, mas em todo campo social, econômico e político.

Em 2021, a obra de Visconde de Taunay, *A Retirada da Laguna*, completou 150 anos desde sua primeira publicação em 1871. Ela foi tomada como relato histórico e perpassou por todos esses anos como narrativa oficial, também imortalizou heróis (homens, brancos, militares), apagando a importância e participação feminina, pois há poucas passagens em menção a elas, a visibilidade a elas era condicionada, poucas personagens foram apontadas como é o caso de D. Senhorinha esposa do Guia Lopes. Ao longo do tempo, as interpretações sobre o conflito geraram múltiplas versões, a história aponta três principais movimentos historiográficos⁴.

Conforme o arcabouço teórico acerca da história e historiografia da Guerra de 70, desenvolvido e apresentado nos próximos subtítulos, a participação de homens e mulheres no decorrer do conflito é inegável. A questão levantada por esse estudo pauta-se nas ausências e silenciamento de sujeitos outros(as)⁵

A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai – a própria questão polissêmica é uma celeuma entre os/as pesquisadores/as⁶ – foi marco histórico aos países envolvidos. De modo geral, o conflito iniciou em 1865, mas o estopim ocorreu no fim de 1864. Aliás, o cenário anterior à guerra foi marcado pelas questões platinas e tensões na exploração fluvial, o Uruguai vivia um conflito interno, Blancos (apoiados pela Argentina) x Colorado (Brasil), o combate aflorou-se quando o Brasil interveio apoiando a Venâncio Flores (Chefe Colorado),

⁴ Cf. p. 32, deste capítulo.

⁵ A questão da alteridade segue o pensamento de Homi Bhabha apresentado em *O local da cultura* (1998). Basicamente Bhabha aponta a formação e a forma que ocorre a construção do “discurso de poder”, o qual garante a dominação, (garantiu no passado, mas seu reflexo chega consolidado até a atualidade, através de outros mecanismos. Sistema que o sujeito colonizador está sobre o sujeito (a) colonizado) e a superioridade de um povo ou sujeito (a) sob o outro (a). Dois conceitos foram fundamentais para entendimento desse processo: o estereótipo e a mímica.

⁶ Registro que: “[...] quanto ao uso de diferentes denominações (Guerra da Tríplice Aliança, Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, Guerra Guasu, Grande Guerra...), destaca-se que a própria denominação do conflito é alvo de inúmeras manipulações, divergências e disputas político-ideológicas e por si só já mereceria ser objeto de pesquisas”. DOCKHORN, Vera Lúcia Nowotny; SQUINELO, Ana Paula. *Oficinas de história: temas para o ensino da guerra do Paraguai - sujeitos, cotidiano e Mato Grosso*. 1ª edição. Cuiabá: EdUFMT, 2021, p. 13.

desfavorecendo o Paraguai de Solano, pois o apoio dos Blancos os aproximava. Em novembro o Paraguai apreendeu o navio brasileiro Marquês de Olinda, em dezembro o Paraguai ocupou a região litigiosa da província de Mato Grosso e em março Corrientes na Argentina, rumo ao Rio Grande do Sul e Uruguai.

Com a necessidade de aumentar os efetivos que eram insuficientes, o império convocou a Guarda Nacional e os Voluntários da Pátria. Em seguida o Brasil venceu a Batalha do Riachuelo (1865), e em 1866 o exército aliado venceu a Batalha do Tuiuti. Posteriormente, a guerra se estagnou por dois anos, e em 1869 as tropas aliadas chegaram a Assunção e a última Batalha foi em Cerro Corá, que teve por desfecho a morte do governante paraguaio Francisco Solano López por soldados brasileiros em 1º de março de 1870.

Devido à grande importância histórica, pesquisas a respeito do confronto atravessam mais de um século e meio após o fim da guerra. E mesmo com ávidas investigações, as fontes estão longe de serem escassas. Por isso, a enriquecedora bibliografia antecedente a esse estudo fundamentou o primeiro capítulo, aproximando os/as leitores/as ao cenário dos objetos em análise. Estudos de reconhecidos/as pesquisadores/as brasileiros/as, paraguaios/as e argentinos/as compõem o recorte metodológico que apresentamos. Em sua maioria, amarrando pontas deixadas pela historiografia tradicional do conflito, ou seja, trabalham para visibilidade de sujeitos historicamente marginalizados.

As pesquisadoras Vera Lúcia Dockhorn e Ana Paula Squinelo, na obra *Oficinas de História: Temas para o ensino da Guerra do Paraguai - sujeitos, cotidianos e Mato Grosso*, 2021, disseram que:

A Guerra não se restringiu aos campos de batalhas e nem envolveu apenas militares. Pesquisas da historiografia recente e os escritos memorialistas revelaram um conflito, cuja repercussão atingiu mulheres e crianças, envolveu homens escravizados e homens pobres, negros e pardos na grande maioria. São sujeitos revelados, que por muito foram ocultados, silenciados e invisibilizados por uma história que privilegiou os acontecimentos monumentais e os grandes nomes. (DOCKHORN; SQUINELO p. 101)

Dessa forma, as pesquisadoras apontam as participações de sujeitos *olvidados*, o exército, invisível, os marginalizados dos registros oficiais. Em consonância a isso, notamos que, pela linha tradicional, a “História Oficial” tende a omitir a participação de tais sujeitos no conflito. No entrecruzamento entre gênero e história, Michelle Perrot (PERROT, 1998, p. 185) afirma que o trabalho do/a historiador/a “[...] é um ofício de homens que escrevem a história no masculino”. As produções memorialistas dos séculos XIX e XX evidenciam heróis homens e as mulheres sendo referidas quando esposa de militares notáveis, nessas obras as

mulheres não foram visibilizadas, conforme atestou Ana Maria Colling, ao afirmar que os escritos são sobre homens e para homens:

[...] raramente, quando aparecem, são tratadas como vítimas, especialmente as sobreviventes paraguaias que deveriam reconstruir o país, agora sem homens. As narrativas sobre a Guerra do Paraguai, no caso brasileiro, são abundantes sob olhar militar e raras sob prisma histórico (COLLING, 2016, p. 238).

Em tal perspectiva, se analisarmos, por exemplo, a presença feminina em obras memorialistas como *A Retirada da Laguna* (TAUNAY, 1871), de Alfredo d'Escagnolle Taunay, é possível depreender que as mulheres que partiram para a guerra em meio à “coluna” ocupam, na escrita, um lugar coadjuvante e subalterno. Desse modo, questionamos se a referida atuação é, regularmente, silenciada pela História Oficial. Ademais, o mesmo episódio é recorrente na narrativa da escritora brasileira Maria Filomena Bouissou Lepecki, o *Cunhataí*, com isso verificamos a maneira que ambos representaram as figuras femininas. Essa intertextualidade é marca textualmente na obra da escritora, convergência analisada no terceiro capítulo deste estudo.

Em face aos objetivos estabelecidos, esta pesquisa está estruturada em três capítulos. O primeiro se intitula **Guerra entre irmãos:** Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, e é dividido em quatro subtítulos: 1.1 História e historiografia da Guerra do Paraguai: uma guerra com várias versões; 1.2 Guerra *Guasú*: ¡vencer o morir!; 1.3 Mulheres no maior conflito Platino do século XIX; e 1.3.1 Múltiplos olhares sobre a figura feminina no conflito: um recorte. Nesse capítulo, trabalhamos com inúmeras questões historiográficas da guerra, dos estudos da mulher no conflito e as representações femininas em diferentes linguagens, as análises realizadas que apresentamos sobre a representação⁷ da mulher no cinema, na imprensa, na pintura, na escultura entre outras, foram essenciais para que se pudesse compreender como essas mulheres são marginalizadas em várias linguagens e narrativas. Assim, neste primeiro capítulo propomos estudar/investigar a Guerra do Paraguai/Guerra Guasu.

No segundo, intitulado **Caminhos interdisciplinares:** a História e a Literatura, abordaremos: 2.1 Traços biográficos de Naveira e Lepecki: a mulher na escrita inscrita; 2.2 O “outro” paraguaio/a sobre perspectiva brasileira em *Cunhataí* (2003) e *Guerra entre irmãos*

⁷ Ancoremo-nos no conceito de “Representação”, do historiador Roger Chartier, no texto “O mundo como representação”. Para ele, a representação é uma ferramenta que um indivíduo tem a função de construir significados para o mundo social, delegada por um indivíduo ou um grupo de indivíduos. O autor também estabelece conceito que nos remete à noção de “representação coletiva”. CHARTIER, 1991, p. 186.

(1997); e 2.3 Estereótipos do gênero feminino, mulheres protagonistas (do lar?). Neste capítulo, abordaremos a relação entre os campos científicos destacados em nossos objetos, a imagem do outro paraguaio/a, pois ambas as obras derivam de perspectivas brasileiras sobre o conflito, refletindo nas interpretações sobre os paraguaios/as. No terceiro ponto, relacionamos a figura de mulheres no contexto patriarcal, ressaltamos o percurso proposto por Silvia Federici, ao abordar a acumulação primitiva e as relações capitalistas para a criação de estereótipos que restringem o ser feminino ao campo doméstico. Nesse discurso a mulher é associada ao protagonismo no lar, e por serem considerados elos frágeis, não puderam ocupar frente nos campos de batalha. Esses estereótipos evidenciam funções: os homens dominam a frente de batalha e as mulheres ocupam a retaguarda, como enfermeiras, cozinheiras, lavadeiras, vivandeiras entre outras funções domésticas. Atribuem a eles papéis heroicos e de grandes destaques nos cânones historiográficos e a elas, quando mencionadas, ocupam papel subalternos e menos valorizados.

Por fim, no capítulo três, **Representação feminina em Cunhataí e Guerra entre irmãos**, desenvolveremos a análise das obras elegidas, a qual é organizada em três subtítulos: 3.1 Poemas inspirados na Guerra do Paraguai: uma guerra em lírica; 3.2 Revisitando a Retirada da Laguna análise narrativa de *Cunhataí*: Taunay revisitado; e 3.3 Representação das personagens femininas: Ana Preta, Elisa Lynch, Micaela e as Bravas mulheres de Naveira, entre outras. A metodologia adotada corresponde à investigação, ao levantamento e à análise interdisciplinar, histórica e literária de duas obras de escritoras brasileiras inspiradas na Guerra do Paraguai/*Guasu*⁸. As bases teóricas e o suporte crítico a serem utilizados são voltados para as questões do feminino, da representatividade e da história e historiografia da guerra.

A afirmação “O protagonismo tem um gênero”, no título, refere-se à perspectiva regularmente assumida na “História Oficial”, que privilegia os heróis (homens), em detrimento das heroínas (mulheres) no conflito bélico. Entendemos que essa abordagem tende a sublimar a presença de determinadas mulheres. Ao desempenhar uma análise sobre as representações femininas nas produções literárias de Naveira (1997) e Lepecki (2003), notamos que ambas idealizam mulheres brancas, tidas como civilizadas e europeizadas em suas personagens ficcionais e históricas, marginalizando sujeitos fora desse padrão, como a personagem histórica “Ana Preta”. Tal visibilidade era condicionada a quem pertencia à elite,

⁸ A Guerra da Tríplice Aliança; Guerra do Paraguai são termos utilizados para referir ao conflito bélico apresentado anteriormente.

sejam esposas de militares notáveis, seja as praticantes de atos de bravura, embora a historiografia neorrevisionista esteja realizando novas leituras para as velhas fontes.

Como assinalado na epígrafe, a personagem histórica é marcada na ficção de Lepecki, na obra em análise, mas por outro lado o mesmo episódio é descrito na narrativa de Visconde de Taunay, onde só é mencionada por desempenhar esse “ato de bravura” (rasgou a própria roupa para estancar o ferimento de soldados no campo de batalha), porém seu sobrenome não foi citado, uma vez que era uma mulher e preta, nos aclarando uma categorização patriarcal, pois foi notavelmente uma heroína, mas por ser mulher preta não teve seu sobrenome imortalizado nessa narrativa memorialista. Da mesma forma, o excerto extraído da obra de Raquel Naveira ldestoa a voz de uma personagem histórica marginalizada e pouco visibilizada, as vivandeiras. Esse eu-lírico marca a presença desse grupo nos acampamentos, mercantilizando produtos e serviços aos soldados paraguaios. Considerando o exposto, este projeto visa contribuir do ponto de vista acadêmico e social, além de colaborar com os estudos acerca da geração de estereótipos na construção da imagem feminina na história, sobretudo no século XIX, refletido no apagamento de sua imagem na Guerra do Paraguai.

O ponto inicial para o desenvolvimento desta pesquisa foi o descritor "mulheres na Guerra entre irmãos: as figuras femininas em duas obras literárias". Em nosso questionamento, buscamos estudar os pontos em questão em consonância a historiografia envolvida. O estudo em questão é, portanto, de revisão bibliográfica e de caráter documental em relação a análise das obras. Foram eleitos artigos e escritos de autores/as nacionais (Ana Paula Squinelo, Moniz Bandeira, Maria Garritano Dourado, entre diversos outros), fundamentais para estabelecer ligação com os resultados precursores a esse. Ademais, somam-se escritos de outros países (Paraguai e Argentina). Basicamente, a pesquisa foi produzida assentada em levantamento bibliográfico, nesta reflexão compreendida a partir de Lakatos e Marconi: “Pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao objeto de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, [...]” (LAKATOS; MARCONI, 2013, p. 57). Ressaltamos que analisar toda a bibliografia já publicada, é humanamente dificultoso e pontuamos a impossibilidade de examinar em um único estudo dissertativo esse vasto material. Por outro lado, expressamos que uma diversidade de fontes bibliográfica foi consultada. Ademais, este estudo permeia a metodologia documental, com uma análise intrínseca dos pontos levantados.

Basicamente, optamos por uma revisão de artigos e livros que abordassem a temática historiográfica da Guerra do Paraguai e principalmente em pesquisas que investigam as mulheres na Guerra entre irmãos. Contemplamos, ainda, visando a uma compreensão do papel feminino na guerra, uma variedade de imagens (pinturas, filmes, monumentos) que formam um recorte que se aproxima de nossos sujeitos essas representações da figura feminina⁹, os quais nos apontam uma forma de questionar essa presença nos objetos que analisamos (a figuras de mulheres) de Naveira (1997) e Lepecki (2003).

⁹ Essa variedade demonstrada no subitem, já citado, permitiu delimitar os locais ocupados pelas mulheres na guerra, por outro lado, não representa o *corpus* analítico desse projeto de pesquisa.

1. Guerra entre irmãos: Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai

A guerra é um assunto de importância vital para o Estado; o reino da vida ou da morte; caminho para a sobrevivência ou a ruína. Desse modo, é indispensável estudá-la profundamente (TZU, 2015, p. 59).

Em treze capítulos do livro *A arte da Guerra*, de Sun Tzu são aplicadas lições estratégicas para se vencer uma guerra caso ela seja inevitável, contudo, em sua primeira lição, ressalta a grande importância de estudá-las profundamente, tanto no seu preceder quanto no posterior. Dessa forma abordamos inúmeras questões sobre essa guerra que nos é tão próxima e que afetou toda uma nação, seus mortos e descendentes.

A Guerra do Paraguai – nomenclatura oficial no Brasil – é considerada o conflito latino-americano de maior duração, datado de outubro/novembro de 1864 a março de 1870. A ela foram atribuídas diversas denominações, a exemplo de “Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai”, “Guerra Grande”, “Maldita Guerra”, “Guerra *Guasu*”, Guerra Oitocentista e “Guerra entre irmãos”¹⁰, variando de acordo com os contextos políticos dos locais em que ela é discutida. De um lado, estavam os países da Tríplice Aliança – Brasil, Argentina e Uruguai, e, de outro, o Paraguai. A disputa bélica gerou um grande saldo de mortos, tanto nos campos de batalhas, como em decorrência de doenças e epidemias. Em seu desfecho, os Aliados foram vitoriosos e afetou, de maneira significativa, todos os países envolvidos, conforme afirma Bethell (1995, p. 12): “[...] a guerra teve um impacto profundo sobre os assuntos econômicos, sociais e políticos de todos os quatro países nela envolvidos”.

O historiador inglês, em sua reflexão intitulada *A Guerra do Paraguai*: história e historiografia, realizou um estudo amplo do confronto. O autor aponta que o conflito iniciou com a declaração de guerra pelo Paraguai, em primeiro lugar ao Brasil e à Argentina e, posteriormente, ao Uruguai, realizando, assim, uma investida contra os referidos países (BETHELL, 1995). Vale ressaltar que, no caso do território brasileiro, a área em disputa estava em situação litigiosa e, dessa forma, não pertencia a nenhuma nação. Sobre a extensão da guerra, Bethell discorre que:

Foi sem dúvida a mais prolongada e – com exceção da Guerra da Crimeia – a mais violenta guerra interestados já ocorrida em qualquer parte do mundo entre 1815 e 1914, consumindo aproximadamente 300 mil vidas (embora, à luz da pesquisa moderna, o número de 200 mil ou até 150 mil vidas possa ser considerado uma estimativa mais razoável) (BETHELL, 1995, p. 12).

¹⁰ Utilizamos o termo “Guerra Entre Irmãos” e “Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai” como sinônimo de Guerra do Paraguai/Guerra *Guasu*.

A primeira fase do confronto é a ocupação, compreendida entre dezembro de 1864 e outubro de 1865. Os espaços diziam respeito à província de Mato Grosso, a Corrientes, na Argentina, e ao Rio Grande do Sul. De maneira geral, litígios territoriais, ocupações e ataques com interesses voltados à livre navegação do rio Prata eram regulares no período. A formação da América do Sul é marcada por disputas coloniais, declínios e ascensões imperiais. Os fatos que desencadearam a guerra foram relacionados à construção dos Estados nacionais na região platina.

As tensões que antecederam o conflito bélico de XIX na região platina se arrastavam há décadas e havia divergência ao delimitar as fronteiras territoriais e a navegação livre pelos rios da Bacia Platina, que afloraram após a intervenção do Brasil no conflito Colorado e Blanco do Uruguai. Em 30 de agosto de 1864, o Paraguai adverte o império de que não intervenha na ação uruguaia, mas no dia 16 de outubro de mesmo ano, militares brasileiros invadem o Uruguai e a Marinha broqueia, então, Montevideu, em apoio a Venâncio Flores (Partido Colorado). Além disso, entre as tensões prévias ao conflito que envolveu os países do Prata estavam: “a navegação dos rios da bacia platina, a definição das fronteiras internacionais e as disputas pelo predomínio político-econômico” (MARIN; SQUINELO, 2019, p. 78).

Vitor Izecksohn, no ensaio A Guerra do Paraguai, em *O Brasil imperial* (2011), ao dissertar sobre a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, apresenta-nos o contexto platino que antecedeu o conflito, contrastando o século XVII - o ciclo da prata, reformas administrativas e a tentativa de salvar o império - e o XIX, com a busca pela independência e muitos retrocessos.

Nesse sentido, vale destacarmos os preceitos de Ana Paula Squinelo, que discute os aspectos sobre o desenvolvimento da guerra. Segundo a autora, na década de 60 do século XIX, o objetivo de expandir os domínios de territórios na Bacia Platina mobilizou a disputa, tanto quanto uma série de acontecimentos prévios entre os aliados e o Paraguai, como “[...] o vencimento da moratória fronteiriça entre Brasil e Paraguai e também deste com a Argentina, sendo que nenhuma das pendências havia sido resolvida” (SQUINELO, 2003, p. 19), e a sucessão presidencial de Carlos Antonio López pelo filho, Francisco Solano López.

Em função de tais pendências, o conflito se formou logo após a declaração de apoio, por parte do Império, ao político e militar Venâncio Flores, ex-presidente uruguaio, que invadiu o Uruguai, o que foi visto pelo Paraguai como ofensa e intimidação. Em

contrapartida, o país respondeu, capturando o navio brasileiro “Marquês de Olinda” e todos seus tripulantes, que já havia sido liberado no Porto em Assunção e seguia viagem em Potrero-Poña, quando capturada. Na sequência, a embarcação brasileira foi incorporada à Armada Paraguaia, como resposta à invasão brasileira ao Uruguai.

No livro *Guerra entre irmãos* (1997), Naveira mapeia em seus versos o conflito

VII – Mapa da Guerra

Observe este mapa:

As colunas paraguaias passaram por aqui,
Por Dourados,
Onde havia torrões áureos pelas ruas,
Pelo destacamento militar de Nioaque,
Onde um bugre quebrara a clavícula.

Estas linhas azuis
São os rios por onde navegaram os soldados:
O Apa,
Grudado em Bela Vista,
Como uma folha verde,
Rodeada de lama,
O Taquari,
Cheio de cachoeiras
E corixos.

Esta mancha marrom esverdeada
É o Pantanal
Com suas vazantes,
Por ali passaram os retirantes
Pisando antúrios e cogumelos,
Caçando patos sob espinheiros,
Jogando boi às piranhas,
Fugindo de onça pintada,
Acompanhando tristes
O voo das garças caladas.

Estes pontos negros
São cidades,
Foram saqueadas,
Destruídas,
Jardim,
Que era tão florida,
Ponta Porã,
Ponta bonita,
Encravada na fronteira.

Este mapa guarda o segredo dos cavaleiros,
A rota das violetas empapadas de sangue,
A sombra das mangueiras violentadas de amarelo.

Este é o mapa da guerra
Em terras de Mato Grosso.

(NAVEIRA, 1997, p. 21)

Nesse poema, a autora remete ao trajeto que as colunas paraguaias seguiram, passando por Dourados, Nioaque, Bela Vista, Jardim e Ponta Porã, no antigo Mato Grosso. Além de citar episódios de destruição, outro ponto levantado é acerca dos elementos regionais a cultura local, como as vazantes pantaneiras, a onça pintada, o rio Taquari entre outros elementos

Cronologicamente, a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai foi o maior conflito bélico do século XIX na América Latina, com extensão de cinco anos, findando com a morte de Francisco Solano López em 1º de março de 1870 e a vitória dos aliados. Em 1864 pressões na região platina aumentaram, em novembro uma crise uruguaio-brasileira abalou a relação com o Paraguai. O *start* foi à tensão entre o Partido Blanco em exercício de governo com o presidente Prudêncio Berro (único aliado político de Solano na região), contra o Partido Colorado, liderado por Venâncio Flores e apoiado pelo governo brasileiro. Estes organizaram uma revolução. Em contrapartida, López ordenou a captura do navio mercante Marquês de Olinda e ocupou a província de Mato Grosso, território disputado pelo Brasil e o Paraguai. Logo, o Mariscal solicita passagem de suas tropas pela província de Corrientes para o governo Argentino, seu pedido foi negado, pois o presidente Bartolomé Mitre foi aliado do Brasil e dos Colorados.

No dia 7 de janeiro de 1865, o Império brasileiro cria o Corpo de Voluntários da Pátria¹¹ e convoca a Guarda Nacional para compor as unidades militares, para lutarem na guerra contra o Paraguai e formar o Exército Brasileiro. Os Voluntários da Pátria, em tese, seriam homens que deveriam se voluntariar espontaneamente para proteger a pátria. Esse chamado desencadeou um movimento nacionalista no princípio do conflito. Ademais, no dia 1º de maio do mesmo ano, a Argentina, o Império do Brasil e o Uruguai assinam o Tratado da Tríplice Aliança em Buenos Aires, formando assim a frente aliada.

¹¹ Decreto n.º 3371, assinado pelo presidente do Conselho Francisco José Furtado e todos os ministros.

Em 11 de junho do mesmo ano, ocorre a Batalha Naval do Riachuelo, na província de Corrientes na Argentina, às margens do afluente do rio Paraná, o arroio Riachuelo, imortalizada na pintura Victor Meirelles, na obra “Combate Naval do Riachuelo”. Em agosto, foi travada a Batalha do Yataí ou Javaí, as tropas aliadas enfrentam a paraguaia em solo argentino, Corrientes, perto de *Paso de los Libres* e é considerada uma batalha de grande importância na segunda fase da guerra.

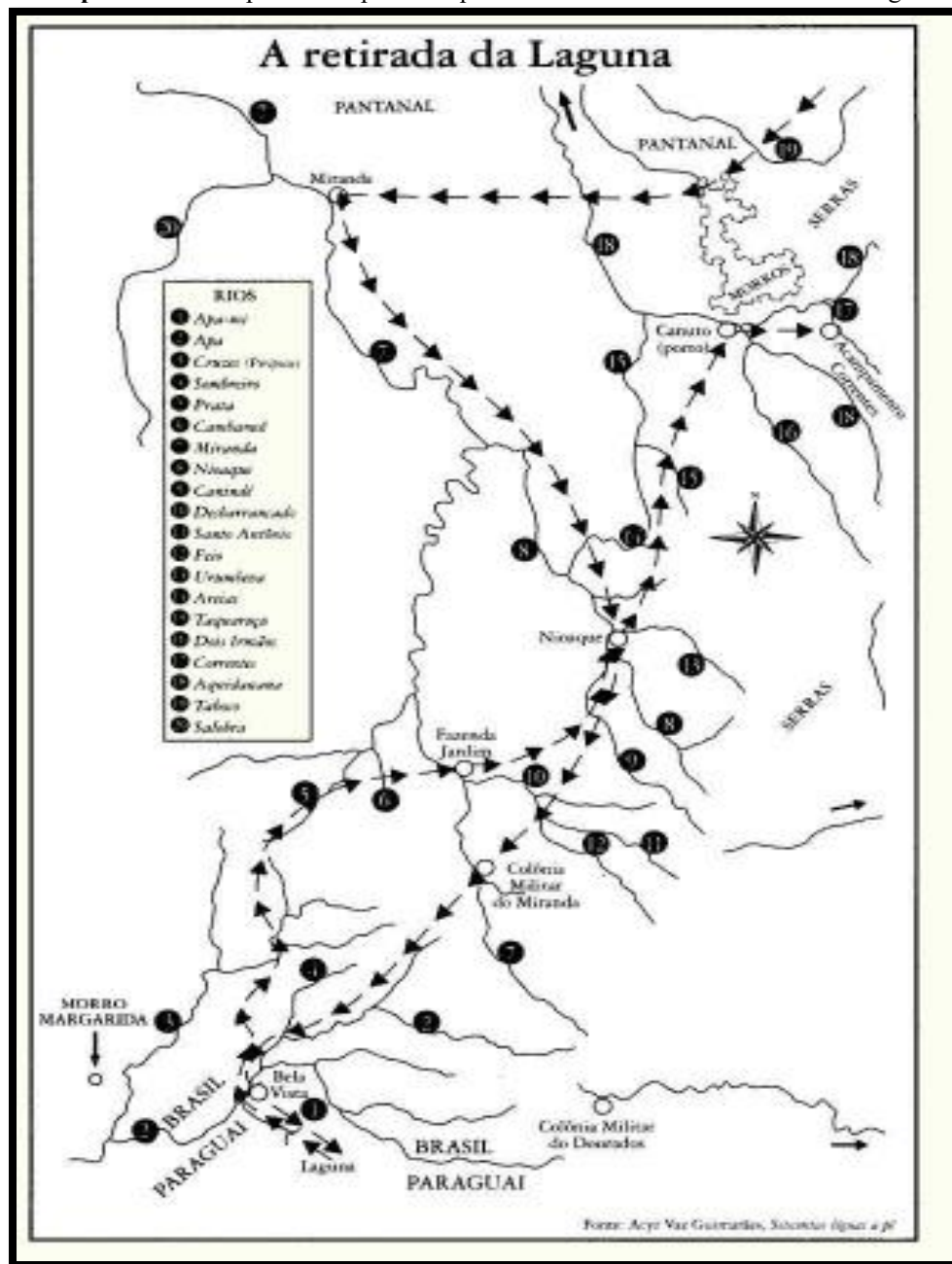
O ano de 1866 foi marcado pelo dia 24 de maio, pela Batalha do Tuiuti, considerada a maior batalha campal latino-americana. Às margens do Tuiuti em solo paraguaio, o exército aliado venceu a batalha sob o comando do general Bartolomé Mitre. Em outubro desse mesmo ano, o marquês de Caxias assume o comando das tropas aliadas. No dia 22 de setembro, a tropa aliada é derrotada na Batalha do Curupaiti, às margens do Rio Paraguai, no Forte de Curupaiti, considerada a maior derrota da tropa aliada. Em outubro, Duque de Caxias assume o comando do exército brasileiro. Em 6 de novembro foi ofertado a liberdade¹² de escravos que servissem nas forças armadas.

Já em fevereiro de 1867, inicia uma árdua retirada, essa foi uma dura e penosa marcha, narrada na obra de Visconde de Taunay *A Retirada da Laguna*¹³, além de intitular a obra de Taunay o mesmo nome foi dado ao episódio em que soldados brasileiros fugiram da investida paraguaia. A Campanha de Mato Grosso pertence à fase inicial da Guerra do Paraguai, iniciada após a investida paraguaia, durou de dezembro de 1864 até abril de 1868 com a retirada de tropas brasileiras. E o episódio da Retirada da Laguna (maio a junho de 1867) findou com a chegada da tropa brasileira a margem do Rio Aquidauana, no porto de Canuto, marcha de 35 dias, percurso detalhado no mapa abaixo, disponibilizado por Doratioto (2002) e baseado em Seiscentas Léguas a Pé de Acyr Vaz Guimarães.

¹² A abolição do trabalho escravo no Brasil ocorreu em 13 de maio de 1888, dezoito anos após o fim do conflito, sendo último país a abolir a escravidão na América Latina, levado por pressões externas.

¹³ A Retirada da Laguna, além de intitular a obra de Taunay também foi o nome atribuído ao episódio em que soldados brasileiros fugiram da investida paraguaia, com término em 11 de junho. Passagem também abordada em nossos objetos de estudo, em *Cunhataí* a personagem principal Micaela parte junto à coluna brasileira nessa expedição rumo à fronteira Brasil /Paraguai, vestida com roupas tipicamente masculinas. Raquel Naveira trabalha esse fato em um poema dedicado a retirada.

Mapa 1 - Percurso percorrido pela Campanha de Mato Grosso e a Retirada da Laguna



(DORATIOTO, 2002, p. 125).

Passagem também abordada em nossos objetos de estudo, em *Cunhataí* a personagem principal Micaela parte junto à coluna brasileira nessa expedição rumo à fronteira Brasil /Paraguai, vestida com roupas tipicamente masculinas. Raquel Naveira trabalha esse fato em um poema dedicado à retirada. O objetivo inicial da coluna foi livrar o Mato Grosso da ocupação paraguaia, mas se tornou um grande desafio de sobrevivências, pois enfrentaram obstáculos naturais, como época de chuvas e as cheias dos rios, a falta de provisões, alimentação, medicamentos, doenças como um surto de cólera, além de investidas da cavalaria paraguaia. A cólera levou um dos comandantes da coluna o Coronel Camisão,

durante a marcha. Em contrapartida, no dia 3 de novembro, a força aliada vence a segunda batalha de Tuiuti.

Em sequência, apontamos o mesmo episódio marcado por Naveira, em seu poema “XXI – Taunay e a Retirada da Laguna, assim:

XXI – Taunay e a Retirada da Laguna

Quem é esse jovem

Que ama a música,

A literatura,

Tem vocação para escrivão de esquadra,

Escreva que se afoga em tinta,

Num mar de ideias,

Garranchos,

Suores ?

Seus olhos estão cheios de angústia e fadiga,

Não sabia que a carreira das armas era tão dura,

Que seria impossível atacar o Paraguai

por Miranda e pelo Apa,

Adentra com o coronel Camisão o teatro da guerra,

Conduzidos pelo guia Lopes.

Entre brenhas e banhados,

Chegaram a Laguna:

Fome,

Fogo,

Febre,

Era preciso retroceder,

Retirar não é fugir,

É preciso retroceder,

Retirar não é fugir,

É preciso marchar

Léguas e léguas a pé

Na terra encharcada,

Nós atoleiros de água pútrida

No iodo,

Carregando as marcas dos coléricos.

A visão da Grande Serra de Maracaju,

Do rio na cheio de Jaús,

Surubim,

Pintados,

Piraputanga,

É o paraíso;

Laranjas e limões matam a sede dos ossos,

Das almas ressequidas.

Quem é esse jovem

Que escreveu para mim tão dolorosas memórias

Entre calafrio,

Arrepios,

Pavor da morte?

Esse que registrou tudo com lirismo

E sopro da epopéia?

Quem é ?

É Taunay.

(NAVEIRA, 1997, pp. 49- 50).

Além disso, em 1868 o exército aliado invade o sul do Paraguai rumo a Assunção, a Campanha de Humaitá. Logo após, ocuparam, pelo sul, a província de Mato Grosso, em

território brasileiro, dando início a Campanha de Mato Grosso, em fins de / ou em novembro de 1864.

Em 1º de janeiro de 1869, as tropas aliadas ocupam Assunção e logo Luque (estabelecida como capital provisória, por Solano). A batalha de Campo Grande, também conhecida como Acosta Ñu¹⁴, ocorrida em 16 de agosto, de 1869, o Visconde de Taunay participa dessa batalha e registra em sua obra *Memórias*. A morte de Francisco Solano López é vista por muitos como o marco do término do conflito. Oficialmente, datado em 1º de março de 1870, com a morte da última resistência paraguaia e o Mariscal López, na Batalha final de Cerro Corá. O Paraguai perdeu cerca de 25% de seu território, além da grande perda de sua população masculina. Em 1869, as forças aliadas ocupam Assunção no Paraguai com intuito de cumprir as negociações e instaurar um governo anti-lopista, permanecem até 1876.

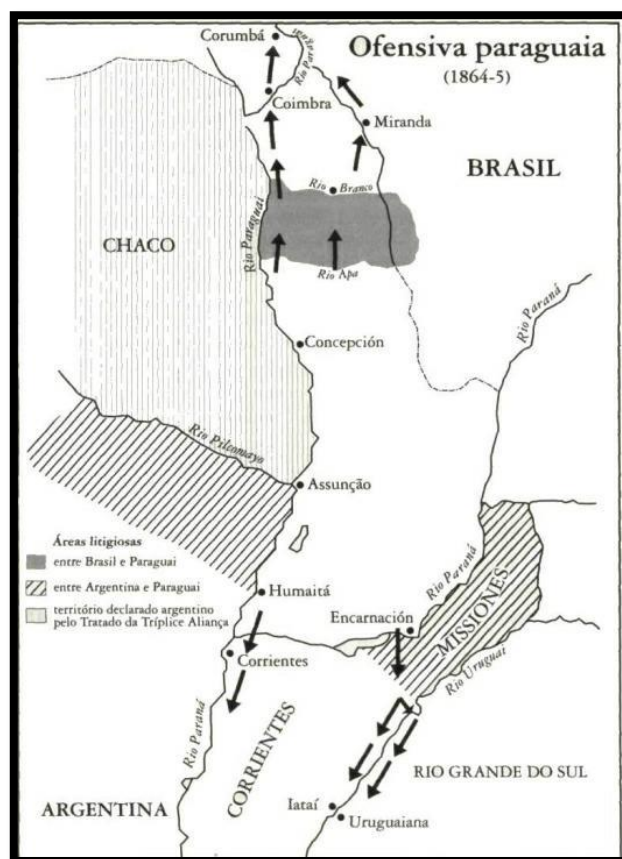
A Guerra do Paraguai pode ser dividida em três fases: a ofensiva paraguaia, a contraofensiva dos aliados e a caça a Solano López. A primeira fase (a ofensiva paraguaia) é marcada de dezembro de 1864 a outubro de 1865 e nesse primeiro momento o Paraguai esteve à frente das ações, com a ocupação das províncias de Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Corrientes. Acerca da ofensiva paraguaia, os pesquisadores Marin e Squinelo (2019) destacam que:

Treze dias após o aprisionamento do navio Marquês de Olinda, os paraguaios iniciaram várias frentes de ofensiva contra o Brasil, ocupando diversas regiões da província de Mato Grosso. Essas foram comandadas, por água, pelo coronel Vicente Barrios e, por terra, pelo coronel Francisco Isidoro Resquín. As primeiras ações foram a tomada do forte Coimbra, da Colônia Militar de Dourados e da vila de Miranda, em dezembro de 1864, e da vila de Corumbá, em janeiro de 1865. De acordo com o general Raul Silveira de Mello, a ocupação foi planejada, pois foi precedida pelo envio de vários espiões que levantaram informações estratégicas importantes para organizar a ofensiva. (MARIN; SQUINELO, 2019, p. 82)

Assim essa ocupação ocorreu em variados locais da província de Mato Grosso, o mapa marca o território em litígio, entre o Brasil e o Paraguai, área em paralelo ao Rio Branco e Rio Apa em divisa com o Rio Paraguai (ao sul da província de Mato Grosso onde hoje é Mato Grosso do Sul) e entre a Argentina e o Uruguai. Doratioto (2002) ilustra a ofensiva no mapa a seguir:

Mapa 2 – Corresponde à primeira fase da guerra de ofensivas paraguaias

¹⁴ Em Guaraní “Ñu” significa campo, portanto a tradução fica “campo do Acosta”, nome dado pelos paraguaios referente ao local que ocorreu a batalha.



(DORATIOTO, 2002, p. 94).

Em dezembro de 1864, o Paraguai ataca a província de Mato Grosso. Em março, o Paraguai invade a Corrientes na Argentina, capturam em 13 e ocupam dia 14 de abril. E no dia 5 de agosto, ocupam a Uruguaiana no Rio Grande do Sul. Ao final de 1865, a tropa paraguaia é expulsa e derrotada na Batalha do Riachuelo. Iniciando a defensiva, ainda ocupando Mato Grosso.

Em um segundo momento, à contraofensiva dos aliados houve o ataque de tropas aliadas contra o Paraguai. Nesta fase o Paraguai assume a defensiva das ações, e a partir de outubro de 1865, a tropa aliada avança em território paraguaio. Esse momento é marcado de outubro de 1865 a julho de 1868, sendo caracterizada pela ofensiva aliada invadindo o Paraguai, em 1866. Os focos principais de batalhas foram ao sul do Brasil, áreas entre o Rio Paraguai e Paraná. López concentra forças em Humaitá, para evitar progressão inimiga. O exército aliado encontrou forte resistência paraguaia ao invadir o Paraguai. Isso afetou o desenvolver da guerra, prolongando a duração do conflito, e esse prolongamento afetou todos países envolvidos, de forma mais intensa no Paraguai, pois as principais batalhas foram em solo paraguaio.

A terceira fase da guerra ocorreu nos anos finais do conflito, tradicionalmente conhecida como a Caça a Solano López, caracterizada pela perseguição ao Mariscal López, após o Conde d'Eu substituir a Caxias em 1870, com intuito de captura do líder do exército opositor. Após as forças aliadas instalarem um governo provisório em Assunção, esse dirigido pelo opositor de Solano López, o paraguaio Cirilo Antonio Rivarola. E, com o afastamento do Duque de Caxias, Luís Filipe Gastão de Orléans, genro do imperador Dom Pedro II, assume o comando das tropas aliadas com intuito de buscar a total derrota paraguaia e, ainda, conduz as tropas aliadas contra a pouca resistência paraguaia, na Campanha das Cordilheiras.

1.1 . Historiografia da Guerra do Paraguai: uma guerra com várias versões

Neste sentido, a partir de uma visão ampla sobre o confronto já citado, podemos ressaltar três principais versões, sustentadas por pesquisas e argumentos, vigentes em determinado espaço temporal e regularmente perpassadas no ensino escolar como verdade absoluta, conforme pesquisa Squinelo (2003, p. 21):

Três momentos marcaram essa produção historiográfica: o primeiro que abrange os livros escritos por protagonistas ou não do conflito, no período que se estende do final da guerra até a década de 1960, oferecendo uma visão 'patriótica' do conflito, como, por exemplo, as obras de Frago e Pombo; o segundo, que compreende os estudos divulgados a partir de 1960, que desenvolveram a 'visão imperialista' do litígio, como os de Pomer e Chiavenato e finalmente, o terceiro, que agrupa obras editadas a partir da década de 1980, dentre as quais destacam-se os livros de Doratioto e Sales [...] (SQUINELO, 2003, p. 21).

A primeira construção historiográfica ocorrida no Brasil, desenvolvida por escritores militares ou não, acusam unicamente o comandante Solano López e sua ganância territorial como fonte da disputa. Essa é vista como um escape do Brasil Imperial a indagações que versavam sobre a inevitabilidade da guerra, e ela esteve presente no ensino brasileiro até a eclosão do regime militar. Nessa perspectiva, a guerra teria sido gerada pelo interesse dos paraguaios em ocupar o território brasileiro, o que demandaria um contra-ataque, mais especificamente voltado ao então comandante e presidente Francisco Solano López. Basicamente, a visão tradicional aponta que o conflito é decorrente da agressividade do Mariscal López, e as produções criticam a sua postura. Dessa forma, a vontade de fazer o Paraguai crescer ocupar territórios litigiosos e a ser ouvido no Prata era a versão mais estudada no Brasil.

A referida linha historiográfica é movida pelo lado vitorioso e se perpetuou por muito tempo, tendo enquanto principal argumento a barbárie do “outro”¹⁵, principalmente devido à animalização da figura de Solano López, amplamente divulgada pela imprensa aliada. Uma característica marcante das publicações da primeira linha historiográfica é grande número de relatos militares, em reminiscências e diários, voltados para descrever/narrar o cotidiano dentro e fora dos campos de batalhas. Já do outro lado da fronteira, no Paraguai, a imagem negativada do Mariscal foi recuperada por seus familiares, que aderiram a ele títulos heroicos, em homenagem a seu comando no exército, fator que o qualificou e marcou a sua perspicácia à frente de sua nação, característica do movimento o’learista.

Neste período, o predomínio de relatos de militares que participaram da guerra era intermediado pela memória. Dentre o século XIX e XX, os escritos sobre a guerra retratam homens transformados como heróis nacionais. Essas narrativas são denominadas “memorialístico-militar-patriótico”, que contribuíram para consolidar uma visão patriótica e nacionalista, e dentre as narrativas temos cartas, diários, reminiscências e memórias, dentre essas produções destacamos *A Retirada da Laguna*, de Taunay, e *Reminiscência* de Cerqueira, *Diário* de André Rebouças.

Além de livros de memórias de Campanha, as publicações de obras de caráter cívico foram, até a década de 60, *A Reminiscências da Campanha do Paraguai*, de Dionísio Cerqueira, publicada pela primeira vez em 1948, e As narrativas memorialistas, escritos de militares atuantes na guerra do Paraguai que escreveram essa experiência.

A vertente revisionista ou imperialista questionava o interesse britânico em dominar um possível concorrente, com potencial de expansão – o Paraguai, fator que atribuiria a guerra a uma armação da Inglaterra. A segunda versão historiográfica aponta influências externas, para interesses em comuns, sendo o Brasil executor de uma intervenção do império britânico, contra o Paraguai, uma potência em ascensão. Nesta linha podemos destacar o pesquisador León Pomer¹⁶, aponta “o interesse britânico pelo livre comércio, porém, acrescenta uma informação adicional: a guerra foi financiada pela Inglaterra, mas não foi causada por ela e nem, provavelmente, incentivada ou desejada” (BARROSO, 2005, p. 3).

A partir da concepção historiográfica que aponta influências externas, o Brasil foi o executor da intervenção do império britânico contra o Paraguai, uma potência em ascensão,

¹⁵ O conceito sobre o “outro” segue o pensamento de Homi Bhabha (1998), em “*O Local da Cultura*”. O termo e suas especificações serão debatidos no segundo capítulo desta pesquisa, com intuito de entender a forma com que o outro paraguaio (a) é retratado (a) nas obras selecionadas e na historiografia brasileira.

¹⁶ Historiador argentino, representante do revisionismo historiográfico.

por possuir interesses comuns com a Inglaterra. Esse eixo explicativo foi bastante divulgado por escritores como Júlio José Chiavenato, em *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*, cuja primeira edição é de 1979. O posicionamento do autor é considerado polêmico, pois ele afirma que o governo brasileiro encobriu os verdadeiros motivos e mandantes da guerra (CHIAVENATO, 1980).

De acordo com Chiavenato (1980, p. 11), aspectos econômicos desencadearam o conflito, e as questões territoriais, a exemplo das “[...] reivindicações territoriais da Confederação Argentina e do Império do Brasil”, foram secundárias. “Só houve um ganhador: a Inglaterra” (CHIAVENATO, 1980, p. 30). Acreditamos que essa afirmação sintetiza grande parte do pensamento apresentado por Chiavenato em sua obra *Genocídio Americano*, pois em sua teoria a Guerra entre irmãos foi financiada e manipulada por interesses britânicos, causando assim total dependência econômica dos países aliados (Brasil Imperial, Argentina e Uruguai) com os bancos ingleses.

Para ele, a Inglaterra tinha inclinações mercantilistas, dessa forma seu objetivo era infligir o “Jovem Paraguai”, que se encontrava em progresso industrial, uma vez que o método paraguaio era simples: trazer do exterior todos os técnicos que o país precisava para poder implantar a base de seu desenvolvimento industrial. Um fator prova desse desenvolvimento apresentado por Chiavenato é o fato de o Paraguai produzir suas próprias armas com metal nacional (Ybycuí), solidificando cada vez mais a estrutura econômico-industrial, além de exportar “erva-mate, fumo e outros produtos” (Ibidem, p. 32). Satiriza, ainda, o fato do Império brasileiro importar até um alfinete, em suma, a tese de Chiavenato aponta em seu livro que a guerra foi uma ferramenta para impedir a emancipação econômica nacional da república paraguaia. Pensamento que tira o julgo de tirania imposto sobre López ao findar a Grande Guerra e lhe atribuindo o papel heroico e defensor do progresso.

Dessa forma, o estudioso defende que o imperialismo inglês não aceitava mudanças no mundo e que “[...] durante mais de cem anos pairou uma onda de mentiras sobre a Guerra do Paraguai. Junta-se a essa onda de mentiras um silêncio criminoso [...] ficando definitivamente colonizado pelo capital inglês” (Ibidem, p. 9). (Uma das justificativas alegadas por ele é a restrição dos documentos históricos mais importantes aos/as pesquisadores/as. No que se refere à documentação, Chiavenato conclui que:

Substitui-se então uma história crítica, profunda, por uma crônica de detalhes onde o patriotismo e a bravura dos nossos soldados encobrem a vilania dos motivos que levaram a armar brasileiros e argentinos para uma destruição da mais gloriosa república que já se viu na América Latina. Uma República, a do Paraguai, que se não fosse destruída, assassinada junto com

seu povo, modificaria por completo a própria história dos americanos que teriam, muito provavelmente, todos os elementos para se libertarem do jugo de tiranos mistificados de civilizadores como Mitre, de caudilhos criminosos como Venâncio Flores ou de meros joguetes nas mãos do capital internacional como Pedro II (Ibidem, p. 10).

Ademais, no âmbito dos escritos de Chiavenato (1979), o saldo de mortos foi exorbitante, indicando que a população paraguaia antes da guerra era composta por 800 mil pessoas, dentre as quais apenas 194 mil sobreviveram – 14 mil homens e 180 mil mulheres. Com 606 mil mortos, portanto, o percentual de óbitos foi de 75,75% dos habitantes. Sua versão, no entanto, foi desacreditada, pois pesquisas mais atuais, como a do historiador francês Leslie Bethell (1995), defendem que o número de mortos está entre 150 e 300 mil. A ótica revisionista foi divulgada, formou e impactou gerações de brasileiros de 1960 até meados de 1990. Essa versão revisionista permaneceu, foi divulgada, formou e impactou gerações de brasileiros. De acordo com Maestri (2013), o revisionismo historiográfico é definido como o questionamento e reinterpretação de exposições históricas dominantes.

Portanto, conclui-se que a emancipação da economia paraguaia significa ao imperialismo inglês ameaça “a um sistema econômico mundial, controlado por uma grande potência (a Inglaterra) que exportava setenta por cento da sua produção” (Ibidem, p. 44). Situação incompreendida por Carlos Antonio López, que resultou na falta de defesa para a ofensiva inglesa, executado pelos seus representantes os aliados, assim: “todo o progresso é a sua sentença de morte” (Ibidem.) Dessa forma, pela perspectiva de Chiavenato, a origem da Guerra do Paraguai está apoiada na ideia que Carlos López se vê ameaçado por obter progresso nacional.

A linha neorrevisionista, por sua vez, é definida pelo empenho de diversos (as) historiadores (as) em revisitar a historiografia do conflito, e a partir da década de 1990 já se observa uma nova configuração nos anos 1980 e consiste até a atualidade. A proposição predominante é a de que a guerra se iniciou por consequência de conflitos regionais, pela necessidade de navegar livremente no Rio Paraguai¹⁷ e pelas disputas territoriais. Nesse terceiro momento histórico, pesquisas de diversos campos construíram uma linha historiográfica que evidencia novos sujeitos.

¹⁷ Afluente do Rio Paraná, banha quatro países, nasce em Mato Grosso, no município de Alto Paraguai, Brasil. Banha também o estado de Mato Grosso do Sul.

Ademais, pesquisas como de Moniz Bandeira contribuem para o neorrevisionismo histórico, ele analisa e afirma que o “Reino do Brasil, longe de ser um ‘joguete’¹⁸ nas mãos das potências europeias” (BANDERA, 2012, p. 32). O autor aponta que o Império resistia às pressões da Grã-Bretanha, “para a proibição do tráfico de escravos africanos”, principal pilar de funcionamento da economia brasileira da época, o que provocou a ruptura das relações entre o império e os ingleses, em 1863. Com isso, Moniz aponta uma linha oposta ao do revisionismo difundida por Julio José Chiavenato, em *Genocídio Americano* e no Paraguai com León Pomer, *La Guerra del Paraguay: Gran negocio!*

Além de realizar uma densa pesquisa bibliográfica histórica acerca da expansão do Brasil e de Estados na Bacia do Prata, em sua pesquisa destaca “As diversas especulações que viram nessa guerra uma manipulação maquiavélica da parte da Grã-Bretanha para destruir um regime hostil ao câmbio livre e aos interesses britânicos não têm o menor embasamento factual” (Ibidem, p. 33). Para mais, demonstra que o Paraguai não tinha a afamada potência econômica apontada pela linha imperialista, pois ainda se encontrava em desenvolvimento, e afirma que o era chamado de,

“Prússia sul-americana”¹⁹ era um pequeno Estado baseado em uma economia agropecuária rudimentar, com alguns esboços de modernização em infraestrutura e pequenas plantas industriais, realizados, sobretudo por técnicos britânicos [...] O Paraguai dos López tinha pouco peso efetivo e, apesar de numerosos esforços, não conseguiu financiamento externo, nem internacional, nem regional, nem antes, nem durante a guerra, e sim embarcou em uma campanha propagandística internacional de supervalorização de seus recursos populacionais econômicos e militares [...] (Ibidem, idem, Op. Cit.).

Ele aponta que essa potência sul-americana era na verdade um Estado pequeno e não tinha condições e recursos suficientes para emplacar uma disputa direta com britânicos, como defende Júlio José Chiavenato. Moniz também descreve que a falta de informações genuínas levou ao prolongamento do conflito, impactando profundamente esferas sociais, políticas e econômicas, atingindo os países envolvidos.

Segundo o historiador brasileiro Francisco Doratioto (2002), a Maldita Guerra²⁰ ganhou projeção por conta da imprensa. O seu estudo, não ancorado na história social e/ou cultural, contrapõe-se à segunda linha historiográfica, a qual sustenta que o conflito foi

¹⁸ O termo *joguete* vem do espanhol que significa brinquedo, sendo uma metáfora para manipulação. Mesmo termo utilizado por Chiavenato (1980), principal defensor do revisionismo.

¹⁹ O autor aponta que o termo *Prússia Sul-americana* está relacionado com a república do Paraguai. Um renome que na prática não era a realidade paraguaia.

²⁰ Utilizo essa nomenclatura para referir a Guerra do Paraguai, mas também é o título da obra de Doratioto (2002).

mobilizado pelo Brasil e pela Argentina sob influências britânicas, além de detalhar acontecimentos e batalhas empreendidas.

Dessa forma, Doratioto (2002) se torna um marco para a “Nova história da Guerra do Paraguai”, em concomitância com as pesquisas de Doratioto. Diversificando as temáticas, pesquisadores como André Toral, Ricardo Salles, Maria Teresa Garritano Dourado, Ana Paula Squinelo, entre outros, romperam com o viés da análise tradicional da guerra, que contribuíram para romper com o revisionismo tradicional, que se assentava na vertente causal foram supostos ataques europeias, entendendo que “[...] as publicações revisionistas acerca da Guerra do Paraguai, que mitificam a Solano López e responsabilizavam o imperialismo britânico pelo conflito” (DORATIOTO, 2002, p. 20). E aponta que defender essa interpretação pode ser resultado da “ignorância histórica” e da dificuldade de reconhecer o erro. Doratioto (2002) compara a Maldita Guerra a outros conflitos armados do período, pontuando que, além de duradouro, o confronto teve como agressor e derrotado o lado paraguaio.

É notório que, para o Cone Sul, a Guerra do Paraguai foi importante para definir o contexto e suas delimitações e impactou a economia e a política do Brasil Império. Tendo em vista a diversidade bibliográfica²¹ da luta armada, André Toral (2012), filiado à terceira vertente da historiografia, produziu um material iconográfico, enfocando imagens em que levanta questões acerca do conflito. Por fim, na atualidade, a guerra continua suscitando pesquisas nos bancos acadêmicos. Muito já foi difundido, mas entendemos que o ineditismo não se encontra apenas no que ainda não foi escrito, e sim nas novas visões sobre o “passado”, a história, o cruzamento com outros campos e ciências, e a maneira com que se interage com o outro, seja com os países vizinhos, seja no ensino, por exemplo.

Desse modo, a história da guerra é contada no pretérito, mas a sua historiografia pode ser revestida por olhares diferentes. Para simplificar, concluímos que a historiografia da Guerra do Paraguai foi interpretada a partir de três linhas historiográficas: a tradicional (oficial), a revisionista e a neorrevisionista (nova historiografia). Por fim, vale salientar que o nosso maior interesse não é validar as versões criadas sobre o conflito, mas problematizar as diversas perspectivas. Nossa hipótese é a de que há múltiplas interpretações e, por consequência, diferentes versões que perpassam os interesses e as épocas nas quais a luta armada foi analisada. Em outras palavras, desde o findar da guerra em 1870, a história do

²¹ A pesquisa citada integra a tese de doutorado de André Amaral de Toral, em História Social. Juntamente, o autor desenvolveu o livro de quadrinhos “*Adeus, chamego brasileiro: uma história da Guerra do Paraguai*”.

conflito é mediada por inúmeras variações, alternando a dualidade entre heróis e vilões. Em contrapartida, o papel desempenhado pela linha revisionista atua de modo a delimitar as reais condições sobre os países envolvidos.

1.2 Guerra *Guasú*: ¡Vencer o Morrir!

[...] Uma lança perfura o ventre de López,/ Outro soldado acerta-lhe a testa com um sabre,/ Cambaleando,/ Cego,/ Resistindo sempre,/ O ditador de constância indomável/ Tenta atravessar o riacho,/ Brandindo a espada frouxamente/ Pronuncia a frase: “-Morro com minha Pátria”, Verdade cruel/ Como um tiro pelas costas [...] (NAVEIRA, 1997, pp. 63-64).

A Guerra *Guasu* se encontra no rol dos maiores conflitos latino-americanos do século XIX, pelo conceito de guerra total e o grande número de mortos e feridos. O Brasil Imperial, a Argentina e o Uruguai – os aliados – se uniram contra o Paraguai, cuja capital é Assunção, e as línguas oficiais são o Espanhol e o Guaraní. Além disso, o país está localizado em posição central, possui fronteiras territoriais com o Brasil, Bolívia e Argentina, mas não tem um litoral, ou seja, uma saída direta para o mar. A história do conflito, sob a perspectiva paraguaia, é analisada por diversos pesquisadores/as. Assim como no Brasil, a historiografia paraguaia atravessa por linhas históricas.

A pesquisadora Argentina María Victória Baratta, na obra *La Guerra del Paraguay y la construcción de la identidad nacional* (2019), da Coleção Paraguai Contemporâneo, pensa o conflito do século XIX para a construção de uma identidade nacional Argentina. Acerca do conflito, a autora informa que foi de grande extensão, as primeiras batalhas ocorreram em cenário aliado até 1866, quando passou definitivamente para o território paraguaio, como saldo ao Paraguai uma grande derrota e devastação econômica, territorial e demográfica. Baratta também apontam os impactos à nação paraguaia no desfecho do conflito, em nível de guerra total, e seu efeito sobre o perdedor gerou grandes debates morais acerca das abordagens historiográficas sobre o conflito bélico, para mais, a autora adiciona que

No final da guerra, milhares de soldados do exército aliado morreram. A magnitude das mortes no Paraguai tem uma escala muito maior: mais da metade da população paraguaia perdeu a causa do conflito. A escalada da violência evoluiu de forma imensurável e fatores externos no campo de batalha agravaram a situação. Como aponta o historiador Luc Capdevila (2010), o Paraguai sofreu uma guerra total, um acontecimento referencial, uma experiência incomparável pelos efeitos que também sofreram os países aliados (BARATTA, 2019, p. 22, tradução nossa²²).

²² Al finalizar la guerra habían muerto docenas de miles de soldados del ejército aliado. La magnitud de víctimas fatales en Paraguay tuvo una escala mucho mayor: más de la mitad de la población paraguayana pereció a causa

A autora também declara que “Lá a guerra não é conhecida como Guerra do Paraguai, mas como a Guerra da ou contra a Tríplice Aliança, ou a Guerra de 70 ou Guerra *Guasu*, que em guarani significa Grande Guerra” (Ibidem, idem, p. 23, tradução nossa²³). A nomenclatura do conflito no Paraguai se afasta da oficialmente utilizada no Brasil e Argentina, assim ela aponta que pensar esse termo relega a ideia de responsabilidade aliada, também pela guerra ter se desenvolvido majoritariamente em território paraguaio ou em destaque ao principal prejudicado, contudo justifica o uso de todas formas como sinônimo, sem pretensão de encerrar essa discussão nem se estender a ela. A mesma abordagem foi empregada a essa pesquisa, todas perspectivas como sinônimos, no que tange à perspectiva paraguaia a utilização das formas Guerra Guasu/ Grande, e as outras formas para abordar por uma mirada aliada.

Segundo Pizarro (2001), em uma série de artigos publicados no *El Cívico*, o estudioso Cecílio Báez propõe reconhecer os heróis pátrios. Pizarro disserta sobre esse momento e o posicionamento de López, pois “[...] Báez considerava a Mariscal López como o causante dos males do país [...]” (PIZZARO, 2001, p. 98, tradução nossa²⁴). Além disso, em uma carta direcionada à juventude paraguaia, o autor discorre que a verdade e a educação são as únicas esperanças para a reconstrução de seu país:

Eu digo que a verdade deve se dizer ainda contra o crédito do próprio país, porque essa é a maneira de servir e corrigir seus erros. Que mal há em dizer que o despotismo tem embrutecido o povo paraguaio, anulando seu sentido moral e seu sentido político? Que mal há em dizer que o tirano López acometeu ao Brasil e à Argentina sem causa justificada, acarretando ao país sua ruína e o extermínio de seus habitantes? [...] Devemos educar o povo para voltar a cair baixo o jugo do despotismo. Só os povos embrutecidos são o pasto das tiranias [...] É necessário multiplicar as escolas para educar o povo [...] por falta de instruções, o povo paraguaio não tem costumes democráticos (PIZZARRO, 2001, p. 98-99, tradução nossa²⁵).

del conflicto. La escalada de violencia se volvió imparable y factores externos al campo de batalla agravaron la situación. Como señaló el historiador Luc Capdevila (2010), Paraguay sufrió una guerra total, un evento referencial, una experiencia incomparable a los efectos que también sufrieron los países aliados (BARATTA, 2019, p. 22).

²³ "Allí la guerra no es conocida como la Guerra del Paraguay sino como Guerra de o contra la Triple Alianza o Guerra del 70 o Guerra Guasu, que en guaraní significa Guerra Grande" (Ibidem, idem, p.23).

²⁴ “[...] Báez consideraba al Mariscal López como el causante de los males del país [...]” (PIZZARRO, 2001, p. 98).

²⁵ Yo digo que la verdad debe decirse aun contra el crédito del propio país, porque esa es la manera de servile y corregir sus errores. Qué mal hay en decir que el despotismo ha embrutecido al pueblo paraguayo, anulando su sentido moral y su sentido político? Qué mal hay en decir que el tirano López acometió al Brasil y la Argentina sin causa justificada, acarreando al país su ruina y el exterminio de sus habitantes? [...] Debemos educar al pueblo para volver a caer bajo el yugo del despotismo. Sólo los pueblos embrutecidos son el pasto de las tiranías [...]. Es necesario multiplicar las escuelas para educar al pueblo [...] por falta de instrucción, el pueblo paraguayo no tiene todavía costumbres democráticas (PIZZARRO, 2001, p. 98-99).

Solano López, que foi venerado enquanto “heroe” em sua Pátria, passou a ser vilanizado e foi considerado traidor por um conjunto de intelectuais que inauguraram o antilopismo. Queiróz (2016) aponta que Yegro (2011) afirma que a concepção defendida por Cecílio Báez indica que Solano López era um algoz e suas ações desencadearam a guerra. De acordo com o autor, o Mariscal:

[...] queria a guerra, que os governos paraguaios anteriores haviam evitado. Afirma que ele se envolvera em assuntos alheios ao Paraguai [...] Para ele, o fato que teria iniciado a guerra fora o aprisionamento do navio imperial Marquês de Olinda pelo governo paraguaio” (YEGRO, 2011, p. 142 *apud* QUEIRÓZ, 2016, p. 165).

Em oposição ao pensamento anti-lopista, defendido por Báez, Juan E. O’Leary²⁶, busca o projeto de resgate ao lopismo²⁷, que se opõe ao entendimento de que Solano foi o maior causador da devastação ao país. Assim, o estudioso se propõe a devolver o orgulho perdido ao povo paraguaio.

Cecilio Báez e Juan O’Leary foram membros da geração de 900. Essa geração se destacou no pós-guerra, formado por uma elite intelectual que dissertava diretamente ou indiretamente sobre o Paraguai, foi um dos primeiros grupos voltados ao estudo da história e cultura paraguaia. Parte dos intelectuais²⁸ da geração dos Novecentos, como Báez e O’Leary, são considerados “pré-historidores, considerando-se que não eram e não praticavam uma historiografia científica” (Ibidem, p. 158), ambos ganharam destaque por desempenhar o estudo e análise da história paraguaia.

Ademais, O’Leary e outros intelectuais paraguaios, a exemplo de Anselmo Jover Peralta, buscou reivindicar os “héroes pátrios”, enquanto resposta à campanha argentina, que justifica a guerra dos aliados contra a Tríplice Aliança “[...] como uma luta de civilização aliada contra a barbárie lopista” (BONALUME, Lições 4, *apud*, PIZARRO, 2001, p. 99, tradução nossa). No que se refere à atribuição de desqualificadores ao confronto:

A frase que qualificou a guerra da Tríplice Aliança como uma “guerra de civilização contra a barbárie” é do escritor e político argentino Faustino Sarmiento, mas foi adotada quase que como um *slogan* pelo conjunto dos aliados: ‘Para a historiografia tradicional brasileira, ele [López] era um monstro sanguinário e megalomaniaco, disposto a criar um império no Rio

²⁶ Juan Emilio O’Leary (1879–1969) foi um jornalista, político, poeta e historiador paraguaio, nascido em Assunção.

²⁷ Esse movimento tem como intuito reabilitar a imagem do Mariscal Francisco Solano López, esse que passa a ser visibilizado, como grande líder.

²⁸ Blas Garay (1868 – 1935); Juan O’ Leary (1879 – 1969); Manuel Domínguez (1834 – 1945); Fulgencio Moreno (1872 – 1933); Arsenio López Decoud (1867 – 1945); Ignacio Pane (1879 – 1920); Eligio Ayala (1879 – 1930) e Manuel Gondra (1871 – 1945).

da Prata por forças armadas, no que foi impedido por grandes heróis como General Duque de Caxias, Luis Alves de Lima e Silva (1803-1880), o general Marquês Herval, Manuel Luís Osório (1808-1879), ou o almirante marquês de Tamandaré, Joaquim Marquês de Lisboa (Ibidem, idem, tradução nossa²⁹).

A historiografia do pós-guerra assenta-se no discurso “civilização contra a barbárie”, neste a figura de López foi associada a adjetivos negativos como sanguinário, megalomaniaco e algoz, tornando-se princípio de verdade “difundido” pelos historiadores brasileiros e uruguaio, até meados do século XIX. Ao contestarem tal visão, outros intelectuais contribuem para as teorias revisionistas da segunda abordagem historiográfica. Para desmitificar o barbarismo lopista, apontam o país como uma nação feliz e poderosa. É necessário refletir que esse movimento de posição liberal critica a política autoritária, marcada pelo nacionalismo de cultura colorada, com a maior ditadura política. Os historiadores Moreira e Quinteiros (2016, p. 72) apontam três momentos formativos que fundamentaram a ideologia do pensamento revisionista da guerra, no Paraguai, assim: o momento “fundador”, o “difusor” e o “revisionismo regional”. O primeiro tem como um dos precursores o estudioso paraguaio Juan Emiliano O’Leary, trazendo a discussão sobre o “lopismo”.

O segundo momento é difundido por referência de O’Leary e apresenta o paraguaio Juan Natalicio González, consolidando o revisionismo através da direção e criação de uma revista e editora. O último momento foi liderado por autores argentinos que consideravam a Guerra da Tríplice Aliança como fator determinante para entender fatores econômicos na região rio-platense do século XIX. Os autores também discutem a historiografia da guerra a partir do Paraguai, eles contribuem para entender questões relativas ao revisionismo paraguaio, dessa forma:

A interpretação revisionista da Guerra do Paraguai iniciou-se entre fins do século XIX e começo do XX, consolidando-se no Paraguai nas primeiras três décadas do século XX. Sua difusão no marco latino-americano foi facilitada pela ação de intelectuais paraguaios que constituíram suas respectivas redes de relacionamentos com pensadores de diferentes países do continente (MOREIRA; QUINTEIROS, 2016, p. 72).

²⁹ La frase que calificó la guerra de la Triple Alianza como una “guerra de civilización contra la barbarie” es del escritor y político argentino Faustino Sarmiento, pero fue adoptada casi como un *slogan* por el conjunto de los aliados: “Para a historiografia tradicional brasileira, ele [López] era um monstro sanguinário e megalomaniaco, disposto a criar um império no Rio da Prata por forças das armadas, no que foi impedido por grandes heroes como o general Duque de Caxias, Luis Alves de Lima e Silva (1803 – 1880), o general marquês Herval, Manuel Luís Osório (1808 -1879), ou o almirante marquês de Tamandaré , Joaquim Marquês de Lisboa (BONALUME, Lições 4, *apud* PIZARRO, 2001, p. 99).

Portanto, eles destacam os intelectuais O’Leary e González como historiadores ativos do revisionismo histórico paraguaio, com o discurso hegemônico da guerra, dentro e fora do Paraguai, uma vez que “participaram em distintos circuitos de socialização, dentro e fora do Paraguai e em diferentes momentos do século XX” (BREZZO, 2007 *apud* MOREIRA; QUINTEIROS, 2016, p. 73. Além disso, destacam-se ao explicar as razões para a escassa produção historiográfica paraguaia no pós-guerra, para eles, as contribuições foram o isolamento durante a ditadura de Francia (1811-1840) e a restrição de acesso às fontes ainda em etapa inicial.

É importante ressaltar que os intelectuais que formavam a Geração de 900 integravam a elite intelectual, criada no “Colégio Nacional (1877) e da Faculdade de direito e da Universidade Nacional (1889), responsáveis por levar a debate a questão histórica para “explicar a ‘questão nacional’” (Ibidem.). Também nos apontam a relação polêmica entre dois representantes de linhas opostas; Cecilio Báez do partido liberal e O’Leary partido colorado. Brezzo comenta que: “a origem do mito fundacional da memória nacional deve ser rastreada nos escritos de Blas Garay (1873-1899) e do argentino Martín Goicoechea Menéndez”.

Segundo Moreira e Quinteiros, o intelectual Garay levanta a questão do mito fundacional nacional paraguaio, a qual defende o início da nação paraguaia no povo guarani. Esse mito não se fixou, mas se ramificou em outro mito fundador da pátria mestiça, que se disseminou amplamente em meio ao nacionalismo revisionista e ao governo de Carlos Antonio López, momento também nomeada idade de ouro. Ademais, com textos que miraram na memória nacional paraguaia, Moreira e Quinteiros (2016) dissertam que os textos do argentino Goicoechea Menéndez contribuíram, pois destacam a coragem e o papel heroico das mulheres, por isso ele é reconhecido como precursor do revisionismo histórico no Paraguai.

Nessa posição, Menéndez nos aponta que o revisionismo histórico paraguaio busca, na figura da mulher, construtores da memória nacional paraguaia. As questões acima são de grande importância uma vez que esses fatos históricos têm grande influência na historiografia mais atual, por ser considerado ponto inicial histórico, por exemplo, as mulheres que essa pesquisa investiga. Por outro lado, o foco de nossa pesquisa é voltado à mulher brasileira e ressalta nosso grande interesse em ter as mulheres paraguaias envolvidas nesta pesquisa. O estudo realizado por Moreira e Quinteiros é fundamental para entender essas questões históricas paraguaias, consideramos referência básica para todos que partem para qualquer outro estudo relacionado à guerra do Paraguai.

No cenário da historiografia paraguaia, importantes investigações de grupos de pesquisas encontram-se em destaque, dentre eles distingue-se o papel do (CPCH), o Comitê Paraguaio de Ciências Históricas, um conselho fundado em 15 de agosto de 2015 em Assembleia na sede do *Ateneo Lidia Guanesque* organiza e coordena diversas atividades investigativas por meio de uma abordagem mais crítica e diversificada. Essa instituição sem fins lucrativos é um dos membros do Comitê Internacional de Ciências Históricas (Comitê Internacional des Sciences Historiques CISH-ICHS)³⁰, com sede na França.

O Comitê Paraguaio tem como intuito, o ensino e o estudo da história como disciplina no Paraguai, e composto Herib Caballero Campos, Anahí Soto Vera, Victoria Taboada, Jazmín Duarte, David Velázquez Seiferheld, José Emilio García, Michael Huner, Bridget María Chesterton, Guillaume Candela, Carlos Gómez Florentín, Barbara Gómez, Roberto Céspedes Ruffinelli, Claudio José Fuentes Armadans, Ana Barreto, José Arce, Erasmo González e Ignacio Telesca (Segundo a plataforma paraguaia Ciencia del Sur/ cienciasdelsur.com). Ademais, tem como meio de divulgação de pesquisas, eventos e qualquer conteúdo que contribuem para a difusão da História as redes sociais, com o fito de aproximar e quebrar fronteiras, por ser um conteúdo público e com passível acesso de qualquer interessado. O uso dessas plataformas vem a acrescer que o conhecimento não está apenas restrito aos muros das academias, ele transcendeu e hoje é global.

1.3 Mulheres no maior conflito platino do século XIX

Neste trabalho, realizamos um levantamento bibliográfico sobre a presença/ausência feminina no maior conflito bélico na região Platina, a fim de analisar como a história oficial do conflito atribuiu às mulheres papéis coadjuvantes. Em ambos os lados do conflito, observamos a referida participação, uma vez que, da mesma forma que muitas brasileiras se voluntariaram, as paraguaias também defenderam sua pátria. Segundo Colling (2016, p. 237): “[...] a Guerra do Paraguai acompanhou o silêncio destinado às mulheres como todos os eventos que tratam política”. Retomando as obras de Chiavenato (1979) e Doratioto (2002), consideradas marcos na historiografia, a autora discorre que elas são “[...] escritos sobre homens e para homens” (COLLING, 2016, p. 238), pois quando as integrantes femininas são

³⁰ O Comitê Internacional de Ciências Históricas foi fundado no dia 15 de maio de 1926 em Genebra, na Suíça. No início seus membros eram exclusivamente países europeus, dezenove no total. Logo, expandiu-se e atualmente estende-se a mais de cinquenta países, no Brasil a organização da Associação Nacional de História (ANPUH), também é membro do CISH-ICHS.

representadas, elas se tornam vítimas ou são inferiorizadas, como as sobreviventes paraguaias que foram incumbidas de reconstruir o país no pós-guerra.

No que se refere à presença feminina no conflito, as mulheres foram excluídas da História Factual, essa escrita pelo gênero masculino que marcou seus heróis, os escritos memorialistas pouco descrevem a presença de mulheres na frente de batalha, muitas vezes invisibilizando sua presença, sem nome ou sobrenome (como é o caso de Ana Preta). Privilegiando um único gênero, porém, os estudos mais recentes pertinentes à temática em questão vêm avançando para superar esse silêncio, tendo em vista que a presença feminina sempre esteve atrelada ao campo doméstico e dessa forma elas foram submetidas a ocuparem papéis coadjuvantes, atuando como enfermeiras, costureiras e cozinheiras, e não os campos de batalhas.

Para pensar acerca do “ofício do historiador”, a historiadora Michelle Perrot, em sua obra *Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros*, marca a sua indagação acerca da condição feminina na sociedade francesa conservadora. Ela parte das proposições que a analisa pelo ângulo econômico, social, cultural, “mental” e célebre, dado que esse

É um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculino, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do homem em geral, tão assexuado quanto à humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas –, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História (PERROT, 1988, p. 185).

O interesse de pesquisadores e pesquisadoras em aspectos como a presença do exército invisível de mulheres, índios, negros e crianças na Guerra entre irmãos ganha destaque. Essas pesquisas marcam que esses sujeitos eram condicionados a espaços secundários, com isso, juntamente como esses sujeitos invisíveis, encontra-se a historiografia do silêncio (COLLING, 2016), que

[...] nada mais é do que o reflexo das relações de poder que envolvem os fatos históricos. Se os/as historiadores/as não narram estes fatos, eles acabam por ser esquecidos, e ou/silenciados na grande arena política em que se desenrolam os embates. Michelle Perrot, já nos alertava que a história somente responde às perguntas que nós fazemos a ela (COLLING, 2016, p. 233).

Desta forma, se a História Oficial tende a ser excludente, interrogamos: como resolver as questões das minorias? Entendemos que essa minoria foram invisibilizadas nas primeiras publicações sobre a Guerra *Guasu* que se caracterizaram, como já afirmado anteriormente, por serem majoritariamente memorialistas; o intuito dessas produções era relatar feitos e

registrar momentos históricos, outro ponto passível de discussão seria que esse exército invisível estava à margem da possibilidade de registrar o fato. Ademais, também focaliza sujeitos marginalizados pela historiografia tradicionalista e alerta para que

[...] no caso da *Guerra do Paraguai*, leve em consideração as questões intrínsecas ao contexto platino do século XIX e, ao mesmo tempo, procure privilegiar os inúmeros outros protagonistas do conflito, como: os engenheiros militares, os escravos, as mulheres etc., sujeitos esses que, infelizmente, ainda permanecem à margem da história (SQUINELO, 2003, p. 40).

Cerqueira (1980), militar e escritor memorialista, registrou suas impressões sobre a Guerra a partir de suas vivências e inscreveu a participação da mulher no conflito de forma “positivada”, reconhecendo nelas sua bravura, seu companheirismo e sua persistência. De acordo com o autor:

Essas mulheres que seguiam o exército não tinham medo de coisa alguma. Iam às avançadas mais perigosas levar a bóia dos maridos. Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçados, vi-as mais de uma vez achegarem-se dos feridos, rasgarem as saias em ataduras para lhes estancarem o sangue das balas para os hospitais. Algumas trocavam amazonas por bombachas nos dias de combate, e as pontas das suas lanças formavam os salientes nas cargas, de seus regimentos (CERQUEIRA, 1980, p. 300).

Por outro lado, André Rebouças (1938, p. 125 *apud* SQUINELO, 2003, p. 97), ao registrar sua experiência de Guerra em um Diário, abordou a presença feminina com ironia, comicidade e desdenho, ao entender que não há

Nada de mais cômico do que o embarque dessa pobre Bohemia feminina, que há 6 dias não abandona as três Pontes nem mesmo à noite. Precipitando o momento de embarcar e de se ir ao Exército! As mulheres levarão quase sempre ao ombro 2 ou 3 periquitos e à cabeça utensílios de cozinha, etc., seus maridos protetores as seguem levando, de envolta com o armamento e equipamentos, objetos com eles formam os mais ridículos contrastes! (REBOUÇAS, 1938, p. 125, tradução nossa³¹).

Então, ainda que pertençam ao mesmo período histórico e abordem um tema equivalente, a perspectiva assumida é distinta. Cerqueira (1982) retratou no trecho anterior as mulheres que seguiam os soldados e atribui a elas a imagem de auxiliadoras, desempenhando papéis voluntários com coragem e determinação, presentes e que podem desempenhar atos de bravura. Por outro lado, Rebouças (1938) também representa os sujeitos femininos, mas de

³¹ Nada de mais cômico do que o embarque d’essa pobre Bohemia feminina, que a 6 dias não abandona as trez Pontes nem mesmo á noite, anhelando e precipitando o momento de embarcar e de se ir ao Exército! As mulheres levarão quase sempre ao hombro 2 ou 3 caturritos (periquitos) e à cabeça barrocos (utensis) de cosinha, etc, seus maridos protetores as seguem levando, de envolta com o armamento e equipamentos, objectos com elles formão os mais ridículos contrastes! (REBOUÇAS, 1938, p. 125).

maneira irônica, ao descrever sua presença levando utensílios domésticos ao contrastar com a presença masculina carregando o armamento. Além além de atribuir à figura feminina elementos do ambiente doméstico, ele emprega a elas esse espaço. Squinelo (2003) retoma essas “velhas fontes” a partir do prisma das “Novas Leituras”, isto é, das novas historiografias e narrativas.

Ana Maria Lima Rodrigues (2007) também examinou a participação das mulheres nas revoluções latino-americanas do século XIX, através de uma perspectiva historiográfica contemporânea. Em seu artigo “As mulheres e as Guerras de Independência na América Latina do século XIX: invisíveis ou inexistentes?”, analisa a presença dessas guerreiras, tendo a mulher como sujeito histórico. Acerca da “História Política tradicional”, Rodrigues (2007, p. 01) aponta que as influências do gênero masculino na narrativa que privilegia os grandes heróis em detrimento de sujeitos subalternizados e desprovidos de poder, pois essas narrativas foram construídas por um só gênero e para privilegiá-lo (homens, brancos escreviam sobre si). Por outro lado, as abordagens historiográficas tomadas por pesquisas neorrevisionistas evidenciam esses indivíduos silenciados pela história Oficial.

Para a Rodrigues, a abordagem de mulheres como sujeito histórico é condicionada à excentricidade e à curiosidade, recobrando as palavras de Lavrin, (1985, p. 9 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 2, tradução nossa³²): “[...] algumas determinadas mulheres têm escapado da unanimidade histórica devido aos seus grandes atributos pessoais ou a feitos que contradiziam os estereótipos aceitáveis pela sociedade em que viviam ou pela nossa”. É importante pensar que quem seleciona os feitos e, conseqüentemente, define as heroínas – ou não – são homens brancos e vencedores, produzindo um discurso padrão e excludente.

Ao buscarmos relacionar as figuras femininas ao conflito, destacam-se três personagens históricas, recorrentemente visibilizadas pelo lado paraguaio: a irlandesa Elisa Alicia Lynch, companheira do Mariscal López, também chamada de Madame Lynch; a baiana Ana Néri, essa membro da elite baiana, viúva e muito presente na historiografia por atuar como enfermeira no *front* de batalha e no contexto local - Mato Grosso do Sul – e dona Senhorinha, esposa de Guia Lopes, também é visibilizada pela narrativa oficial.

Por outro lado, há o apagamento de um exército invisível composto por inúmeras esposas, amasiadas, prostitutas, mães, filhas, irmãs, enfermeiras, lavadeiras, prostitutas,

³² “[...] algunas determinadas mujeres han escapado de la anonimidad histórica debido a sus grandes atributos personales o a hechos que contradecían los estereotipos aceptables por la sociedad en que vivían o por la nuestra” (LAVRIN, 1985, p. 9 *apud* RODRIGUES, 2007, p. 2).

costureiras, cozinheiras, benzedadeiras entre outras. Para se tornarem visíveis, elas eram condicionadas à realização de atos de bravura, como no caso da brasileira Ana Preta/Ana Mamuda, mulher liberta da situação de escravidão e citada por Visconde de Taunay apenas pelo seu primeiro nome, seguido de um adjetivo pejorativo e racista, que só foi legitimada após socorrer soldados feridos em meio à batalha, usando suas próprias roupas como bandagem. Para Taunay:

A preta Ana, mulher de um soldado, prevenira os cuidados da administração militar, nesta obra caridosa. Colocada durante o combate no meio do quadrado 17º, ela se desvelara com todos os feridos, tirando ou rasgando das próprias roupas o que faltava para os curativos ou ligaduras: proceder tanto mais digno de nota e de admiração quanto fora o da maioria das companheiras miserável. Escondidas quase todas sob as carretas, ali disputavam lugar com horrível tumulto (TAUNAY, 1963, p. 85).

Da mesma maneira, Maria Teresa Garritano Dourado, considerada uma das precursoras nos estudos de gênero e Guerra do Paraguai no estado de Mato Grosso do Sul, volta-se a esse tema. Em 2002, em sua dissertação intitulada *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis*: a presença feminina na Guerra do Paraguai, a pesquisadora nos indica aspectos que possibilitam desmitificar o referido silenciamento e entender o processo histórico, defendendo que

São homens escrevendo sobre homens, sendo as mulheres, quando mencionadas, meros detalhes, que nada contribuem para a compreensão do episódio ou, mesmo, do processo histórico. Na história da Guerra do Paraguai, muitas vezes, a mulher foi omitida, discriminada e ironizada (DOURADO, 2002, p. 12).

Conforme Dourado (2002), as mulheres estavam à margem e abandonadas à própria sorte, pois não tinham nenhum privilégio, ao contrário dos militares. Também marca a invisibilidade e omissão da figura feminina, assim historicamente essas mulheres se tornaram irrelevantes mediante o desenvolver do conflito, por essas narrativas.

As voluntárias da pátria, em seu turno, assumiram espontaneamente diferentes funções no decorrer da guerra. Elas enviavam seus filhos para lutarem, acompanhavam homens-soldados e os amparavam na retaguarda da luta, atendiam os feridos nas múltiplas batalhas, dentre o desenvolvimento de outras ações. Às costureiras coube cobrir o desconforto gerado pela nudez. As residentes, mulheres de elite, seguiam os soldados e foram tão atingidas quanto as destinadas, outro grupo alvo da vingança e da perseguição das tropas do Mariscal Solano López.

Ana Barreto (2020) adverte que o termo *residenta* é associado com sinónimo de caravana de mulheres que seguiram o exército, o que é parcialmente correto. E que não

apenas as mulheres que serviam dentro de acampamentos militares, na enfermaria, cozinha, lavanderia, mas em grande maioria eram as residentes que proviam e abasteciam os soldados.

Ainda nessa linha, dentre as pesquisas atuais, destaco a dissertação “O ensino da Guerra do Paraguai através das imagens: uma proposta para o uso da fotografia e da pintura”, a mestre Vera Lúcia Nowotny Dockhorn que, entre outros enfoques, abordou o tema das mulheres no conflito, o envolvimento de brasileiras e paraguaias visibilizadas por distintas extensões. As paraguaias foram mulheres tradicionalmente ligadas ao cultivo de alimentos, dentre outras funções médicas. No lado brasileiro, poucas foram notadas pelas narrativas do pós e durante a guerra, sobressaindo a figura de Jovita Feitosa, Dona Senhorinha e poucas outras. Esse grupo foi atingido por enfermidades, pois eram muito vulneráveis, não por descuido pessoal, mas social, pois os direitos foram assegurados pelos e para os soldados combatentes. As mulheres brasileiras, tanto as que escaparam da ocupação da fronteira, quanto as residentes nos acampamentos sofreram pelas agruras advindas da guerra.

A autora realiza um levantamento bibliográfico acerca do ensino da Guerra do Paraguai, em que destaca a partir sujeitos integrantes do exército invisível, dentre eles as mulheres, sujeito que parte essa análise. Além do levantamento bibliográfico acerca da guerra, a autora prepara um livro paradidático voltado para o ensino da Guerra do Paraguai. Em suma, ela perpassa pela importante participação feminina em ambos os lados do conflito, no durante e no pós-guerra.

Ainda sobre a pesquisa de Dockhorn, ressaltamos que a autora apresentou sujeitos atingidos pela Guerra do Paraguai, neste grupo temos mulheres, crianças, homens escravizados, negros e pardos, assim, ela não atingiu apenas militares, mas toda essa população comum. O pensamento usual que “o universo da guerra foi por muitos anos entendido como um ambiente masculino” (Ibidem, p. 141) é cenário diferente da Guerra Oitocentista. Dourado (2002) endossa que a participação feminina se deu em variados meios, elas também foram chamadas de “matriarcas, patriotas, andarilhas e vivandeiras, fugitivas e viúvas dos combatentes” (Ibidem, idem). Segundo Dourado, as matriarcas foram mulheres que além de residirem nas terras “vivenciaram o processo de ocupação” e colonização das terras sul mato-grossenses e em determinados momentos de suas vidas tiveram que assumir sozinhas a responsabilidade da criação de seus filhos e do cuidado com as terras.

Ela deixa claro que essas áreas se encontravam em estado litigioso com o Paraguai. Dentre as matriarcas sobressai “o caso de Rafaela Senhorinha Maria da Conceição Barbosa, mais conhecida como Senhorinha. Esta matriarca ficando viúva de seu primeiro

marido casou-se com seu cunhado José Francisco Lópes” (DOURADO, 2002, p. 50 *apud* DOCKHORN, 2020, p. 144). Dona Senhorinha como é referida em *A Retirada da Laguna*, pelo Guia Lópes, é uma mulher que, durante a obra de Taunay, situa-se aprisionada junto aos filhos, na saga Guia Lópes deseja muito resgatá-los, por isso aceitou guiar a marcha rumo à fronteira³³.

Ela é considerada o exemplo de mulher, visibilizada por narrativas históricas, uma vez que foi esposa do Guia Lopes, considerado pela história oficial um herói. A narrativa ressalta sua atitude de bravura e coragem, por outro lado o número de narrativas que evidenciam as mulheres brasileiras que participaram do conflito são limitadas, os nomes de mulheres pouco são referidos pelos memorialistas e historiadores, essa visibilidade foi condicionada, caso fossem esposas de militares que praticaram atos de bravura, neste caso seus nomes eram sempre vinculados ao do companheiro, membros da elite, ou se praticarem atos julgados como heroicos, no contexto brasileiro, a exemplo da personagem histórica Ana Preta, mencionada na *Retirada da Laguna*, por Taunay (1879), por socorrer soldados em meio a investida da cavalaria paraguaia, essa que rasgou sua própria roupa para estancar o sangue de soldados brasileiros e, mesmo assim, foi inserida a narrativa com seu primeiro nome Ana e adjetivo radicalizador Preta, ao invés de seu sobrenome.

As patriotas auxiliavam nos campos de batalha, como enfermeiras por exemplo. Entre muitas delas, motivadas pelo sentimento nacionalista patriótico, destaca-se Ana Justina Ferreira Néri, viúva, voluntária, membro da elite baiana. Ela pertenceu ao corpo de voluntárias, atuou em hospitais do exército. Ademais, outra patriota reconhecida é a Jovita Antônia Alves Feitosa, rosto de propagandas nacionalista de guerra, retratada pelo jornal *Diário Liga e Progresso*, em 1865.

³³ Entre aspas, pois, essa terra encontrava-se em situação de litígio, por isso vale ressaltar que a fronteira em destaque foi demarcada pelos jesuítas no período das expedições.

Figura 1 – Homenagem póstuma a Jovita Feitosa. **Figura 2** – Jovita Alves Feitosa posa armada e equipada.



(CARVALHO, 2019, p. 66)



(CARVALHO, 2019, p. 67)

A jovem piauiense Jovita Feitosa³⁴ vestiu-se com roupas masculinas (cortou seu cabelo, para não ser reconhecida como mulher), para partir a guerra, chegou ao posto de segunda-sargento. Acerca dessa ação de Jovita, a jovem voluntária, a postura foi incomum ao meio militar, pois socialmente criaram padrões em que a mulher circula em determinados espaços no caso, o domiciliar, e não em um conflito armado, exclusivamente masculino. Algo peculiar em Jovita se passa pelo fato de ter usado vestes militares, corte “masculino” e que sua feminilidade fugia aos padrões. Padrões que tinham maiores interesses em aparência, do que em sua bravura, coragem para partir a linha de frente.

O livro de José Murilo Carvalho, *Jovita Alves Feitosa: voluntária da pátria, voluntária da morte*, é a obra biográfica mais atualizada. Além de apresentar uma vasta pesquisa documental, o autor analisa variados documentos da época, como jornais, certidões, poemas entre outras produções. Ademais, Carvalho (2019) pontua pontos biográficos na Vida de Jovita, que nasce em Brejo Seco, nos sertões do Ceará, no ano de 1848.

Em dezembro de 1864, Jovita se muda para Jaicós, Piauí, onde fica na casa de seu tio Rogério. No dia 20 de junho, ela sai de Jaicós rumo a Teresina, em companhia de um batalhão de voluntário sob comando do capitão Cordeiro, após sua chegada ao início de julho, foi interrogada em 9 de julho pelo chefe de polícia José Manuel de Freitas. Em 10 de agosto do mesmo ano, embarca no navio a vapor para Paranaíba com outros voluntários, em 24 de agosto desembarca em São Luís no Maranhão, junto a oficiais. Sua chegada é comemorada

³⁴ Foi uma soldada brasileira voluntária na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

com um espetáculo teatral e fica hospedada na casa de Lafaiete Rodrigues Pereira, ajudante do presidente de ordens. Embarca em 26 de agosto no vapor Tocantins em direção à Corte, a bordo recebe a doação de um anel de brilhantes. É recebida em Recife, com espetáculo no Teatro Santa Isabel. Chega ao Rio de Janeiro no dia 9 de setembro, onde também lhe é proporcionado um espetáculo de teatro em sua homenagem no Teatro São Pedro de Alcântara.

Foram 37 dias de glórias desde sua partida. “Jovita viveu estonteantes momentos de glória” (Ibidem, p. 69). No dia 16 de setembro, o despacho do ajudante geral do Exército a recusa como combatente. Sua ida à frente de batalha é barrada e o ministro da Guerra José Antônio Saraiva oferece apoio para regressar ao Piauí “Na corte, repetiu-se o clima de exaltação. Mas logo veio uma ducha de água fria: a Secretaria da Guerra recusou sua incorporação como combatentes. Só poderia ser aceita para o serviço de saúde, como já o fora a baiana Ana Néri” (CARVALHO, 2019, p. 9).

Para auxiliar sua volta, foram oferecidos espetáculos beneficentes, em 17 de novembro parte de São Luís para Teresina. Em 1865 José Alves Visconti Coaraci (funcionário da secretaria do Ministério da Guerra) publica no jornal *Um Fluminense* *Traços biográficos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa*. Jovita regressa ao Rio de Janeiro em 1866. Na manhã do dia 9 de setembro de 1867, seu companheiro, o inglês Willian Noot, parte para Southampton e, na tarde do mesmo dia, ela suicida-se, no quarto em que residia Noot. Em 2017 foi aprovada a lei n.º 13423 e em 2018 Jovita foi inscrita no Livro dos Heróis da Pátria.

Carvalho aponta que apenas a Marinha brasileira estava preparada para a guerra, a tropa do Exército era composta de apenas 16 mil homens, com pouco treinamento e armamentos insuficientes, a Guarda Nacional não tinha treinamento militar, porém era numerosa, visto isto, o governo brasileiro necessitava aumentar seu contingente, por isso cria o Governo cria o Corpo de Voluntários da Pátria. Poder-se-iam voluntariar maiores de 18 e menos de 50 anos, de início despertou nos grande entusiasmo e patriotismo nos voluntários, esse entusiasmo pode ser notado na figura de exemplos de voluntariados cívicos, contudo destacamos algumas voluntárias com a dona Mariana Amália do Rego Barreto, com dezoito anos, se voluntaria. Ela discursa na praça pública, pedindo para que sigam seu exemplo, atendendo ao apelo, 28 voluntários incorporavam o corpo de voluntários, logo Mariana foi aceita para servir o hospital de sangue.

Outras voluntárias - como Isabel Maria da Conceição aos 22 anos - apresentaram-se “dizendo saber atirar e andar a cavalo. Queria ir à guerra para acompanhar um irmão que já sentara praça” (CARVALHO, 2019, p. 45). Outra voluntária do Ceará - dona Joana Francisca, retratada pela *Semana Ilustrada* em uniforme militar ao lado da bandeira nacional “O jornal *Cruzeiro do Brasil* de 17 de setembro de 1865 - menciona que essa dona Joana chegou ao Rio como segundo-sargento juntamente com Jovita Feitosa” (Ibidem). O autor também evidencia a participação e o reconhecimento da baiana Ana Neri:

Quando Jovita se apresentou, algumas já tinham sido contratadas como enfermeiras, como foi o caso da baiana Ana Néri, viúva do capitão de fragata Isidoro Antônio Néri [...] Teve desempenho excepcional, tornou-se patrona dos cursos de enfermagem e, em 2009, foi a primeira mulher a entrar para o Livro dos Heróis da Pátria (Ibidem, p. 46).

Além do grande destaque de Ana Neri como enfermeira atribuiu-se a ela um papel heroico por servir e auxiliar nos hospitais de sangue, marcando a história de mulheres na guerra do Paraguai, sendo precursora com seu nome no Livro dos Heróis da Pátria. Houve exemplos de mulheres que se vestiram de homens para enfrentar os paraguaios, Maria Francisca da Conceição foi uma mulher que ao ser impedida de seguir seu marido a frente de batalha, “Inconformada, cortou o cabelo, vestiu roupa do marido, arrumou o boné e foi. No ataque, apossou-se das armas do primeiro soldado abatido. Ao ver que o marido fora morto com um tiro na testa, calou a baioneta e saiu estocando os inimigos. No desastroso ataque a Curupaiti, foi levada ao hospital Diadorim *avant la lettre*, descobriu-se que era mulher” (Ibidem, p. 47).

As andarilhas ou vivandeiras, em sua maioria foram mulheres da população que acompanhavam o exército, elas seguiam filhos, maridos, companheiros e realizavam tarefas domésticas e rotineiras, também comercializavam produtos e serviços. A obra de Dockhorn (2020) é marcada por contribuir com a historiografia neorrevisionista do maior conflito bélico do século XIX, na América Latina. Ademais, ressaltamos que esse grupo de mulheres é protagonista no poema Kiguá-Verá da escritora sul mato-grossense Raquel Naveira, no livro *Guerra entre irmãos* (1997), esse que também é um dos nossos objetos de pesquisa, detalhado e analisado posteriormente neste estudo.

As fugitivas, segundo Dourado, foram mulheres que evadiram da ocupação paraguaia nas terras de Mato Grosso, desprotegidas escaparam em direção à floresta e cidades distantes, muitas foram alvos de todo tipo de violência pelos ocupantes. O ataque ao Forte Coimbra, pelos homens de López, ocasionou o colapso da segurança do estado, pois as autoridades foram-se. Os sobreviventes da ocupação relatam uma experiência de pânico e

incertezas pelos habitantes. Mulheres, crianças pequenas e pessoas idosas, por terem maiores dificuldades de locomoção, acabando por padecerem. As viúvas dos combatentes foram mulheres que mantinham relacionamento civil ou união estável, elas dependiam financeiramente de seu cônjuge, para manter a si e a filhos. Com suas perdas, o vínculo era comprovado mediante um conjunto de documentos.

Dentre as mulheres paraguaias, temos a figura da Irlandesa Elisa Alicia Lynch, dividindo opiniões e julgamentos, ela é considerada de grande importância (por quem?) na Guerra do Paraguai, pouco conhecida pelo público brasileiro, mas se tornou personagem fundamental na história paraguaia, ficou conhecido pela relação estabelecida com o presidente paraguaio Francisco Solano López. Elisa Lynch é objeto de estudo da pesquisadora brasileira Natania Neres da Silva, com a dissertação de mestrado intitulada “Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elisa Lynch” (2019).

Sem dúvidas, Elisa Lynch é um dos protagonistas da história do Paraguai tanto positivamente quanto negativamente. Recentemente, as escritoras paraguaias Anahí Soto Vera e Paola Ferraro lançaram a obra *Elisa Alicia Lynch: la madame en su contexto* (2020)³⁵, em que apresentam os principais pontos biográficos da vida da irlandesa e a forma que sua imagem foi interpretada por demais historiadores, Soto e Ferraro (2020) que o destino de Elisa Alicia Lynch se uniu ao de López desde Paris (onde o conheceu) até 1º de março de 1870 com a morte de seu companheiro em Cero Corá.

Madame Lynch foi mãe de sete de seus filhos, com sua morte passou a se responsabilizar por outros filhos do Mariscal. A senhora Lynch, pessoa excêntrica aos costumes da sociedade paraguaia, por seus gostos, educação e influências europeias, destoou da sociedade paraguaia da época, principalmente por seu estado civil “mujer separada – no era concebible en el mundo del siglo XIX, mucho menos em la conservadora y católica classe alta asuncena” (SOTO; FERRARO, 2020, p. 5). Por outro lado, essa elite não pôde evitar como seu modo europeizado se tornou tendência de moda e de estilo.

Figura 3: Elisa Lynch de joven

³⁵ Essa obra pertence a “Colección Protagonistas de la Guerra Guasu” (2020), publicada em Espanhol em formato digital, composto por doze livros, cada um, direcionado a uma figura considerada protagonista no conflito em questão.



(SOTO; FERRARO, 2020, p.18).

Mesmo ocupando papel de destaque nos acontecimentos e lançando tendências à sociedade, sua imagem passou a ser sublimada das fontes oficiais, uma vez que era vista pelo projeto “civilizador” e conservatório defendido por Juana Pabla Carrillo, esposa de López pai, como uma “concubina”. Da mesma forma, biografias sobre Elisa, publicadas ao final do conflito, apontam-na como “la cruel prostituta” e seu companheiro López por monstro e tirano. As produções historiográficas consideradas “fundacionales” de Héctor Francisco Decoud y Héctor Varela exprimem essa ideologia, que demoniza a figura do casal Lynch e López. Em contrapartida, Martin McMahon é considerado o único escritor do período que não acusa a Lynch, logo destacamos os trabalhos de Juan E. O’Leary, que buscaram a “redención” de Solano López, que por consequência demandou a sacralización de la *madame*. Em seguida, as autoras salientam a importância de estudos recentes, como dos(as) pesquisadores(as) Bárbara Pottast-Jukeit e Ana Barreto, Michel Lillis e Ronan Fanning que, acima de tudo,

pleitearam a “justicia histórica” para entender a *madame* e por terem “derrubado” certos mitos e proporcionado a compreensão da pessoa e do período” (Ibidem, p. 7-8), tradução nossa³⁶).

Na biografia de Michael Lillis e Ronan Fanning Calúnia (2009), é questionada a narrativa que aponta a Elisa como uma “lasciva meretriz”; “suas origens” entre outros temas. Versão contada após a Guerra do Paraguai pelos escritores que apoiaram os vitoriosos, essa má-fama vem antes. São Relatos injuriosos e sem comprovações documentais publicados por Hector Varela (jornalista argentino), considerado por ambos os autores em sua maior parte uma narrativa de “ficção romântica e às vezes delirante” (LILLIS; FANNING, 2009, p. 45). Da mesma forma, A obra *Elisa*, de Vicente Villa Vicencio, publicada em 1874, contribuiu para que essa versão perpetuasse em outras narrativas. Esse olhar que predominou por gerações “ainda defendido por historiadores anti-López, ainda tão divididos a respeito no Paraguai ainda hoje” (Ibidem, p. 48). Declaração autobiográfica – Protesto que faz Elisa A. Lynch, argumenta que sua separação ocorreu por volta de junho de 1854 e conheceu López seis meses após, portanto a acusação de ter levado uma “vida libertina” não passa de calúnia. A única evidência contra Elisa é uma carta endereçada a López “De Surville”, a qual sugere a passagem de Elisa pelo mundo das cortesãs parisienses.

Produções como a obra *Cunhataí* (2003) - um de nossos objetos de análise, pincela um estereótipo de Elisa Lynch, a mulher europeia que teve influências sobre o marido (Adiante pensaremos, como a figura dela é vista e posta pelo olhar de outro lado e a construção de estereótipos para essa figura feminina), é de valia ressaltar que a obra de Lepecki, sofre influência de um livro considerado cânone da literatura brasileira *A Retirada da Laguna* - publicado após o termino da guerra em 1871- escrita por um homem branco, militar e privilegiado, dedicado ao Império.

Acerca de Lynch, Dourado (2002) pontua a dificuldade de definir a “verdadeira Elisa Lynch” (Ibidem, p. 41), muitas gerações se interessaram e se interessam pela sua vida, atravessando século, é fonte de inspiração de produções contemporâneas como no poema “Madame Lynch”, em que o eu-lírico se pergunta por que é condenada. E o poema “O enterro de madame Lynch”, ambos de Naveira (1997), do livro *Guerra entre irmãos*.

Portanto, tanto Elisa Lynch quanto as Kiguá-Veras serão sujeitos recorrentes de análise neste trabalho. As duas obras citadas anteriormente de Lepecki (2003) e Naveira

³⁶ “‘derrubado’ ciertos mitos e proporcionado la comprensión de la persona y del periodo” (Ibidem, p. 7-8).

(1997) são objetos principais dessa pesquisa, estudado detalhadamente no capítulo III - Representação feminina em *Cunhataí* e *Guerra entre irmãos*.

Ademais, as paraguaias eram classificadas em três grupos: o das Residentas, que acompanhavam seus maridos, filhos, pais e irmãos; o das Destinadas, consideradas traidoras da Pátria, “desafetas” e pertencentes à elite, a exemplo de mães, esposas ou filhas de políticos; e os das Vivandeiras, que vendiam produtos e serviços, eram agregadas, não tinham parentesco com soldados, mas os seguiam, tornando-se amasiadas e se encarregando de afazeres domésticos.

Para mais, as autoras Dockhorn (2020), Potthast (2006) e Valinotti (2013) identificam nas mulheres paraguaias uma cultura de raízes indígenas e mercantes, notamos que, em suas produções historiográficas contemporâneas sobre as paraguaias, apontam que essas mulheres têm origens “tradicionalmente camponesas e ligadas aos cuidados e cultivo do solo” (DOCKHORN, 2020, p. 150), atuam no conflito, pois foram responsáveis por cultivar e abastecer com alimentos os acampamentos, para mais, teceram e costuraram para a república paraguaia, cuidando do abastecimento de alimentos e vestimentas aos soldados durante o conflito. Também, apontam que o fato de o Paraguai ter resistido às pressões militares dos países aliados e que “no hubiese grandes problemas para alimentar a la población hasta la última fase de la guerra ya llamó la atención de los contemporáneos” (Ibidem, p. 150 *apud* POTTHAST, 2006, p. 92).

Valinotti (2013) atribui a participação feminina também à tarefa de cuidar de doentes e feridos, jovens mulheres de 15 a 20 anos tratam de inúmeros doentes principalmente durante a epidemia de cólera, optando muitas vezes pela medicina natural, de conhecimento popular, vemos que conquistam destaque na manutenção de tradições.

Além disto, discute que a participação de mulheres paraguaias ao doarem suas joias, em apoio a sua pátria, esse ato foi visto como um admirável ato de patriotismo. Assim como no Império, as mulheres que tinham interesse em lutar e atenderam a propaganda de apoio patriótico, no Paraguai esse grupo de mulheres eram conhecidas como “el bello sexo”. Além disso, a participação delas na Guerra *Guasu* foi essencial na produção agrícola e abastecimento de alimentos e vestimentas do exército de López, porém essa participação é menos visibilizada e valorizada em relação à mulher combatente, portanto a participação feminina no Paraguai ocorreu de forma quase exclusiva nos campos agrícolas com poucas exceções nos campos de batalhas. No que tange às heroínas da imprensa, temos os nomes de Francisca Cabrera, Ramona Martínez, Bárbara Alen e Dolores Caballero.

De acordo com Valinotti, a figura das Residentas converteu-se com o tempo, “o arquétipo da mulher paraguaia, seus valores e qualidades: heroicidade até a ferocidade para defender a si mesmo; o muito masculino adjetivo de ‘virilidade’, mas também abnegação y acompanhamento do homem”³⁷ (VALINOTTI, 2013, p. 28, tradução nossa).

De tal maneira, a historiadora aborda a realidade das paraguaias no contexto bélico e a atuação delas enquanto enfermeiras, nos acampamentos e ao redor dos campos de batalha. Os sujeitos femininos foram, inclusive, obrigados a trabalhar para o governo na arrecadação de contribuições para a aquisição de insumos e suprimentos ao exército. Com intuito de atender aos feridos da tropa paraguaia, após uma investida na cidade de Corumbá, na fronteira brasileira, foram enviadas mulheres da elite “açucenas”. Valinotti ressalta que

A esposa do general Barrios era Inocência, irmã do presidente López e a alusão aos demais parentes se refere provavelmente a Carolina e Emerenciana Gill Barrios, sobrinhas do general Barrios. De feito, Carolina e Emerenciana foram as duas únicas mulheres nomeadas em grau militar por Francisco Solano López como Capitã e Tenente, respectivamente, por seu trabalho a frente do hospital para os feridos paraguaios em Mato Grosso (VALINOTTI, 2013, p. 19, tradução nossa³⁸).

As traidoras, depois de passarem pelos horrores da guerra, com violações, torturas, humilhações, foram transformadas em destinadas, pois “as intrigas, as traições, supostas ou reais, fizeram montar um Tribunal de Guerra que julgaram paraguaios e estrangeiros, utilizando a tortura para interrogatórios e sentenciando mais de 650 pessoas a morte” (VALINOTTI, 2013, p. 73, tradução nossa³⁹). Elas foram sentenciadas, culpadas e enviadas a acampamentos de trabalho por serem acusadas de traição a Solano López. Dentre elas, Pancha Garmendia, por exemplo, foi condenada à morte por não aceitar ser violada pelo Mariscal. Importante dizer que a de Garmendia, em relação a López, foi vista como um ato de resistência, inaceitável ao patriarcalismo da época, pois nossos corpos não podem ser negados a um homem, ainda mais por estar assentado em um nível hierárquico máximo, dessa forma

³⁷ “en el arquetipo de la mujer paraguaya, sus valores y cualidades: heroicidad hasta la ferocidad para defender su propio; el muy masculino adjetivo de “virilidad”; pero también abnegación y acompañamiento del varón” (VALINOTTI, 2013, p. 28).

³⁸ “La esposa del general Barrios era Inocencia, hermana del presidente López y la alusión a las demás parientes se refiere muy probablemente a Carolina y Emerenciana Gill Barrios, sobrinas del general Barrios. De hecho, Carolina y Emerenciana, fueron las dos únicas mujeres nombradas en grado militar por Francisco Solano López como Capitán y Teniente, respectivamente, por su labor al frente del hospital para heridos paraguayos en Mato Grosso” (VALINOTTI, 2013, p. 19).

³⁹ “las intrigas, las traiciones, supuestas o reales, hicieron montar um Tribunal de Guerra que juzgó a paraguayos y extranjeros, utilizando la tortura para interrogatorios y sentenciando a muerte a más de 650 personas” (VALINOTTI, 2013, p. 73).

Pancha Garmendia foi sentenciada à morte em 11 de dezembro de 1869, com 40 anos em Arroyo Guazú.

Figura 4 – Pancha Garmendia



(DOURADO, 2002, p. 86).

Para mais, a historiadora paraguaia Ana Barreto Valinotti apresenta na obra *Silvia Cordial*: la niña que vivió para contarlo a trajetória de uma menina que foi perseguida durante a guerra, a autora apresenta uma figura histórica, incomum a história tradicional, menina que quando adulta relatou suas penosas lembranças, essa que é integrante de uma família de grande influência no Paraguai. Barreto disserta que muitos testemunhos foram publicados antes mesmos do final da guerra, dentre eles o mais conhecido é intitulado *Siete anos de aventura en el Paraguay* da francesa Dorotea Duprat de Lasserre, relato carregado de detalhes, obra de Jorge Federico Másterman. Ademais, jornais como *La Reneración* publicaram de forma reduzida alguns desses relatos:

La *Reneración* também publicou, entre dezembro de 1869 e os primeiros meses de 1870, o testemunho e a declaração de muitas mulheres ‘destinadas’ que vieram dos campos de Espadín. Estes, muito mais curtos, além dos detalhes estavam – e se entendem perfeitamente – cheios de juízes de valor Solano López. Durante muito tempo, esses testemunhos foram a prova de confiança das barbaridades que o Mariscal havia feito e que equivocadamente levavam a confirmar que era – com justa razão – um

inimigo da civilização, tal como fora declarado pelo Governo Provisório (BARRETO, 2020, p. 6, tradução nossa⁴⁰)

A autora apresenta a visão da historiadora alemã Bárbara Potthast, que aponta em seus recentes estudos a possibilidade de ler esses testemunhos não apenas como acusatórios a figura de Solano, mas também como "expressões delas nunca afastadas de seu próprio lugar dentro da sociedade e de seu contexto – a fim- político e econômico"⁴¹, (tradução nossa⁴²), permitindo permear questões sociais dessas mulheres. A escrita das memórias de Silvia Cordal não foi escrita imediatamente, esse escrito pode ser dividido em dois capítulos, o primeiro está vinculado a sua infância na Guerra contra a Tríplice Aliança, e a segunda aconselha netos e filhos.

Sobre Silva, Barreto nos apresenta uma criança que nasceu em uma família de grande importância e influências e em berço de ouro (expressão utilizada por Ana Barreto). Apesar desse meio social, teve sua toda sua família transformada em “traidoras a la patria”⁴³, e essa relação que nos leva a compreender a posição desse grupo frente à guerra, todos que se opunham a López ou que procuravam qualquer outro desfecho como um tratado de paz, eram considerados traidores. Ademais, os soldados feridos em campo de batalha, se sobrevivessem, a sua família deveria abdicar qualquer vínculo publicamente, caso contrário seriam considerados traidores também.

Transformadas em residentes, as vivandeiras, Kiguá-Verás, também eram vistas como “gente de baixo/ gente comum”⁴⁴. Silva (1998) salienta que essas figuras eram mulheres do povo que foram obrigadas a seguir as tropas paraguaias. Além disso:

Embora a sorte desses dois grupos não fosse muito distinta, é importante lembrar que, salvo exceções, corresponde majoritariamente às kygua vera a transformação em residentes, que sem terem onde morar, obrigadas a abandonar sucessivas vezes suas casas, ainda que provisórias, desde os arredores de Asunción até os povoados do interior, seguem seus maridos, irmãos, pais, filhos ou algum outro parente, seus únicos referenciais após o caos em que a guerra se transformara. Do outro lado, coincidem com as representantes das “distinguidas famílias asuncenas” as destinadas, quase

⁴⁰ La *Renneración* también publicó, entre diciembre de 1869 y los primeros meses de 1870, el testimonio y la declaración de muchas mujeres "destinadas" que huyeron de los campos de Espadín. Estos, muchos más cortos, además de los detalles estaban - y se entiende perfectamente - llenos de juicios de valor Solano López. Durante mucho tiempo, esos testimonios fueron la prueba fehaciente de las barbaridades que el mariscal había hecho y que inequívocamente llevaban a confirmar que era - con justa razón- un enemigo de la civilización, tal como fuera declarado por el Gobierno Provisorio (BARRETO, 2020, p. 6).

⁴¹ Ibidem, idem.

⁴² “expresiones de ellas nunca alejadas de su propio sitio dentro de la sociedad y del contexto- al fin - político y económico” (BARRETO, 2020, p. 6).

⁴³ Ibidem, idem, p.41.

⁴⁴ A esse respeito, destacamos a pesquisa “*A noite das Kygua Vera: a mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança*” (1998), de Alberto Moby Ribeiro da Silva.

sempre aparentadas - por mais distante que fosse esse parentesco - com algum “conspirador”. (SILVA, 1998, p. 52).

Assim, constatamos que as discussões historiográficas acerca das mulheres no conflito foram distintas nos países envolvidos e que muitos olhares sobre elas foram estabelecidos, sobretudo pelo lado Paraguaio, mesmo ressaltando um conjunto de mulheres “residentas”, consequentemente invisibilizam outros grupos femininos participantes. A presença feminina, portanto, foi *olvidada* pela historiografia oficial, embora ela circunde as linhas narrativas de uma história que contempla apenas um conjunto célebre de sujeitos. Nesse sentido, os estudos imbrincados, no Brasil, na corrente neorrevisionista e no Paraguai os desenvolvidos por estudiosos nas últimas décadas possibilitam a emergência desse “exército invisível” e sem rosto nos textos. Portanto, notamos que pesquisas neorrevisionistas voltadas para as mulheres brasileiras na Guerra do Paraguai têm por base a referência de Dourado (2002), e da mesma forma ao nos referirmos às mulheres paraguaias, temos as referências bases comuns a Potthast (2006) e Valinotti (2013) como recorrência.

1.3.1 Múltiplos olhares sobre a mulher na Guerra do Paraguai

Destacamos que os recortes de análise de jornais, filmes pinturas e monumento, foram realizados para dialogar sobre como a mulher foi representada, mas essas linguagens não se constituem em seu objeto de estudo, contudo foram caminhos que percorremos ao longo dessa pesquisa para entender a questão da invisibilidade feminina na guerra. Dessa forma, realizamos uma efêmera análise em diversas representações artísticas, do sujeito feminino que atuou na Guerra do Paraguai.

No tocante a tal questão, destaco as mulheres brasileiras e paraguaias, pois somente esses países “[...] permitiam mulheres nos campos de batalha. Uruguai e Argentina haviam proibido sua presença” (COLLING, 2016, p. 244). De maneira geral, as mulheres paraguaias foram mais registradas do que as brasileiras pelos autores e pesquisas, mas, ainda assim, são invisibilizadas, uma vez que apenas as mulheres que realizassem atos de bravuras ou fossem consideradas senhoras respeitáveis eram homenageadas. As referidas menções, no entanto, regularmente se limitavam ao primeiro nome.

No Paraguai, por exemplo, o sujeito feminino (residentas) foi destacado pelo seu desempenho no pós-guerra. A imprensa, por sua vez, assinala a existência da colaboração que não se resume aos homens e, dentre esses veículos comunicativos que contêm ilustrações,

figuras e xilogravuras, ressaltamos os jornais paraguaios “*Cabichuí*”⁴⁵, nas edições de maio 1867 a julho 1868, e “*El Centinela*”, nas publicações de abril a dezembro de 1867. O primeiro divulgou inúmeros atos de heroísmo das mulheres, enquanto o segundo exaltava as paraguaias como “guerreiras espartanas” (ORTOLAN, 2006, pp. 84-85).

Em “Imagens femininas na Guerra do Paraguai”, Ortolan (2006) discute, de maneira geral, a imagem da mulher na guerra do Paraguai, e analisa, especificamente, as representações construídas acerca das paraguaias no período do conflito. Com isso, disserta que é comum associarmos a guerra

[...] a um palco exclusivo dos homens. Vítimas da guerra, como na maior parte dos grandes conflitos, as mulheres foram banidas de estudos que possibilitam retirá-las de sua invisibilidade. O envolvimento feminino na Guerra do Paraguai foi significativo e numericamente considerável, sem dúvida dos mais altos em guerras na América Latina. Muitas mulheres, de forma voluntária, participaram dessa luta contra os exércitos aliados do Brasil, da Argentina e do Uruguai. Outras tantas, especialmente mulheres da classe baixa, não tinham opção e encontravam-se no meio de uma luta, restando a elas participar das campanhas militares contra os aliados. Ao passo que outras mulheres, milhares talvez, de todas as classes sociais, encontravam-se entre as vítimas (Ibidem, p. 84).

Segundo o autor, “[...] ao começar a guerra, as mulheres camponesas estavam vinculadas às divisões do Exército Nacional Paraguai como *mulheres de acampamentos*. Muitas eram esposas, companheiras, concubinas, prostitutas ou irmãs de soldado” (Ibidem, p. 86). A figura do jornal “*Cabichuí*”, de 1867, mostra homens e mulheres marchando lado a lado, segurando armas e baionetas e carregando cestos com alimentos sobre a cabeça, como é possível visualizar:

Figura 5 - Caxias... Ora, meu Deus!... Que é isto que vejo? Será possível que os paraguaios tenham outros caminhos mais? Ah! E como vão entrando as provisões!... Muito gado, e muito mantimento! Sim, e tudo com abundância!... É impossível vencer a Lopez!

⁴⁵ O “*Cabichuí*” foi um jornal com publicação semanal de duas edições, que se desenvolveu no período da Guerra Guasú, e era impresso pela “*Imprensa Del Ejercito*”. Ele atuou e circulou no contexto bélico, entre os anos de 1867 a 1868, com um total de 95 edições. Com escrita irônica e crítica, suas temáticas ainda são instrumentos de pesquisas e discussões.



Fonte: *Cabichuí*, 16 de dezembro de 1867, ano 1, n. 65, p. 03.

Dessa forma, o envolvimento feminino no conflito ocupa uma posição distinta se comparada a dos demais combatentes. Na imprensa brasileira, foi noticiado que a jovem Jovita Feitosa se voluntariou no Corpo de Voluntários da Pátria, o que, por estratégia militar, serviu de incentivo e propaganda para o alistamento ao serviço militar. Conforme foi divulgado anteriormente, Jovita era uma “[...] jovem brasileira de 17 anos, de família simples, que cortou os cabelos e se apresentou ao Exército. Logo descoberta, virou notícia e sua história chegou aos jornais, dividindo opiniões. Jovita chegou à patente de sargenta” (DOURADO, 2002, p. 95).

Nos noticiários paraguaios, incentivadores da participação feminina, a referida inscrição funcionou enquanto ferramenta política e de marketing, pois ela foi impedida de integrar a frente de batalha. No entanto, registra-se a participação feminina na linha de frente de batalha ao final do conflito, especificamente na batalha de *Acosta Ñu*, no mais participou ativamente no cultivo de alimentos e cosendo vestimentas dos soldados, dessa forma abastecendo o exército paraguaio e fortalecendo para não necessitar auxílios externos.

O filme “Cerro Corá” (1978), cuja duração é de 110 minutos, possui áudio em língua castelhana e guarani, foi dirigido por Guillermo Vera, e a sua produção ocorreu após o fim da luta armada. O enredo narra a história do confronto e de seu desfecho com a morte de Solano López. Além disso, ele teve interesses e finalidades considerados “polêmicos”, pois é o primeiro longa-metragem de ficção histórica que trata sobre a guerra a partir da perspectiva paraguaia. No que se refere aos papéis de gênero, as figuras femininas são bem evidenciadas e ativas nos diversos aspectos da Guerra *Guasú*, investindo suas riquezas, lutando na frente de batalha, cuidando dos feridos, sem abandonar a maternidade.

Souza (2019) analisa o processo da construção de memória e monumentalização de acontecimentos e personagens da Guerra Grande no cinema paraguaio acerca do filme citado, esse financiado e cumpria interesses do regime stronista⁴⁶, por isso, existe grande destaque na figura do Mariscal Francisco Solano López, mais precisamente a postura ditatorial perante o conflito. Ele realiza um levantamento acerca da história audiovisual paraguaia e aponta que esses filmes utilizavam ferramentas para propaganda política das ideias revisionistas pela ditadura (SOUZA, 2019, p. 109). Também destaca a grande importância e que permanece em destaque até os dias atuais, “é comum o filme ‘Cero Corá’ retornar às salas de cinema do país, principalmente em datas comemorativas, como o aniversário da morte de Solano López, no dia 1º de março” (Ibidem, p. 110). Nosso foco principal não é saber se o filme foi fiel aos diálogos, ou que, apresenta uma verdade absoluta, mas nosso interesse é a forma como as mulheres foram visibilizadas. Na sequência, selecionamos dois trechos da materialidade fílmica.

⁴⁶ O regime stronista foi uma forma de governo regido por Alfredo Stroessner Matiauda, considerado uma ditadura, ele atuou por aproximadamente trinta e cinco anos, denominado *El Stronado*, maior período que uma pessoa governa um país sul-americano.

Imagem 1 – Soldadas paraguaias, prontas para atacar a tropa inimiga.



Fonte: Cero Corá, min. 01h21min:04.

Imagem 2 - Paraguai vive! Esperança na mulher paraguaia.



Fonte: Cero Corá, min. 01h50min:4

A imagem 1 – mostra várias mulheres com armas em punho, prontas para defender sua pátria na luta e assumir os postos e armamentos dos soldados derrotados. Essa cena retrata a

batalha de *Acosta Ñu*, e elas representavam a última resistência em defesa da pátria. A imagem 2 – situada no final do filme, apresenta a figura de uma mulher com duas crianças, remetendo-nos ao legado e à esperança propiciados pelo pós-guerra, além da função reconstrutora posterior a guerra

Em contrapartida, o filme brasileiro *Alma do Brasil* (1931) foi produzido no formato preto e branco, é silencioso, foi dirigido por Alexandre Rufles, gravado no Brasil, no antigo Mato Grosso, e dura 52 minutos. Na sequência cinematográfica, a *Retirada da Laguna*, datada de 1865 e 1867, é narrada, e o cenário para essa produção foi ambientado nos lugares originais em que se desenvolveram os episódios. O filme de Rufles reproduz a marcha da Expedição rumo a Mato Grosso.

Meirelles (2005) entende a importância do cinema e a História e aponta que “o cinema desde seu nascimento demonstra ser um potencial suporte de registro de memória, seja na sua forma documental, ou pelo imaginário que contém na forma de ficção” (Ibidem, p. 134). Por isso ressaltamos a relevância de se analisar como e de que forma estão sendo representados os elementos, pois o intuito é vender uma verdade, e que ela se torne hegemônica, visto que “o cinema como produto cultural não é inocente” (Ibidem, p. 135). Não se constitui objeto de nossa investigação as questões pertinentes ao cinema. E sim, compreender a forma como as mulheres foram retratadas nas cenas selecionadas, com intuito de exemplificar o lugar em que elas são visibilizadas e os objetivos de cada obra com essa ação, isso porque as representações cinematográficas têm como fundamentação um projeto estético que muitas vezes aponta questões sociais/culturais, como em nosso caso da representação feminina.

O *Alma do Brasil* se encontra no primeiro grupo de filmes abordando como temática central a Guerra do Paraguai, mais especificamente a passagem da *Retirada da Laguna*:

Seus autores procuraram ser fieis aos acontecimentos como foram descritos no livro do visconde de Taunay (Alfredo D’Escagnolle, mais tarde conhecido como Visconde de Taunay) e, ainda, de fotografias da Guerra do Paraguai. (Ibidem, p. 136).

Com isso, veremos que a representação feminina é nula, minimizada como na obra original (*Retirada da Laguna*) e no filme (*Alma do Brasil*). Assim, observamos a visão de Taunay na forma apresentada de tais conjuntos de personagens, em ambos. Sendo assim, recorreremos às suas imagens, dentre as quais selecionamos uma, para ilustrar a análise acerca da figura da mulher brasileira, interpretada pela atriz portuguesa Conceição Ferreira, com intuito de analisar a representação feminina nesta obra.

Imagem 3 – A figura do camarada como herói. Ampara a mãe e o filho.



Fonte: Alma do Brasil, min. 29:25.

Na cena, a cavalaria paraguaia ateia fogo em um espaço, o que faz com que mulheres e crianças fujam. Uma mãe, entretanto, tem seu filho preso em uma casa de palha quase cercada pelas chamas e pede socorro, momento em que um comandante realiza o resgate, e a mãe o recebe chorando. Na única passagem em que aparece uma mulher, portanto, ela emerge enquanto vítima que espera por um herói para salvar a vida de seu filho, demarcando, de um lado, o homem lutador, protagonista, forte e destemido na batalha, e, de outro, as figuras femininas maternas, frágeis e vulneráveis.

Na pintura, a obra do artista uruguaio Juan Manuel Blanes (1830- 1901), de 100 x 80 cm, intitulada “La paraguaya” (óleo sobre a tela), e exposta no Museo Nacional de Artes Visuales⁴⁷, versa sobre a situação dos sujeitos femininos no pós-guerra.

Figura 6 – La Paraguaya, Juan Manuel Blanes (1879)

⁴⁷Museo localizado em Montevideo – Uruguay.



Fonte: Museu Nacional de Artes Visuais – Montevideu.

A representação de uma mulher paraguaia se encontra em destaque em meio à devastação, com a cabeça baixa, abatida, sem ânimo e nem esperança, semblante triste e olhar no solo. Ainda, há elementos como a destruição, os soldados mortos ao fundo, uma bandeira sobre um cadáver no chão, o livro *História de la republica del Paraguai* e um rifle, marcando o fim do conflito com a morte de muitos paraguaios. Dessa forma, concluímos que essa representação da figura feminina apresenta um sujeito imerso ao ambiente bélico, deixando em nós, observadores, o pensamento de que a mulher do pós-guerra, tem como obrigação suprir as perdas da guerra, uma vez que não temos nenhuma presença masculina viva nesta

obra. Desperta também um sentimento ufanista, apontando que a reconstrução da pátria abatida foi posta nas mãos das paraguaias, único elemento vivo.

Também estabeleceremos relações opostas como as proposições da figura feminina desta pintura junto ao monumento de Rolón Báez “La Residenta”, porém análogas na relação nacionalista despertadas em ambas.

A pintura, como as outras representações artísticas aqui apontadas, ocupa um evidente lugar ao retratar cenas, episódios, personagens históricos e ou ficcionais, com a trajetória da Guerra do Paraguai como plano de fundo.

Figura 7 – Heroína de Ytá Ybaté



Fonte: Museu Militar, Paraguai.

A pintura acima, é intitulada “Heroína de Ytá Ybaté”, no centro da obra temos uma figura feminina, essa se encontra sob luz e cores clara. Em sua volta, temos vários “niños”, que compunham um exército infante e alguns munidos com baionetas. A imagem é composta majoritariamente por crianças em estado de penúria e condições precárias, nota-se elementos como roupas rasgadas e até a falta dela, eles estavam partindo para o embate/abate. Em destaque, temos a figura alusiva a de Ramona Martínez, mulher paraguaia.

Ademais, a gravura adiante representa a “mujer paraguaya y los niños”, no pós-guerra, é uma imagem impactante, nela uma mãe paraguaia enterra um de seus filhos, no local percebemos dois túmulos marcados com uma cruz cada, a condição da mãe e das crianças

toma papel de denúncia, pois ambos apresentam sinais de desnutrição, desprovidos de vestimenta, a criança descalça, olhos marcados de desolação, sobre contraste escuro.

O monumento “La Residenta”, mais atual, foi construído entre 1977 e 1979 pelo escultor Francisco Báez Rolón, em homenagem às mulheres paraguaias que participaram no maior conflito bélico da América Latina do século XIX. A obra está localizada no Paraguai, na cidade de Luque, mas não se encontra em boas condições e sofre com a ação do tempo, em 2019, o governo anunciou que coordenará tarefas para efetuar a restauração⁴⁸. A imagem a seguir foi publicada no endereço eletrônico ABC Color:

Figura 8 – La Residenta (1977 – 1979)



Fonte: Disponível em: <abc.com.py> Acesso em: 15 de nov. 2020.

⁴⁸ Informações publicadas no site “abc Color PY”: disponível em: <<https://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/escolar/las-mujeres-y-la-guerra-contra-la-triple-alianza-1281703.html>> Acesso em: 04 nov. 2020.

A pesquisadora Barbara Potthast disserta que o monumento dedicado às mulheres paraguaias “residentas” ocupa geograficamente um lugar de destaque. Com intuito de resgatar a memória nacional dessa chamada epopeia nacional, essa homenagem teve como motivação a comemoração do centenário após o fim da guerra da Tríplice Aliança em 1970. Palavras dela: “depois de um curto debate, foi erguido um monumento a ‘*La Residenta*’ em um grande cruzamento no caminho do aeroporto à cidade capital, é dizer em um lugar chamativo. Representa uma mulher com o filho em uma e a bandeira na outra” (POTTHAST, 2006, p. 91, tradução nossa⁴⁹).

Por desempenhar um importante papel na reconstrução do país no pós-guerra e durante o conflito, essas mulheres são conhecidas também como “reconstrutoras”. A postura feminina, ao segurar a bandeira, faz-nos refletir acerca da força de tais sujeitos na reestruturação de um território devastado pela guerra. Ao centro, as personagens mantêm seus rostos arqueados, voltados ao céu, altivos e dignos. De mãos dadas com o menino, ela passa segurança e confiança no futuro de seu país. Além disso, corpos masculinos se encontram sob seus pés, apontando a condição masculina no findar do conflito. Uma possível leitura acerca da simbologia da bandeira estendida pode significar que a pátria estava em suas mãos e que o jovem, indicando a esperança, aponta um possível caminho. Comparando “*La Residenta*”, de Báez, e “*La paraguaya*” de Blanes, estabelecemos um paralelo opositivo entre as representações da mulher paraguaia.

Desse modo, constatamos que a imagem feminina foi construída em diversas mídias. A imprensa, a pintura, a escultura e o cinema registram a presença desses sujeitos nos *fronts* e nos campos de batalha, cada qual com seus interesses e objetivos. Ao ocuparem espaços bélicos, regularmente masculinos, esses corpos rompem com domínios patriarcais, os quais condicionam as mulheres ao âmbito doméstico. Assim, essas produções corroboram com os novos estudos historiográficos e nos permitem lançar outro olhar sobre elas, as brasileiras e as paraguaias, a fim de avançar nas questões relativas ao gênero.

Ao analisarmos diferentes representações apresentadas em distintas artes, entendemos que houve múltiplas interpretações acerca das mulheres no contexto da guerra, sendo que elas foram mais visibilizadas pelo lado Paraguaio. É necessário ressaltar que, pelo Brasil, há pouca

⁴⁹“después de un corto debate, se erigió un monumento a ‘la residenta’ en un gran cruce en el camino del aeropuerto a la ciudad capital, es decir en un lugar bastante llamativo. Representa a una mujer con un niño en una mano y una bandera en la otra”.

documentação. Dessa forma, destacamos a importância de novos estudos, com o objetivo de visibilizar os sujeitos subalternos. Nesse sentido, pesquisas contemporâneas nos auxiliam a repensar a história das mulheres da guerra, evidenciando as práticas desses sujeitos silenciados.

CAPÍTULO 2 – CAMINHOS INTERDISCIPLINARES: A HISTÓRIA E A LITERATURA

Em nossa pesquisa, notamos a necessidade de traçar caminhos interdisciplinares. Quando falamos sobre caminhos interdisciplinares, ressalta-se a noção de interdisciplinaridade. Tal noção, focada na perspectiva de nosso *corpus*, será conceituada ao andar do presente capítulo.

Um conceito geral de interdisciplinaridade que pode ser apontado, inicialmente, é: “A interdisciplinaridade pode ser entendida como uma condição fundamental [...] e da pesquisa na sociedade contemporânea [...] a interdisciplinaridade pode ser definida como um ponto de cruzamento entre atividades (disciplinares e interdisciplinares) **com lógicas diferentes**” (LEIS, 2005, p. 2, grifos nossos).

Ou seja, Leis define que interdisciplinaridade é tida como uma ligação inter-relacional entre duas disciplinas ou mais que possuem ideias, noções e funcionamentos diferentes. Por isso, dessa maneira, principalmente, no que tange ao nosso estudo, colocamos em xeque o estudo literário que se interdisciplina com a História, por exemplo.

Quando se fala sobre o efeito de interdisciplinaridade da História com outras disciplinas, principalmente as dos Estudos de Linguagens, isto é, os estudos linguísticos e literários, são intrínsecos sua relevância e influência através das outras. Para exemplificar essas noções da confluência da História com estudos próximos aos nossos, exporemos alguns preceitos de cientistas da linguagem, em seus respectivos prismas teóricos, assumindo a História entrelaçada sob suas perspectivas. Vale ressaltar que não falam sobre interdisciplinaridade propriamente dita, mas exemplificam e assumem a História sob suas áreas teóricas; num segundo momento, discutiremos sobre a interdisciplinaridade da História com a Literatura, especificamente.

Um primeiro exemplo de cruzamento de disciplinas com o estudo de linguagens que podemos apontar, é, por exemplo, o que expõe Fiorin (2011) – referente à relação da História com a Semiótica Discursiva:

A Semiótica narrativa e discursiva, herdeira de Hjelmslev, nas pegadas desse autor, não recusa a História, ela leva em conta a historicidade dos textos. É preciso, no entanto, ver como ela o faz. Evidentemente, ela recusa a ideia de que estudar a historicidade de um texto é contar anedotas a respeito de suas condições de produção: o autor (biografia, etc.), o lugar, à época (FIORIN, 2011, p. 16)

Cada perspectiva possui suas delineações epistemológicas, no caso da semiótica discursiva, tal como apontada por José Luiz Fiorin, pesquisador referência dos estudos linguísticos no Brasil, evidencia que, por mais que a referida perspectiva tenha caráter estruturalista, ainda sim, a história pode contribuir, de alguma maneira, para o entremeio dos textos e seus sentidos. Nessa perspectiva, Zilbelberg (2011) aponta:

No que se refere à historicidade, reencontramos obviamente o circuito característico da discursividade: do ponto de vista enuncivo, o *antes* explica ou leva compreender o *depois*, na exata medida em que, do ponto de vista enunciativo, o *depois* constatado explica ou faz compreender o *antes* suposto (ZILBELBERG, 2011, p. 190).

No que se refere às questões conceituais de interdisciplinaridade da História com a Literatura, especificamente, ressalta-se o estudo de Zinani (2006) que, ao falar sobre questões culturais e de gênero focados na literatura da América Latina, levanta relevantes discussões sobre a mesclagem e inter-relação da História com a Literatura. Para a autora, a presença da história auxilia na apreensão dos sentidos e da interpretação das discussões sociais concomitantes às questões literárias em que se analisa (ZINANI, 2006). Um exemplo disso é quando a autora vai começar a análise “Dentro de uma perspectiva mais ampla, as problemáticas de gênero e de regionalidade se entrecruzam na reconstituição histórica da América Latina e na discussão do papel da mulher na formação da identidade pessoal e de gênero” (ZINANI, 2006, p. 256).

Quando falamos sobre a inter-relação entre História e Literatura, especificamente, chega-se, portanto, a pesquisas como a nossa, já que a Literatura e a História permeiam nossos objetos de análise, a partir das obras selecionadas e já citadas. Assim, pelo fato dessas ciências caminharem concomitantemente em nosso *corpus*, estabelecemos essa interdisciplinaridade, pois compreendemos que, para uma análise absoluta, o estudo historiográfico das personagens no conflito bélico ela é indispensável.

A obra de Lepecki (2003) mescla personagens históricos e ficcionais, conciliando o discurso ficcional (ponderado como algo simulado, inventado, produzido, esse atribuído ao ramo literário), histórico e memorialista (remete a questões identitárias coletivas ou individuais, simbolismos, apresentados de um pretérito). Da mesma forma, a obra *Guerra entre irmãos* reflete o limiar da história e a ficção, transfigurados em poemas épicos, nos quais cada eu-lírico transfere distintas emoções, neste caso a história e a literatura permeiam a interdisciplinaridade de maneira harmoniosa e singular.

Para compreendermos a presente interdisciplinaridade, utilizaremos a definição apresentada pela autora Ivani Catarina Arantes Fazenda, a qual aborda questões relativas no livro *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa* (2017). No primeiro momento, Fazenda nos remete ao levantamento histórico-crítico acerca da interdisciplinaridade: ela apresenta a evolução do conceito, para isso, revisou os clássicos, categorizando-o e sua evolução, contudo pontua a impossibilidade da construção de uma “única, absoluta e geral teoria da interdisciplinaridade” (FAZENDA, 2017, p. 13). A autora nos adverte dos equívocos teóricos, para estabelecer a interdisciplinaridade em projetos, por exemplo.

Com isso aponta duas problemáticas: "compreensão do significado antropológico e histórico" e a ausência de um "método ou caminho estruturalmente concebido" (Ibidem, p. 77). Sobre a primeira ordem de problemas, ela nos relata que "os estudos somente exacerbam a polêmica instaurada nos anos 70" (Ibidem, p. 78), ou seja, sobre as questões conceituais existem mais dúvidas que constatações, permanecendo a indefinição devidos aos equívocos envoltos do conceito de disciplina. Ela também aponta que a marca fundamental das relações interdisciplinares seria a “interação entre as disciplinas” (Ibidem).

Quando afirmamos que esse estudo permeia duas ciências, portanto é relevante destacar que analisar apenas por um único viés limita não só a pesquisa, como a própria compreensão da totalidade, pois nossas obras literárias têm a Guerra do Paraguai como pano de fundo, por isso a decisão de analisar as representações partindo da historiografia do conflito e o contexto histórico, pois entendemos o texto como um construto de inter-relações, inerentes aos seres humanos. Dessa forma apontaram que as concepções historiográficas contribuíram na construção das personagens e na forma como foram submetidas ao texto histórico e literário. Apontamos como exemplo das diversas faces de Elisa Alicia Lynch⁵⁰ (Cf.) esposa do Mariscal Solano López, a qual em *Cunhataí* foi descrita na voz de uma figura masculina que ressalta sua (possível) passagem pela sociedade parisiense como uma meretriz, fato que é posto em xeque por Michael Lillis e Ronan Fanning em *Calúnia* (2009), (questão questionada desde o título da pesquisa). Assegurados por documentações, traçam um perfil biográfico contestando alguns mitos que passaram a ser “verdades disseminadas”. Calúnia que é notavelmente difusa na obra, ademais alguns mitos biográficos são desconstruídos por sólidas documentações na pesquisa de Lillis Fanning, os quais nos permitem confrontar as múltiplas faces que a personagem assume ao longo da história.

⁵⁰ Exemplo amplamente discutido no capítulo três dessa pesquisa.

A princípio, a Literatura teve origem há milhares de anos, destinada a conservar a história da humanidade, suas lendas, epopeias e mitos. Antes mesmo da origem da escrita, as histórias eram passadas por gerações pela oralidade de forma coletiva. Com a atribuição autoral, as narrativas tornaram-se diversificadas, assim mesmo sabendo que a Literatura se constrói pela da invenção e imaginação de cada autor, para êxito narrativo não se deixa de fora a contextualização, fator importante para compreensão leitora, por isso a aproximação do real com a realidade.

A História como ciência emerge na investigação das relações dos seres humanos em um determinado tempo e espaço, é uma disciplina que tem seus objetos na relação humana com os acontecimentos e marcos temporal, contudo os/as historiadores/as não encontram seus objetos apenas no passado, há inclusive estudiosos/as da história do tempo presente permanecendo como uma ciência que estuda o ser humano enquanto ser em evolução, o campo tem como precursor o grego, Heródoto, pensador e escritor que viveu (484 – 425/413 AEC). Da mesma maneira, a Literatura é uma ciência que estuda o campo da linguagem, sendo ela peculiar aos seres humanos com produções em nível de drama, ficção e poética, em suas variadas representações estilísticas.

A crítica literária Leyla Perrone-Moisés, no ensaio “A Criação do texto Literário”, no livro *Flores na Escrivania*, afirma que a literatura nasce da incapacidade de representar o mundo real, lembrando que a literatura não tem interesse nem a obrigação de descrever a realidade, porém se aproxima do real representado por meio de uma linguagem verossimilhante, aproximando-se ou não do/a leitor/a, dependendo de diversos fatores no campo da recepção. Para ela, a noção de real soma-se na literatura “por ser linguagem, a literatura nunca pode ser realista” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 106). Logo, vai dizer que “o realismo nada mais é do que um conjunto de efeitos baseados em convenções que variam historicamente.” (Ibidem, idem). Neste estudo é evidente que a literatura penetra o fato histórico da Guerra de 70, sendo esse elemento incontestável historicamente, tanto pela ficção ou poética que cada um de nossos objetos fixasse no cenário do real subjetivo.

No capítulo inicial, temos o artigo jornalístico de Coralina S. C. Fernandes, colaboradora especial, publicado no jornal Gazeta Pantaneiro. O trecho a seguir foi retirado do artigo de Coralina no livro da Lepecki:

De repente, como que saídos das entranhas da terra, surgiram furiosos os paraguaios avermelhando os campos. Ouviram-se gritos guturais, urros terríveis! Fúria e medo ancestrais se apoderaram dos homens que teriam que lutar ou morrer. Fugir? Impossível! A cavalaria paraguaia posicionou-se à frente e nos flancos, empurrando os brasileiros para o centro do descampado

,– comprimindo-os – como um abraço gigantesco de tamanduá (LEPECKI, 2003, p. 11).

Evidentemente, o trecho acima evidencia e reescreve o episódio da Guerra do Paraguai da Retirada da Laguna, também conhecido como batalha do “‘Nhandepá’- Anhan de Apá - , porque foi o diabo no Apa” (LEPECKI, 2003, p. 12) Nele, a ofensiva paraguaia com sua cavalaria escarlate investiu contra a os brasileiros acampados em meio aos mancebos. Ao reiterar a personagem, Coralina retrata toda a hostilidade e fúria paraguaia, destacando as suas ações bárbaras “O inimigo não perdeu o brio e lançou-se ao ataque com fúria e ímpeto” (Ibidem, idem.) contra o inimigo do lado paraguaio (os brasileiros). Além disso, sobressaem a figura e a participação de mulheres no conflito, tanto escondidas embaixo de carroções, quanto em ato de coragem, como a mulher que ela não nomeou, mas que mesmo assustada se dispôs a ajudar um soldado ferido em meio ao fogo cruzado, rasgando suas roupas para estancar o sangue dos feridos. Logo no início de *Cunhataí*, destacamos o fato histórico e esses elementos próximos aos fatos bélicos como o episódio da Retirada da Laguna, ocorrido em janeiro de 1868, também retratado na narrativa de Taunay considerada oficial do conflito. Ademais, os personagens e locais históricos foram retratados nas duas narrativas. Salientamos em nosso grifo os estereótipos lançados a figura do outro paraguaio, tanto na “oficial”, quanto na ficcional, as ideias nacionalistas e patrióticas foram recriadas e apontam a mesma visão ultrapassada do pós-guerra de civilização contra a barbárie.

Do mesmo modo, o *Guerra entre irmãos*, de Naveira, também encontramos essa proximidade com os fatos de maneira lírica. Esses pontos históricos como exemplo o conjunto de países envolvidos (Brasil Imperial, Argentina, Paraguai e Uruguai), personagens históricos (Solano López, Elisa Lynch, Taunay, Antônia, Bernardino Caballero, entre outros/as), batalhas e confrontos como de Riachuelo, Curupaiti, a Retirada da Laguna, Humaitá e Tuiuti. Além da ambientação “[...] São os rios por onde navegaram os soldados: /O Apa, /Grudado em Bela Vista, como uma folha verde/ Rodeada de lama,/ O Taquari, Cheio de cachoeiras/ E corixos [...] Este é o mapa da guerra/ Em terras de Mato Grosso”. Nestes elementos a autora localiza o/a leitor/a ao destacar esses elementos naturais e geográficos.

2.1 – Traços biográficos de Naveira e Lepecki: apresentando as autoras

Em ambas as obras em análise é evidente a autoria feminina, sendo ela marcada pelo *lôcus* Sul global. Em 23 de setembro de 1957, nasce Raquel Naveira na cidade de Campo Grande – Mato Grosso do Sul⁵¹. Naveira possui graduação em Letras pela (FUCMT) atualmente denominada Universidade Católica Dom Bosco (1994), graduação em Direito e Letras pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), onde ministrou aulas de 1987 até 2006. Possui doutorado em Língua, Literatura e Civilização Francesa pela Universidade de Nancy (1981), graduação em Direito pela Universidade Católica Dom Bosco (1976) e mestrado em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2001)⁵².

É escritora e possui vários livros de poesias e ensaios publicados, além de colaboradora em jornais e revistas. É membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, 8ª cadeira, Academia Cristã de Letras de São Paulo e Academia Paulista Evangélica de Letras de São Paulo. A seguir, um retrato da autora frente ao monumento do Busto de Solano López, no Parque do Cerro Corá, no PY.

Figura 9: Raquel Naveira / Parque Nacional “Cerro Corá” – Paraguai



Fonte: Contracapa do livro *Guerra entre irmãos* (1997)

Josefina Marisa Chisini, professora de Literatura Portuguesa da UFMS. Por meio de um levantamento bibliográfico, ela realiza uma pesquisa completa em que evidencia todas as produções de Naveira. O primeiro, *Via Sacra*, foi lançado em 1989, em 1992 a narrativa em

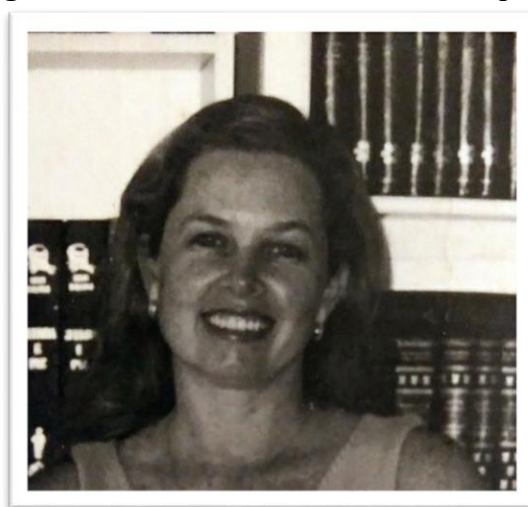
⁵¹ Observamos, que a divisão entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, só ocorreu em 1977, desta forma quando a autora nasceu ainda era Mato Grosso uno.

⁵² Informações extraídas da capa de *Guerra entre irmãos*.

prosa *Fiandeira* ganha forma, a autora dilui dois gêneros literários, a prosa e poesia. A vasta obra de Raquel Naveira inclui: *Via Sacra*. Campo Grande: Sergraph, 1989; *Fonte Luminosa*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991; *Fiandeira*. São Paulo: Estação liberdade, 1992. *Guerra entre irmãos*. Campo Grande: Gráfica Rui Barbosa, 1993; *Sob os cedros do Senhor*: São Paulo: Scortecci, 1994; *Abadia*. Rio de Janeiro: Imago, 1995; *Mulher Samaritana e Maria Madalena*. Aparecida - SP: Santuário, 1996. (Coleção Figuras Humanas); *Caraguatá*. Dourados: Fundação Cultural R. Sovierzoski, 1996; *Pele de jambo*. Belo Horizonte: RHJ, 1996; *O Arado e a estrela*. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 1997; *Rute e a Sogra Noemi*. Aparecida- SP: Santuário, 1997; *Intimidades transvistas*. São Paulo: Escrituras, 1997; *Casa de Tecla*. São Paulo: Escrituras, 1998⁵³. Em sua escrita, a poetisa destaca a presença de elementos regionais, valorizando a cultura sul-mato-grossense, considerada a voz do Pantanal. A temática regional está presente na escrita de seus poemas inspirados na guerra.

Nossa segunda autora é Maria Filomena Bouissou Lepecki. Além de escritora, tem formação em Medicina, ela nasceu em Cuiabá – Mato Grosso, em março de 1961. *Cunhataí* é seu primeiro romance, ganhador do Prêmio Fundação Conrado Wessel de literatura (2002). Além disso, é autora de outro livro de ficção *Uma ponte para Istambul* (2020), essa obra tem como personagem principal Arzu uma professora de História do Brasil que parte para a Turquia em busca de respostas sobre um mistério em seu passado, a narrativa faz ponte entre o Ocidente ao Oriente e aproxima o/a leitor/a à cultura Oriental.

Figura 10: Maria Filomena Bouissou Lepecki



Fonte: Contracapa de *Cunhataí* (2003)

⁵³ Informações apresentadas por Josefina Chisini, publicada na Revista Multitemas UCDB, 2016.

A cuiabana aponta os motivos de sua aproximação com a temática da Guerra do Paraguai, uma vez que ela descobre em suas pesquisas que seu tataravô foi médico no período em que Cuiabá estava isolado pelo Paraguai. Também descobre que ele desenvolveu uma vacina contra varíola - doença que assolava a população na época- essa descoberta a insere nesse universo. Em 1999, refaz o trajeto de 224 km a pé (Retirada da Laguna), desde a fazenda da Laguna (no Paraguai), até Nioaque- MS, mesmo trajeto realizado pelas tropas brasileiras⁵⁴. Nessa experiência a autora colhe detalhes que faz presentes no enredo. Mesmo sendo uma autora com obra premiada, Lepecki pouco pode ser encontrada acerca de seus dados biográficos. Na contracapa a autora se apresenta como amante da História, tendo como legado herdado de sua avó, a qual cresceu ouvindo as histórias do tempo de sua tataravó, marcando um ponto de influência feminino.

Ademais, a contracapa de seu romance carrega apontamentos de grandes escritores “Fundado na História, o romance explora as relações humanas em narrativa consistente e bem realizada” Tânia Franco Carvalhal⁵⁵. Ainda sobre a construção da personagem protagonista de *Cunhataí* Micaela Ferreira e a associação a temática da Guerra do Paraguai, Daniel Piza escreve “Uma grande personagem feminina e a Guerra do Paraguai como cenário. Dois itens que a literatura nacional recente estava devendo” (Ibidem, Idem). E acerca do domínio feminino nas esferas narrativas da obra Beatriz Resende, discorre que a obra de Lepecki atualiza as características da novela fundacional na voz de uma narradora feminina. “Um romance, no melhor sentido da palavra” (Ibidem, Op. cit.), uma vez que a narrativa apresentada historicamente como oficial é narrada por uma figura militar masculina a qual providenciou de marginalizar as figuras femininas e imortalizar os heróis no masculino.

Para falar a mulher como escritora, o que se ressalta abordar é o que se refere às questões de gênero, mais especificamente sobre a feminilidade na literatura, de *antemão*, ressalta-se a produção em livro de Brandão (2006), intitulado *Mulher ao pé da letra*. Nessa importante obra, Brandão discute variados pontos de vista sobre o papel e lugar do feminino no fazer literário como, por exemplo, questões de corpo, sujeitos e até tal geografia feminina.

A partir da referida obra, alguma das muitas contribuições da autora sobre nossa discussão é como apontada a seguir:

Se não há inscrição de um significante feminino no inconsciente, em contrapartida, há múltiplas representações ou encenações da mulher na literatura. A representação, buscando reduplicar a realidade, acaba por

⁵⁴ As informações citadas aparecem na orelha do livro.

⁵⁵ LEPECKI, 2003, Contracapa.

denunciar, como nos textos da modernidade, a impossibilidade de uma verdade que preexistia à linguagem. E é na linguagem que se constitui a feminilidade [...] (BRANDÃO, 2006, p. 201).

Ou seja, a autora afirma que por mais que não existam tantas questões de autoria feminina, a literatura, bem como variadas manifestações artísticas outras, possui, em sua concretude e processo através do tempo, variadas representações femininas nas narrativas, por meio da presença de figuras femininas de personagens, vozes e sujeitos postos entre os discursos literários. Além disso, a autora nos lembra que é importante ressaltar que tais representações podem ser tidas como duplicação da realidade de maneira a impossibilitar a verdade, tornando-se aí, segundo a autora, o lugar da feminilidade literária: na linguagem.

No caminho do pensamento de Brandão (2006), Evaristo concorda quando colocada “a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é, como atos de criação linguística, a literatura surge como um espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos” (EVARISTO, 2005, p. 52). A partir disso, Evaristo pontua ainda:

A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor. Interessante observar que determinados estereótipos de negros/as, veiculados no discurso literário brasileiro, são encontrados desde o período da literatura colonial (EVARISTO, 2005, p. 52).

Dessa maneira, acreditamos que da mesma maneira em que Evaristo afirma que a representação literária da mulher negra se constitui ancorada nas imagens de seu passado, ditas associadas à escravidão – com corpo associado a um objeto de procriação e prazer, acreditamos que a imagem da mulher no geral pode também se ancorar a uma submissão conforme visto em seu passado. Evaristo postula sobre as mulheres negras, especificamente, mas tal fenômeno pode também ser pensado de maneira geral.

Desta forma, nossa análise crítica ambas as autoras, como veremos no terceiro capítulo desta pesquisa, mesmo enfocando em uma protagonista mulher como em *Cunhataí*, Lepecki, essa personagem ainda se encontra em um papel. Dessa forma, nosso intuito foi analisar a presença de mulheres em duas obras literárias, pois são mulheres escrevendo sobre outras figuras femininas, mas que ainda estão vinculadas a narrativas “oficiais”, tradicionais e que pouco destaca a mulher. E mesmo quando as colocam em papéis de destaque, esse protagonismo é condicionado às mulheres de elite, letradas e brancas. No que cerne nossa pesquisa, assim como as personagens principais de *Cunhataí*, as autoras representam um lugar social privilegiado.

Nossa crítica se constrói em defesa da minoria, não apenas quantitativamente como no *Guerra entre irmãos*, como também qualitativamente no *Cunhataí*. Squinelo (2017) disserta que:

Em relação à personagem principal – Micaela – embora tenha mérito de representar um universo dissidente, excluído, silenciado, invisibilizado e ocultado no que concerne à temática da Guerra do Paraguai, alguns apontamentos são necessários: Micaela é uma jovem da sociedade que decide ir para o teatro de operações, movida pelo desejo de entender quem era a pessoa que ela havia se casado; interessante pontuar que o que habilitou seguir para o conflito para o conflito foi o casamento, ao mesmo tempo que foi esta instituição que a habilitou receber terras – através do casamento com o capitão Ildefonso Santa Cruz – e passar a viver em solo mato-grossense; no que cotidiano da contenda, executando duas situações narradas acima, Micaela viveu e atuou na margem, na periferia do conflito, pois ao final, o universo bélico é um universo masculino [...] (SQUINELO, 2017, p. 256).

Ou seja, Micaela, mesmo se destacando como protagonista, viveu o que lhe foi proposto em seu caminho na coluna, como as outras mulheres passaram por diversas agruras, porém Squinelo também aponta que ela “durante toda a narrativa esteve sob olhar atento e cuidadoso tanto de Taunay como de Santa Cruz, colocando-a em diversos momentos como o gênero fragilizado a ser cuidado pelo personagem masculino” (Ibidem, idem. pp. 256-257).

No tópico a seguir, para além das questões da representação da mulher, ainda numa perspectiva expositiva-comparatista, apresentaremos sobre o outro paraguaio a partir da perspectiva e do ponto de vista brasileiro nas duas obras: *Cunhataí* (2003) e *Guerra entre irmãos* (1997).

2.2 – O “outro” paraguaio/a sobre perspectiva brasileira em *Cunhataí* (2003) e *Guerra entre irmãos* (1997)

As representações do Paraguai como “outro” são evidentes em ambos os objetos de análise, pois partem de uma perspectiva brasileira sobre o conflito. Com isso, propomos pensar esse outro a partir dos Estudos Culturais, o qual Homi Bhabha em *O local da cultura* (2005), parte do “discurso de poder”, o que garante a dominação e superioridade de um povo sobre o outro.

Através de um discurso que exalta uma raça, um povo, valores são repassados e todos que não se encontram dentro de determinadas narrativas são repudiados, desconstruídos e mal vistos. Um conceito fundamental para entender esse processo, é o de “estereótipo” o qual fixa uma ideia negativa sobre o outro, isso pode ser evidenciado na forma que a linha historiográfica tradicional, contada pelos vencedores do conflito, marcam sobre o outro

paraguaio, estereotipando e barbarizando os opositores, principalmente na figura de Solano López, a quem foi atribuído o título de ditador e megalomaniaco. A autora de *Guerra entre irmãos* refere-se ao Mariscal no poema “Cerro Corá” como “O ditador de constância indomável” (NAVEIRA, 1997, p. 63).

No primeiro poema da obra de Naveira, “Assunção”, o eu lírico representa a capital do Paraguai como a Assunção das festas/ Das bandas de música, /Dos carros puxados por bois/ Das paraguaias sensuais” (Ibidem, idem, p. 9). O último verso replica um discurso de objetificação do corpo feminino paraguaio, uma vez que a aparência física é predominante a outros fatores que especificam um sujeito. Essa banalização é promovida pelo machismo estrutural, crítica construída pelos estudos feministas latino-americanos à estrutura patriarcal das relações de gênero em comunidade latinas. Sistema político-social, emprega à figura masculina uma relação de superioridade e dominância aos sujeitos “frágeis”⁵⁶, considerados os elos fracos, na prática atinge os diversos mecanismos a partir de violências físicas, verbais ou epistêmicas.

Em meio a narrativa de *Cunhataí*, replica um discurso do poder barbarizando o “outro”: os paraguaios, desumanizados e animalizados. Da mesma forma, na esfera o mesmo discurso do poder inferioriza o “outro” feminino, em decorrência do cenário homogêneo. O romance permeia a História Oficial, (marcado textualmente ao referir a narrativa de Taunay, na Retirada) essa por sua vez escrita por homens e brancos, que *olvida* quem está à margem e que não se encaixa nos padrões hegemônicos. Por outro lado, Lepecki resgata a historiografia, mesmo que fictícia, da presença feminina sob olhar e narração de vozes de personagens femininas.

Vale ressaltar que essa perspectiva historiográfica tradicional⁵⁷, que evidencia a imagem do Solano López como ditador, foi uma visão movida pelo lado vitorioso, ademais outras duas perspectivas historiográficas⁵⁸ marcam as eventuais causas e influências sobre o mesmo conflito. Ainda pela narração de Ângelo Zavirria, personagem e par romântico da protagonista de *Cunhataí*, nos é revelado a forma que o Mariscal foi visto e divulgado pela imprensa brasileira, até a década de 60: “No Brasil, só se referiam a ele como “o ditador”.

⁵⁶ Os aspectos de parâmetros para esse estereótipo são por meio de questões biológicas e emocionais, onde a presença de emoção são espaços femininos e o lado racional e não sentimental são espaços exclusivamente masculinos, a circulação dessa dicotomia tornou-se dominante nas relações de gênero, uma vez enraizada na América Latina, alertamos para real necessidade de desconstrução.

⁵⁷ Perspectiva abordada no primeiro capítulo dessa pesquisa.

⁵⁸ Ver o subtítulo “1.1 Historiografia da Guerra do Paraguai: uma Guerra com várias versões”, Cap. 1.

Sanguinário era pouco. Todos o consideravam um monstro” (Ibidem, idem, p. 131), para mais, outras personagens expressam esse sentimento sobre o povo paraguaio.

Óia que paraguaio não perdoa sinhazinha, não... Ele faz picadinho das muié que vão achano nos caminhos! Arrancam os dois... das damas, na base da faca e deixam sangrá até morre! Os dois... A senhora... A senhorinha sabe né memo? [...] Que horror! Quem disse? Que barbaridade! (Ibid., id., p. 133).

A possibilidade de pensar as figuras femininas brasileiras e paraguaias para além das personagens e eu-líricos, no contexto da Guerra do Paraguai, como sujeitas invisibilizadas do século XIX, nos levanta a discussão ao feminismo colonial, para pensar tanto as mulheres do Brasil e quanto as do Paraguai, perspectiva que busca repensar a história dos sujeitos subalternizados, dando visibilidade a esses sujeitos silenciados pela historiografia. Para além das obras decoloniais, existem ainda alguns debates sobre isso na historiografia como o de Maria Lígia Prado e Amanda Rodrigues, autoras apresentadas anteriormente no primeiro capítulo.

2.3 – Estereótipos do gênero feminino, mulheres protagonistas (do lar?)

A Guerra do Paraguai foi um conflito considerado por muito tempo palco exclusivo para homens, com passagens narradas de forma limitada, impossibilitando pontuar a quantidade de mulheres envolvidas neste conflito; de acordo com Maria Garritano Dourado: “[...] elas aparecem em todos os exércitos envolvidos, de vez em quando, em alguma ordem do dia, imagens, memórias, e ainda em documentos, e cartas oficiais ou privadas” (DOURADO, 2016, p. 303). Dourado aponta que esse silenciamento a respeito da presença feminina e a sua ausência em estatísticas podem ser desencadeados, em parte, pelo “carácter patriarcal que caracterizava a sociedade brasileira, carácter que ainda hoje é atrelado à questão do poder e existe de forma latente” (Ibidem, idem). As narrativas memorialistas são escritos de militares (ou não) que atuaram (ou não) na guerra do Paraguai, esses destacam a presença dos homens notáveis, protagonistas dos conflitos e batalhas. Subordinadas ao lugar coadjuvante, as mulheres ocupam o silêncio não apenas no conflito, mas nas diversas relações sociais e econômicas.

Vale salientar que, acerca da Representação da relação da mulher em seu papel social, a macro história tem colocado em uma linearidade o feito de homens, e os progressos e avanços nos mais variados campos são sempre atrelados a nomes masculinos, no entanto um olhar mais atento e profundo revelará os nomes de diversas mulheres que mesmo estando sob

fortes pressões e cerceamentos sociais conseguiram ser atuantes e determinantes na história em papéis que ultrapassaram as paredes dos seus lares. A crítica se construiu acerca da representação feminina ser culturalmente atrelada ao ambiente doméstico. Essa narrativa é um dos fatores que vai delimitar nosso estudo, pois pensar no papel feminino no contexto do século XIX é essencial para entender a forma que foram retratadas naquele período, hoje na contemporaneidade.

Para entender as questões do gênero feminino em nossa sociedade, é evidente destacar a importância do movimento feminista de 60, originando os estudos de gêneros que "procuraram evidenciar a diferença entre os gêneros e tornar manifesta a subordinação da mulher em muitos setores da sociedade, o que originou organização para a discussão dos direitos das mulheres" (ZINANI, 2006, p. 254). Esse debate é notável, pois o espaço histórico da guerra foi prioritariamente masculino.

Trata-se de ler os textos escritos por mulheres, interpretando seus silêncios, e aquilo que criticam e interrogam da cultura tradicional, como meio de substituir o discurso falocêntrico e apropriar-se de uma identidade que lhes tem sido negada (GUARDIA, 2013, p. 16). A autoria de mulheres latino-americanas converte as temáticas a partir dos anos 80 do século XX à literatura, conta com "temáticas políticas, distanciando-se dos temas domésticos que marcaram as suas produções até então [...] Nelida Piñon, Gioconda Belli, Isabel Allende, dentre outras" (PINHEIRO, 2019, p. 25), representam, em suas literaturas, "os horrores da ditadura", ou seja, em suas produções exploram temáticas políticas, e não apenas os campos domésticos, as autoras tornaram base de referência para as futuras produções femininas.

No campo literário, partindo da perspectiva da literatura escrita por mulheres, a pesquisadora Sara Beatriz Guardia, no artigo *Literatura e escrita feminina na América Latina*, traça um panorama da literatura feminina latino-americana desde o século XIII até o século XX e apresenta os aspectos de desenvolvimentos e processos fundamentais dessa literatura que tem como produtoras mulheres em determinados períodos. Guardia (2002) utiliza o termo *literatura escrita por mulheres*, por abranger o fato de que mulheres participam da atividade de escrever. Sobre os objetivos da história, a autora cita uma passagem de Pierre Vilar:

O objetivo da história – diz Pierre Vilar – não é “fazer reviver o passado”, mas compreendê-lo, o que significa reescrevê-la a partir da revisão de conceitos e métodos existentes para substituí-los por uma nova maneira feminina de abordar o pensamento crítico, com uma orientação que permita conhecer e compreender esse outro lado da história surgido da outra margem (GUARDIA, 2002, p. 202).

Dessa forma, a autora trata de ler os textos escritos pelas mulheres, interpretando seus silêncios, como meio de substituir o discurso falocêntrico e apropriar-se de uma identidade que a elas têm sido negada. Podemos pensar na contribuição patriarcal para a criação de estereótipos acerca das “funções femininas”, a qual preconceituosamente determina os espaços destinados às mulheres, mesmo sendo um pensamento ultrapassado, ainda é possível notar sua presença em esferas familiares, praticados por homens e até mulheres, por herança de um sistema colonial e excludente. Historicamente o protagonismo está entre as “funções femininas”?

Toda essa discussão de gênero aponta que, de modo geral, o paradigma da mulher submissa e inerte aos acontecimentos sociais era visto de maneira uniforme e homogênea, cabendo a nossas ancestrais apenas representações que as colocam em um papel doméstico. Dessa forma, até poucas décadas esses estereótipos esteve presente em múltiplos campos, pensamos que a questão da mulher na Guerra do Paraguai, pode ser entendida pela perspectiva de gênero, pois o evento em questão destacou historicamente apenas um gênero⁵⁹, o masculino, pois a história cultural dos papéis femininos as empregava ao exercício do âmbito doméstico, não admitindo a presença delas em outras esferas vistas como masculinas que, de modo geral, torna o paradigma da mulher submissa e inerte aos acontecimentos sociais. Isso era visto de maneira uniforme e homogênea, cabendo a nossas ancestrais apenas representações que as colocam em um papel doméstico. A macro história tem colocado em uma linearidade o feito de homens, e os progressos e avanços nos mais variados campos são sempre atrelados a nomes masculinos, no entanto um olhar mais atento e profundo revelará o nome de diversas mulheres que, mesmo estando sob fortes pressões e cerceamentos sociais, conseguiram ser atuantes e determinantes na história em papéis que ultrapassavam as paredes dos seus lares.

Portanto, esses estereótipos de gênero (a mulher recatada e do lar) ainda presente em muitas vivências, perpetuam na própria divisão de trabalho e de espaços, limitando-as a espaços marginalizados e preestabelecidos por um ser dominante. Ao levantar esse ponto, ressignificamos e aproximamos ao tema proposto, e a lógica em estabelecer “funções femininas” nos permite dizer que enquanto a figura masculina defende sua pátria e se enche de glória pelos feitos heroicos, as mulheres permanecem engessadas, pois socialmente devem ocupar funções e lugares domésticos.

⁵⁹ Em um determinado momento histórico, com todo um contexto e recepção, a função de historiador era reservado a figuras masculinas.

Um estudo que se desponha acerca das presentes discussões é, primeiramente, o trabalho de Duby & Perrot (1990), com a publicação do artigo intitulado “História das Mulheres no Ocidente”, publicado na *Revista Antiguidade* v. 1, 1990. Iniciando a discussão, os autores afirmam:

Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Voltadas ao silêncio da **reprodução materna e doméstica**, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história? (DUBY; PERROT, 1990, p. 7, grifo nosso).

Os presentes autores observam, por meio de uma perspectiva histórica, como se via a questão de escrever sobre as mulheres. Como percebemos, tais autores afirmam que, por um longo e durativo tempo, tal prática era vista como que quase nula. Além disso, outro ponto importante a se ressaltar são os escritos grifados respectivamente que fazem alusão diretamente ao questionamento explícito no título da presente seção: que possivelmente sim, muito foi se visto a mulher sida diretamente associada ao lar, à reprodução materna e doméstica, como nas palavras dos autores, evidenciando-se, assim, um dos **estereótipos** mais culturalmente engessados do gênero feminino na sociedade até hodiernamente.

Outro artigo científico publicado, mas publicado na *Revista Raído*, é a pesquisa de Tedesh (2016). O autor levanta outra importante discussão correlacionada à temática central da presente seção, mas delineando, dessa vez, um olhar ao futuro da discussão, o autor trabalha: os desafios da escrita feminina na história das mulheres. De maneira geral, o autor postula:

As contribuições que os estudos de gênero nos últimos tempos têm dado às ciências humanas e sociais são inquestionáveis, pois, além de tirarem as mulheres da invisibilidade do passado, levantaram um conjunto de questões e reflexões metodológicas importantes (TEDESH, 2016, p. 154).

Ou seja, apreende, dessa maneira, que tal discussão sobre gênero, de maneira geral, tem se tornado cada vez mais necessária e presente nas discussões acadêmicas e para além dela, nas discussões sobre discurso, literatura, cultura e em os mais variados objetos e epistemologias e perspectivas teóricas. Dessa maneira, evidencia-se a importância de tal discussão também no presente trabalho.

Encerrando-se, assim, o capítulo segundo da presente dissertação, damos continuidade ao terceiro, traçando discussões analíticas sobre, efetivamente, a representação feminina nas obras objetos deste estudo: *Cunhataí* (2003) e *Guerra entre irmãos* (1997).

CAPÍTULO 3 – REPRESENTAÇÃO FEMININA EM CUNHATAÍ E GUERRA ENTRE IRMÃOS

“[...] concepção historiográfica sempre privilegiou o universo masculino”.

(SQUINELO, Ana Paula. 2017 p. 236)

Este capítulo foi estruturado em três subtítulos, no primeiro momento examinamos os poemas e a obra de Naveira; em um segundo momento, investigamos a obra de Lepecki em todo campo narrativo e pontuando a estrutura estilística e temática para fechar a discussão; o terceiro tópico vai analisar as figuras femininas em ambas as obras.

Discutiremos a questão da mulher nas duas obras literárias que se constituem objeto dessa pesquisa: *Cunhataí* e *Guerra entre irmãos*. A pesquisadora Geovana Quinalha Oliveira, precursora, sob a perspectiva decolonial, nos estudos feministas, em sua tese de doutoramento discutiu a questão da mulher fronteiriça em duas obras literárias *Vargos sin terra* e o *Cunhataí* (2003) de Lepecki.

Sendo *Cunhataí* objeto em comum a essas pesquisas, questão que também me saltou os olhos juntamente com a obra de Raquel Naveira, o *Guerra entre irmãos*, decidimos concentrar nas narrativas históricas e literárias das mulheres como sujeitos poucos visibilizados na Guerra do Paraguai e analisá-las a partir de uma viagem Latino-Americana a Guerra de 70. Ademais, Geovana Quinalha pontua, em seu ensaio sobre autoria feminina, a figura de mulheres nas obras que:

Os versos de Raquel Naveira articulam, em sua estrutura de representação, outras identidades: as das ausências. Esse episódio bélico é igualmente resgatado em *Cunhataí*, todavia, o enfoque são as dores, os imprevistos, a religiosidade, os desejos, as relações entre crianças e suas mães cujas afetividades reescrevem subjetividades e sentidos de identificação [...] (QUINALHA, 2003, p. 177)

Com isso, a autora marca essa presença por meio da ausência, ou seja, a autora destaca um grupo outrora invisibilizados em seu contexto histórico, mas que por outro lado, é evidenciado por pesquisadores (as) e escritos recentes, tanto na obra de Lepecki, quanto em Naveira. Mesmo inserindo personagens femininas, nem todos os grupos de mulheres foram destacadas de forma igualitária, com isso remetem as mulheres de cor Preta um espaço coadjuvante em *Cunhataí*, e inexistente em *Guerra entre irmãos*.

Da mesma forma, Ana Paula Squinelo realiza uma análise crítica a questão do gênero e da guerra no romance de Lepecki, no artigo “História & Literatura, Cotidiano &

Sertões – perspectivas de gênero na obra *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai* (Brasil, 2003)”. Nessa pesquisa ela indaga se “é possível visibilizar as mulheres?” (SQUINELO, 2017, p. 236). A autora explica que as narrativas sobre a guerra se construíram a partir dos escritos de militares ou expectadores, sendo eles:

[...] protagonistas ou não do evento [...] É o caso por exemplo no Brasil das obras de Fragoso (1957/1959), Taunay (1997), Cerqueira (1910?), Lemos/ Constant (1999) e Rebouças 9s.d.); no Paraguai de Centurión (1987) e Resquin (1996) e de “olhares de estrangeiros” as de Burton (1997) (SQUINELO, 2017, p. 236).

Os autores citados por Squinelo privilegiam em suas narrativas os aspectos militares da Grande Guerra, “[...] questões relacionadas à infraestrutura do combate, ações, mapas, geografia, atuação do comando e estratégias de combate são alguns temas abordados por esse perfil de narrativa” (Op. Cit.). Dessa forma, ao privilegiar essa formação, o “cotidiano do conflito fica à margem da história” (Op. Cit.). Isso vai refletir na invisibilização de um grande grupo de sujeitos(as) que participaram do conflito, mas que não tiveram voz frente à história oficial, nas produções apresentadas pela autora. Por esse motivo, ressaltamos o quanto é pertinente essa investigação. Mas um tópico específico que dificulta examinar a participação feminina levantado pela autora é o fato dos primeiros registros sobre as mulheres e a guerra partiu de registros dos protagonistas do conflito, obliquo formado exclusivamente de homens, em sua maioria brancos, assim “ o olhar sobre a mulher advém de um relato/impressões/memórias de um homem que esteve presente na guerra e criou uma narrativa sobre a participação da mulher na guerra a partir de suas referências e lugar social” (Op. Cit.) – A autora utiliza o conceito “lugar social” cunhado por Michel de Certeau (1982), o qual pontua que:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração que circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam CERTAU apud SQUINELO, 2017, p. 239).

Ainda arreigado no trabalho de Squinelo, a autora nos relata que a maioria dos escritos partiram de homens de alta patente, sendo inabitual os escritos de soldados e cabos – homens de baixa patente. E que quanto a escrita feminina, até o momento não foi encontrado nenhum registro escrito por uma mulher protagonista que atuou no conflito.

Para mais, essa pesquisa executa a análise do conjunto literário já citado, contudo nosso escopo se apresenta pelas partes e trechos que remetem ao ponto que queremos destacar, temos como objetivo entender a disposição das figuras femininas como

representação de determinados sujeitos. Adiantamos que o todo na obra de Naveira nos apontou uma debilidade na representação feminina, que quando as inserem não vai além dos nomes já conhecidos, a predominância de poemas com o eu-lírico dirigindo ou representando personalidades masculinas além de serem maioria, reforçam o pensamento heroico de homens, brancos e cis.

Por outro lado, Lepecki (2003) atribui a sua narrativa uma perspectiva feminina, fora dos padrões das narrativas com a mesma temática, inserindo e nomeando (mesmo que ficcionalmente) mulheres, possibilitando uma representante feminina ao rol de heróis nacionais (Micaela). Porém, repete alguns padrões da historiografia tradicional, permeando apenas a perspectiva dos aliados sobre o conflito, reproduz o discurso social, notadamente em três mulheres protagonistas, ambas de elite, brancas e letradas. Em contrapartida, há outras personagens como a Ana Preta e as prostitutas Buscapé e Francesa, que continuam na margem, não receberam nem ao menos um sobrenome.

Para mais as personagens de Cunhataí (em sua maioria mulheres) foram marcadas pela autora, seja na presença ou na ausência, ficticiamente ou na realidade, elas ocuparam todas as esferas da narrativa.

A personagem Rosália, é uma fazendeira viúva que detestava a fazenda em que morava: “É minha ilha, meu beco, minha prisão” (LEPECKI, 2003, p. 13). Ela se vê interessada pelo desenvolver da Guerra da Tríplice Aliança, relatado por Coralina no artigo publicado na Gazeta Pantaneira. A personagem Coralina S. C. é uma mulher letrada, escritora “colaboradora especial” (Ibidem, idem, p. 12) da Gazeta pantaneira, e narra a história para sua amiga de faculdade Rosália.

A personagem protagonista de *Cunhataí* tem nome de princesa, Maria Micaela Ferreira Lima, pertenceu a uma “família católica e monarquista” (Ibidem, idem, p.26), refletindo na escolha de seu nome e na sua criação. Mas, desde muito nova seu comportamento repreensível para a época era notado “Desde criança demonstrava talento para **brincadeiras de meninos**. Adorava subir nas árvores mais altas, montar a pelo e enfrentar uma boa briga. Tornara-se o filho que o pai desejava [...] Vai ser difícil de casar [...]” (Ibidem, idem, Op. Cit., grifo nosso), ou seja, ela não se ela buscava fugir do padrão tradicional e estabelecido naquela época. Sobre ela, Squinelo (2017), afirma que a personagem “carregava consigo sentimentos e desejos que destoavam do padrão estabelecido pela sociedade novecentista no que diz respeito ao comportamento feminino” (Ibidem, idem, Op. Cit.).

O tenente de engenharia Ângelo Zavirria de Alencar aproveita da sua dupla nacionalidade (paraguaio e brasileiro) “Filho de pai brasileiro de pura linhagem lusitana e de mãe paraguaia, descendente dos espanhóis, era também fluente nesses dois idiomas e familiarizado com ambas as culturas” (Ibidem, idem, p. 29), para infiltrar-se na coluna Expedicionária rumo a Mato Grosso. O paraguaio tem função primordial, pois seu contato com a jovem moça transforma sua vida em uma verdadeira epopeia.

A personagem Madrinha residia no Taquaral, seu nome de batismo não é revelado pela autora, ela possuía conhecimentos da medicina natural, uma mulher simples e do povo, sua afilhada tenta evocar seu o nome de batismo,

e não conseguiu. Deu-se conta que ninguém se referia a ela pelo nome. Para sua família, era família, era a madrinha; para o povo, era a bruxa, a curandeira, a feiticeira. Ninguém ousava- perturbá-la apesar da sua superstição atávica daquela gente [...].(Ibidem, idem, p. 46).

Essa personagem contrasta com as outras mulheres (Micaela, Rosália e Coralina) da narrativa, pois a “madrinha” é uma mulher do povo, que domina os conhecimentos da natureza, considerada uma bruxa, assim como na idade média, quando as mulheres que estavam à frente de seu tempo e que tinham conhecimentos medicinais eram consideradas feiticeiras, conhecimentos que foi passado a sua afilhada Micaela. Além disso, era uma escritora que se dedicou a escrever o “*COMPENDIO GERAL DE ERVAS E SUAS APLICAÇÕES*, ou *HERBARIUM VITAE*, como preferia, já que tudo em latim parecia mais pomposo e científico” (Ibidem, idem, p. 47). A obra de uma vida inteira seria herdada pela sua preferida para dar sequência ao legado da curandeira, uma vez que o saber de que Micaela se apropria durante a estada na casa da “madrinha” é crucial para sua sobrevivência na coluna, que marchava rumo ao teatro de operações. Já a Dona Glorinha, mãe de Micaela e de mais 7 filhos/as, é uma mulher religiosa, elitista, que desempenhava satisfatoriamente o costume de bordar.

No enredo, outras personagens são inseridas, a Elisa Lynch – importante figura feminina na história da Guerra Guasu e companheira de Solano López – foi descrita pela visão de Ângelo, no momento que Solano a conhece, assim:

Elisa Alicia Lynch era belíssima. Cabelos dourados, lânguidos olhos azuis, pele nacarada, lábios róseos e delicados. O porte era o de uma princesa, tal a elegância do talhe. Vestia-se com refinamento e gosto. Nada nela era vulgar. Frívola à primeira vista, na verdade possuía um gênio forte e bastante determinação [...]. Era bem-educada e inteligente.

Além das características, ele realiza comentários sobre a seus dados biográficos, essas datas e locais eram controversos historicamente, mas conforme veremos no subtítulo dedicado à análise das personagens femininas que a pesquisa dos autores de *Calúnia* (2009),

de Michael Lillis e Ronan Fanning, comprova por meio de análise de documentações, que muitos dados sobre Elisa estavam imprecisos. Sendo essa personagem, uma mulher recorrente na historiografia do conflito, ela é a uma personagem feminina que transita entre ambas as obras em *Guerra entre irmãos*, o eu-lírico, está em constante questionamento sobre os verdadeiros motivos de sua condenação, ressaltando aspectos de conduta moral da não aceitação de sua figura na sociedade paraguaia, o poema da página 31 e 32, passa ao leitor as agruras de “Madame Lynch”

XII – Madame Lynch

Por que me condenam?
Porque fui adúltera?
Segui um homem,
Uma aventura,
Para um continente morno e desconhecido?

[...]

Por que me condenam?
Porque não tenho paixões difusas,
Sou a fiel a um companheiro
(NAVEIRA, 1997, pp. 31-32.)

Outras mulheres foram incorporadas por Lepecki: a personagem Ritinha era a empregada da família e dama de companhia da jovem protagonista. As personagens, Francesa; Buscapé e outras prostitutas, também foram inseridas pela autora.

Dentre as personagens citadas, Ana Preta, “mulher de cor” (LUGONES, *Colonialidade e gênero*, 2008, p. 75, tradução nossa), foi uma das privilegiadas, em contraste a jovem mocinha, ela surge na narrativa para auxiliá-la, a mulher que também foi citada por Taunay em *A Retirada da Laguna*, não teve seu sobrenome sequer mencionado em ambas as narrativas, sabemos que as histórias tem poder de refletir estruturas sociais de determinadas épocas, mas como explicar que um romance escrito na contemporaneidade, continua reforçando as raízes da distinção de raças, embora a autora tenha baseando-se em uma obra memorialista, não podemos deixar de notar que as duas autoras que trabalhamos que falam de determinado lugar - são mulheres brancas, de elite e letradas. Vale ressaltar que ao início da obra, ao apresentar a protagonista, faz relação do nome de Micaela com macaco, e que a jovem não gostava do apelido Mica e que entendia como uma provocação se lhe oferecessem uma banana. Portanto,

Para enfurecê-la, bastava chama-la pelo apelido **odiado**: Miquinha. Qualquer alusão a primatas desencadeava brigas, choros e sofridos desabafos.

- Mãe, por que escolheu esse nome tão **horrível** para mim?

- Seu nome é lindo, minha filha. Deriva de São Miguel, que é um dos anjos mais protetores. O mesmo nome de Sua Majestade!
- Não! Não é nome de princesa! É nome de **macaca**.
(LEPECKI, 2003, p. 27, grifo nosso.)

Um diálogo possibilitado durante a banca de qualificação e reforçado na banca de defesa foi a validação da “interseccionalidade” acerca da presença e ausência de personagens femininas pretas. Para pensar na única personagem preta nas duas obras analisados, partimos do conceito de “intertextualidade”, conceito demonstrado pela pesquisadora Carla Akotirene, a qual, demonstra-o, que segundo Angela Figueiredo:

[...] é mais do que um conceito- é uma teoria e também uma ferramenta de luta política que nasce do cotidiano, dos enfrentamentos e dos desafios políticos das mulheres negras pois sabemos que o pensamento feminista negro é um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres negras que envolve interpretações teóricas da realidade a partir de certo ponto de vista. FIGUEIREDO apud AKOTIRENE, 2019, contracapa.

Com isso, o conceito permite pensar para além da teoria, pois como a autora disse, se encontra “no conjunto de experiências e ideias compartilhadas” AKOTIRENE, 2019, p. 14. O que nos leva ao campo pragmático, resultando-nos pensá-la como ferramenta de luta. Para corroborar a escritora, nos afirma que o conceito foi pensado por “feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a, rigor, focado nos homens negros” AKOTIRENE, 2019, p. 18. Cunhado pela intelectual Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade tem o intuito de “dar instrumentalidade teórico-metodológico à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado.” Ibidem, idem, p.19.

O famoso visconde de Taunay também desempenha papel primordial na narrativa de Lepecki. Após a chegada de Micaela na coluna, ele estava em constante diálogo com a mocinha. Também é figura histórica porque participou da Expedição rumo a Mato Grosso, registrando esse episódio na sua mais conhecida obra, a *Retirada da Laguna*. Por fim, a obra conta com personagens históricos e ficcionais que serão observados nesta pesquisa.

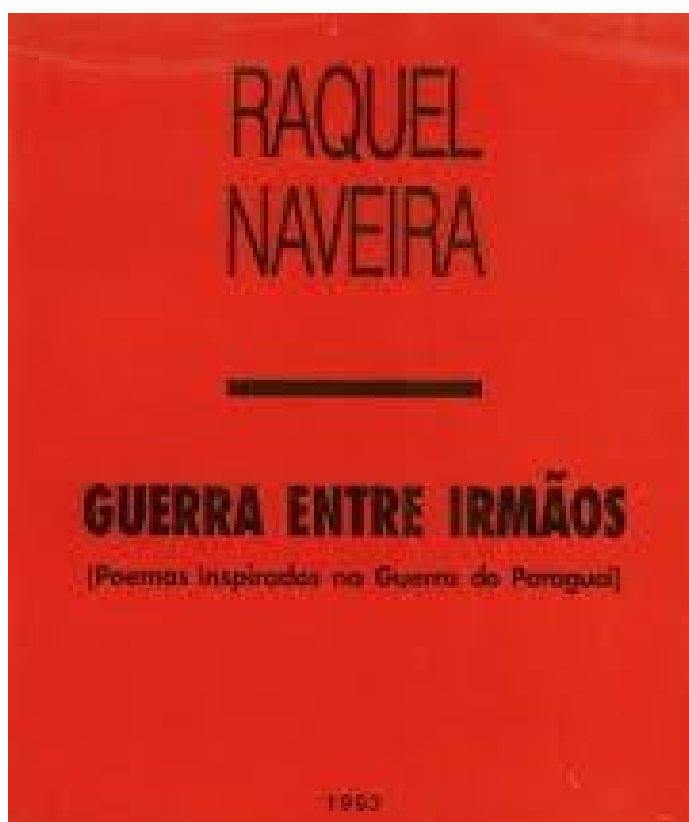
Portanto, este capítulo em especial tem valor imensurável, pois é a realização de uma caminhada que nasceu de uma aula de literatura contemporânea durante a graduação, chegando a um programa de pós-graduação, sob orientação de uma das maiores especialistas e pesquisadora brasileira do estudo da Guerra do Paraguai.

3.1 – POEMAS INSPIRADOS NA GUERRA DO PARAGUAI: UMA GUERRA EM LÍRICA

Os homens do Paraguai estão mortos,/ Não há mais falos/
Eretos e cheios de pólen/ Como milhos,/ As mulheres
caminham trêmulas,/ Ávidas de sementes,/ Gineceus ao
vento.” (NAVEIRA, 1997, p. 68)

Composto por 30 poemas inspirados na Guerra do Paraguai, Raquel Naveira reconta o conflito de forma lírica e carregado de elementos regionais. Foi publicado pela primeira vez em 1993, nessa pesquisa a segunda edição de 1997 foi utilizada para análise. O *Guerra entre irmãos* é uma obra que evidencia sujeitos, batalhas e países envolvidos no conflito. Os poemas I ao V apresentam os países envolvidos na Guerra contra o Paraguai (Brasil Imperial, Assunção, Argentina, Uruguai)”. À medida que a autora aponta os países envoltos, ela marca a participação de outra nação, no poema o eu-lírico aponta a Inglaterra como o quinto envolvido, principal causador de colocar irmão contra irmão na América Latina.

Figura 11: Capa *Guerra entre irmãos*



Fonte: NAVEIRA, *Guerra entre irmãos*.1997.

Com isso, identificamos uma linha revisionista ao abordar os interesses sobre a guerra, carregado de simbolismo históricos marcados no poema intitulado “Leão Britânico”, conforme a seguir na íntegra:

V- LEÃO BRITÂNICO

O Leão Britânico ruge,
Impera,
Domina,
Quer o mundo a seus pés;
Usa as garras,
A força,
A violência
Enquanto balança a juba fulva,
A cabeça coroadada.

O Leão não admite concorrência,
Para isso tem dentes ávidos,
Estômago de máquina a vapor,
Cérebro capaz de gerar navios,
Frotas,
Esquadras inteiras,
Ele próprio ancorado
No canal da Mancha.

O Leão se alimenta de ouro, prata,
De toneladas de algodão,
Devora carne humana
Com sua boca de fôrnalha.

Quem é esse esquilo
Que incomoda sua cauda?
Essa república insubmissa
Fora do controle de suas unhas?
É o Paraguai,
Perdido no mapa,
Construindo navios e armas,
Recheando-se de pólvora.

Ruge o Leão Britânico,
Seu peito sangra libras esterlinas,
Há que se esmagar o Paraguai
Com intrigas e chacinas,
Há que se jogar irmão contra irmão
Na América Latina
(NAVEIRA, 1997, p. 17, grifo nosso)

O “Leão britânico” simboliza a Inglaterra, grande potência. A figura do leão não foi sem fundamento, além de ser um animal majestoso, soberano e imperador, é animal presente no brasão britânico, contudo o nome da Inglaterra não se faz presente, mas o contexto historiográfico nos aponta essa linha revisionista. “O Leão não admite concorrência”, principal fundamento defendido por Chiavenato, indica que o grande desenvolvimento paraguaio afetaria a hegemonia britânica. O revisionismo aponta a participação da Inglaterra. “Só houve um ganhador, a Inglaterra” (CHIAVENATO, 1980, p. 30), nessa linha a Guerra do Paraguai foi financiada e manipulada por interesses britânicos.

Por outro lado, o neorrevisionismo histórico apresenta autores que contestam essa perspectiva, dentre eles destacamos a pesquisa de Moniz Bandeira, ao defender que: “As diversas especulações que viram nessa guerra uma manipulação maquiavélica da parte da Grã-Bretanha para destruir um regime hostil ao câmbio livre e aos interesses britânicos não tem o menor embasamento factual” (BANDERA, 2012, p. 33). Em termos gerais, O autor indica que a Inglaterra foi contra a guerra, pois tinha negócios que aconteciam na região platina que foi congelada durante o conflito, explicar melhor.

Essa narrativa de influência britânica com o Império não pode ser validada, pois ele rompeu relações diplomáticas com a Inglaterra, por conta da abolição da escravatura, sendo o último país da América Latina a abolir a escravatura. Além disso, a relação entre os impérios percorria uma grande questão em tensão com os Britânicos, e em 1861 a questão Christie⁶⁰ abalava ainda mais esse estreitamento. Tinha a base econômica pautada na escravidão. Para evidenciar a discussão anterior, esquematizamos os períodos citados em um quadro, nele abordamos os períodos, os principais autores e de forma efêmera o seu contexto.

⁶⁰ A Questão Christie, foi uma divergência entre o império Brasileiro e Britânico; no ano de 1861 um navio britânico com destino a Buenos Aires, encalhou na costa do Rio Grande do Sul, onde foi saqueado após os marujos desembarcarem para pedir ajuda. Naquele contexto, o diplomata Wiliam Dougal Christie exigiu uma indenização e um pedido formal de desculpas à D. Pedro II, que negou toda a situação e, em função de sua postura, romperam toda as relações diplomáticas que estavam desgastadas pelo tráfico negreiro exercido pelo Brasil Imperial.

Quadro 1 - Historiografia da Guerra do Paraguai/Guasu

	Tradicional	Revisionista	Neorevisionista
Período	Final do conflito até 1960.	A partir de 1960 a 1980	A partir de 1980
Principais autores	Autores protagonistas (ou não) da guerra, memorialistas: Cerqueira; Fragoso e Pombo. Taunay	Com a obra <i>La Guerra del Paraguay: Gran negocio!</i> (1968), Leon Pomer, da início a linha historiográfica. Julio José Chiavenato <i>Genocídio Americano</i> (1979), obra brasileira de grande destaque e influência.	Esses pesquisadores conhecidos como a “geração de 1990”. Moniz Bandeira; Ricardo Salles; André Toral; Ana Paula Squinelo; Marcela Quinteros. Francisco Doratioto; André Toral; Maria Eduarda Magalhaes Marques, Herib Caballero, entre outros (as).
Contexto	No Brasil, compreende da visão patriótica do conflito. Ela empreende uma visão pejorativa ao povo paraguaio, principalmente a figura de Francisco Solano López.	Esse momento historiográfico apresenta uma “visão imperialista”, a qual alude interesses externos, essa visão aponta a Inglaterra como manipuladora dos países aliados contra o Paraguai, pois acreditavam que a expansão guarani, a culpa foi atribuída exclusivamente à Inglaterra.	Diferente das outras correntes, essa busca as razões do conflito, figuras e autores tratando questões ideológicas de narrativas produzidas, vai de encontro com a análise de sujeitos outrora silenciados ou pouco visibilizado na busca de identidades, pois vai além de apontar culpados. Ela se encontra na passividade e na investigação.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2022.

A tabela a seguir apresenta a estrutura temática da obra em análise *Guerra entre irmãos*, com um total de 30 poemas.

Quadro 2 – Temáticas identificadas do *Guerra entre irmãos*

Quantidade	Títulos
6 poemas – Batalhas/Combate	Riachuelo; Forte Coimbra; Tuiuti; Curupaiti; Humaitá; Cerro Corá.
7 poemas – Figura masculinas	Solano López; Osório, o “Lidador”; Caxias; Taunay e a Retirada da Laguna; Bernardino Caballero; Conde D’Eu; Aos Homens Mortos do Paraguai.
5 poemas – Figuras feminina	Madame Lynch; O enterro da Madame Lynch; Kiguá-Verá; Antônia; Súplica a Nossa Senhora de Caacupê.
6 poemas – temas diversos	
6 poemas –Países	Assunção (Capital do Paraguai); Argentina; Uruguai; Brasil Imperial; Leão Britânico.
Total de poemas :	30

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2020.

Do ponto de vista quantitativo, a tabela nos apresenta a proporção de 5/30, assim de um total de 30 poemas, apenas cinco apresentam figuras femininas, os outros 83,3% ou 25 deles não mencionam em sua temática a figura de mulheres no contexto da Guerra do Paraguai. Desses, em cinco poemas destacados na tabela (Madame Lynch; O enterro da Madame Lynch; Kiguá-Verá; Antônia; Súplica a Nossa Senhora de Caacupê), a disposição da figura feminina está estruturada da seguinte maneira:

- a) Madame Lynch - Elisa Alicia Lynch, 2 poemas com a representação da personagem histórica de Elisa (Madame Lynch; O enterro da Madame Lynch); No primeiro poema temos a representação da figura de Lynch, ambos os poemas apresenta-a como uma mulher condenável, sua imagem é associada à riquezas, uma delas é o livro de ouro “Com assinaturas das damas paraguaias” (p.35)

XII – Madame Lynch

Por que me condenam?

Porque fui adúltera?

Segui um homem,

Uma aventura,

Para um continente morno e desconhecido?

Por que me condenam?
Pela minha beleza,
Meus olhos azuis,
Meus olhos azuis,
Meus cabelos de fogo
Onde refulgem tiaras de princesa?

Por que me condenam?
Porque entrego meus lamentos ao piano,
Meu riso rola pelas escadarias
E meus punhos são frágeis cintilam de pedrarias?

Por que me condenam?
Porque amo o patético Paraguai,
As águas do lago Ipacarái,
As estâncias forradas de nardos e jasmins-do-cabo?

Por que me condenam?
Porque não tenho paixões difusas,
Sou a fiel a um companheiro
(NAVEIRA, 1997, pp. 31-32.)

XIII - O enterro da Madame Lynch

Madame Lynch partiu
Toda vestida de negro
No tombadilho do “Jauru”
Dizem que enterrou seu tesouro
À margem do rio,
Caixotes e mais caixotes
Cheios de fazendas,
Casimiras púrpuras,
Relógios,
Sombrinhas de seda,
Cálices de cristal,
Urinóis de louça,
Onças libras e patações,
Fosforeiras de esmeraldas,
Tiaras iguais às da imperatriz Eugenia, de França,
Broches em formato de rubis,
Albuns de pérolas
Com assinaturas das damas paraguaias,
O sino de ouro da catedral,
Punhais cravejados de safiras,
Galos de prata,
Candelabros;
O tesouro brilha e rebrilha
Na carnadura da terra.
Quando amanhece o dia,
Como um lavrador procura no campo
Com uma vara verde
O lugar onde há água
Para cavar o poço

E encontrar vida,
Saio com minha pá
À procura do “enterro”.
[...]
(NAVEIRA, 1997, pp. 33-34)

- b) Kiguá-Verá (vivandeiras) 1 poema, com êxito Naveira representa esse grupo de mulheres que atuaram diretamente nos acampamentos, elas vendiam todo tipo de produto, mulheres que foram consideradas povo de baixo, pouco visibilizadas historicamente, cujas narrativas evidenciam de forma ampliada o papel exercido pelas residentes no durante e o pós-guerra. A mulher retratada nesse poema, a paraguaia presente nos acampamentos, que sobrevivia por oferecer seus serviços aos soldados, o eu lírico marca nos primeiros versos, a proximidade com a figura livre da Kiguá-Verá.

XIV – Kiguá-Verá

Era uma mulher livre,
Uma Kiguá-verá,
Como minha mãe,
Como minha avó;
No mercado vendia verduras,
Chipas de tapiocas,
Bolos de vitória-régia,
Vestia blusas brancas de nhanduti
E saias com estampas fortes,
Gostava de jóias,
Enfeitava meus cabelos negros
Com fieiras de crisólitos
E um pente de ouro.

Hoje sou uma “galopeira”,
Uma “vivandeira”
Rondando acampamentos
Por qualquer preço
Ofereço minha gruta,
Minha rosa secreta.

Passo rouge de sangue na minha face de assucena,
Ponho um colar de vaga-lumes vivos
E saio pela noite,
Acesa e fosforescente.
(NAVEIRA, 1997, p.35)

- c) Antônia (Índia Chané) 1 poema, esse leva o nome da índia, par romântico de Taunay, esse pouco fala dela, em todo sentido evidencia exclusivamente a Taunay e a sua obra a *Retirada da Laguna*) A presença feminina é sublimada pela figura do Visconde de Taunay.

XXII – Antônia

Nunca vou te esquecer, meu francês
De cabelos encaracolados,
Teu jeito distante
De quem vive escrevendo
Perdido num país de sonho.

Não esquecerás de mim, tua Antônia
Tua índia de ternura branda,
Cabelos negros
Que guardam os segredos das noites
Entre os morros de Aquidauana.

Ah! Meu francês,
Por tua causa
Perfumava minha pele
Com folhas de laranja
E funcho macerado,
Tudo para senti-lo dentro de mim,
Para cheirá-lo,
Para sorver de teus lábios
A saliva estonteante
Como bebida de minha tribo.

Alfredo Taunay,
TONÉ,
Tua Antônia,
Índia chané,
Sabe pronunciar teu nome francês.
(NAVEIRA, 1997, pp. 51-52.)

- d) Mãe paraguaia 1 poema, neste, o eu-lírico representa uma mãe paraguaia a qual súplica a Nossa Senhora do Caacupê que proteja os meninos paraguaios.
- e) Bravas mulheres; Ludovina; Aninha Cangalha e Maria Fuzil (participação por prática considerada heroica na batalha do Forte Coimbra, única menção).

XVI – Forte Coimbra

Forte Coimbra,
Baluarte brasileiro,
Branco castelo
Às margens do Paraguai,
Sobre tuas muralhas
Pousam garças e jaburus

Saídos de camalotes.

Os invasores ancoram pelo morro,
São milhares,
No forte, pequena guarnição:
Portocarrero e seus homens,
Prisioneiros,
Índios guaicurús,
Bravas mulheres,
Ludovina,
Aninha Cangalha,
Maria Fuzil.

Os canhões rompem fogo,
Exigem rendição,
Encontram resistência;
Correm à capela de Nossa Senhora do Carmo,
Padroeira do Forte
E oram:
“Ó Senhora do Carmo,
Do Carmelo,
Assim como o Pai,
A pedido de Elias,
Enviou fogo do céu contra os ímpios,
Salva-nos nesta refrega,
Protege com teu manto
Os muros de teu Forte”.
[...]
(NAVEIRA, 1997, pp. 39-40.)

Conforme o exposto, as figuras em destaque representam mulheres que de alguma forma participaram do conflito bélico de 70. Cada representação ou grupo de mulheres foram inseridas por meio de elementos poéticos, através do levantamento quantitativo (5/30), com isso fica evidente a desproporção entre as imagens nos poemas.

Além do espaço ocupado pelas mulheres posicionarem-se na minoria, notamos que dentre as mulheres idealizadas, Naveira insere um grupo de sujeitas menos invisibilizadas historicamente, como as vivandeiras no poema “Kiguá-Vera”, a índia Chané Antônia, mesmo que o eu-lírico evidenciando ao Taunay, a imagem de uma mulher indígena extrapola os campos historiográficos, as mães paraguaias também foram notadas, mesmo sendo uma narrativa que parte de uma perspectiva brasileira, ainda marcam elementos típicos ao Paraguai, como a figura religiosa (feminina), outras figuras aparecem em outros poemas, marcando uma diversificada rede de mulheres, desde as mais conhecidas (Elisa Alicia Lynch), marcadas de múltiplas formas por uma vasta historiografia até as que foram consideradas “povo de baixo” (vivandeiras).

3.1.1 ESTRUTURA DA OBRA *GUERRA ENTRE IRMÃOS*

É notável a sobre-eminência de evidenciar o trabalho de escritoras sul-mato-grossense. Raquel Naveira é uma poetisa de referência, porém quando recorremos a autores regionais, e até mesmo os currículos referenciais da escola básica, primamos empiricamente ao escritor Manoel de Barros e suas obras, pessoalmente esse foi uma noção desconstruída apenas durante a graduação em Letras, quando a maioria das obras estudadas pertencia unicamente ao gênero masculino, e/ou ocupantes da elite, ou seja, esse espaço em sua minoria ocupado por elas. Dessa forma, pretendemos transpor os limites socialmente impostos e que replicamos involuntariamente.

Realizamos a disposição dos poemas de Raquel Naveira: os 4 primeiros poemas da obra apresentam os países envolvidos no conflito, a autora ainda pontua o que acredita ser o papel desempenhado neste episódio bélico:

I – ASSUNÇÃO Assunção índia, Melancólica,, Isolada, Esparramada sob os laranjais. Assunção quente, No mormaço De úmidos vapores, De essenciais florais. Assunção cheia de glória, Palácios, Salões, Jardins, Troféus, Arcos triunfais. Assunção das festas, Das bandas de músicas, Dos carros de bois, Das paraguaias sensuais Assunção das sementes das plantas exóticas, Das videiras normandas, Do bicho da seda,	II- ARGENTINA Argentina, Argêntea maçã do Prata, Querem abocanhar tua floresta, O coração do Pampa, Os lagos da Patagônia, A serra andina; Navegar teus rios: Colorado, Negro, Bermejo; Quebrar tuas palmeiras, Cavalgar tuas lhamas, Sangrar o puma e o jaguar. Quais teus limites? Tua sina? Argêntea maçã do Prata, Argentina... NAVEIRA, 1997, p. 11.
--	--

Dos canaviais. Assunção das indústrias Dos navios, Das estradas de ferro, Do telégrafo, Das escolas, templos e hospitais. Quantos apelos marciais! NAVEIRA, 1997, p. 09-10.	
---	--

III- URUGUAI Uruguai inventada Onde pasta o gado, Boi brasileiro, Charque de escravos Solto na padaria. Uruguai Aniquilado por bandoleiros, Anarquistas, Caudilhos; Quebraram-se os disques, Os estaleiros, Os tijolos, Esparramou-se o trigo pelas colinas, Pelas ruínas do Banco Mauá. Uruguai internada, Colorados e Blancos Rasgaram a grande fazenda Em farrapos verdes, Cor de esmeralda. NAVEIRA. 1997, p. 13	IV- BRASIL IMPERIAL O Brasil Imperial Vai mal: Chega de escravizar, De tinir os ferros, De estralar açoites, De prender algemas Nos braços negros, De estancar feridas Com sal; Chega de alimentar a nobreza cabocla, De regar com sangue o latifúndio, DE engordar as casas exportadoras, De resistir às mudanças Para o bem social; Chega de empréstimos, Falências, Nos engenhos as moedas emperraram, A flor do algodão secou como palha, Atearam fogo no cafezal; O trono balança, O imperador , D. Pedro II, Não acompanha o progresso do mundo: Lá fora há indústrias, Vapores, Trens, Sopra o vento liberal. O trono balança, O imperador está velho, doente, Pensa na Academia Francesa. Em hierógrafos egípcios, Em amigas da corte, Em longos saraus.
--	---

	D. Pedro coça a barba, Deposita cetro e coroa Sobre o trono que balança De sua valise saem as pontas do manto real. Vai mal O Brasil Imperial. NAVEIRA. 1997, p. 15 – 16.
--	---

Ao examinarmos os poemas acima, notamos que Naveira inicia sua obra com o poema “Assunção”. No seu primeiro verso, ela ressalta ao leitor a origem indígena do povo guarani. A autora se apropria da linguagem poética, utilizando a figura de linguagem sinestesia⁶¹. Ela também aponta uma condição estereotipada da nação vizinha, a qual apresenta o Paraguai como um farol da América do Sul, desenvolvida e um risco ao Leão Britânico - alegoria para a Inglaterra, nação vizinha “Assunção **cheia de glória**” (NAVEIRA, 1997, p. 9, **grifo nosso**.) Essa condição reforçada pelo último verso “Assunção, nunca mais...”, referindo se ao estado final do país no seu pós-guerra. (Ibidem, idem, Op. Cit.).

Na quarta estrofe (verso dezoito) desse poema temos em apenas um verso a representação da figura feminina paraguaia “Das paraguaias sensuais”, o eu lírico remete-se ao estereótipo de mulher latina ao discorrer do país guarani, elas carregam o estigma de corpo sensual.

Em geral, as narrativas nos ajudam a compreender o passado, por isso a relevância do ato de reflexão e desconstrução da “história única” e “hegemônica”, pois, são narrativas que privilegiam determinados sujeito, no poema IX – Súplica a nossa senhora de Caacupê, das páginas 26 – 27, nossa crítica se constrói na representação da figura feminina, ou seja, a caracterização do papel de mãe, que recorre a outra grande mãe (Santa de Caacupê).

IX – Súplica a nossa senhora de Caacupê Minha Nossa Senhora de Caacupê, Mãe e Deus e nossa, Que te dignaste a aparecer

⁶¹ Sinestesia é uma figura de linguagem que tem por aspecto principal, o uso de palavras que mesclam sentidos sensoriais.

Sobre uma azinheira,
Um tufo de ervas altas,
Cobre com teu manto
Esta tua serva
E todo o Paraguai,
Intercede pelos nossos padres,
Pelos desvalidos,
Pelos necessitados de perdão,
Peço-te uma graça,
Um singular favor:
Não deixe meu filho partir para a guerra,
Ele só tem catorze anos,
É um menino,
Quantos já se foram,
Subiram nos navios
Como animais a serem sacrificados
Em altares
Que enfeitamos com bandeiras e guirlandas;
Quantos estão trancafiados em fortins:
Curuzu,
Curupaiti,
Humaitá,
Dizem que **nossos filhos** não nos pertencem,
Que a **Pátria é a mãe verdadeira**,
Arrancam nossos filhinhos
De nossos peitos,
Mas **tu mãe**,
Tu és mãe acima de todas as mães,
Acima da Pátria,
Salva meu Juan,
Estanca o ódio
Semeia a Justiça e paz,
Tu que és índia e espanhola como eu,
Devota de teu santuário,
Que só me visto de preto
E espalho cinzas nos cabelos.

Minhas Nossa Senhora de Caacupê,
Peço-te uma graça maior:
Conserva minha fé,
Apesar da torpe guerra,
Sei que essa tragédia
Vem do pecado da cobiça,
Creio na promessa de Jesus:
“Aquele que perseverar até o fim se salvará”.

Ah! Minha Nossa Senhora do Caacupê,
Eu só **queria ver o meu filho crescer...**
(NAVEIRA, 1997, pp. 26-27, grifo nosso.)

Nesse poema, Naveira apresenta a suplica de uma mãe a Nossa Senhora do Caacupê em prol de seu filho, ressaltando uma grande problemática que foi o envolvimento de crianças na Guerra Guasu. Historicamente, a guerra em seus momentos finais, contou com a participação de “niños”⁶². O poema chega ao leitor com tom crítico àquela situação, pois a mãe só queria ver o filho de catorze anos crescer, como foi destacado no último verso. Outro ponto que o poema citado remete, é o que a figura feminina representa, no caso, uma mãe, que recorre à outra mãe (a santa), reforçando o papel da mulher na sociedade, onde delimitava à elas os espaços domésticos, atuando assim, como mães, esposas e donas de casa.

3.2 – REVISITANDO A RETIRADA DA LAGUNA: ANÁLISE NARRATIVA DE *CUNHATAÍ*

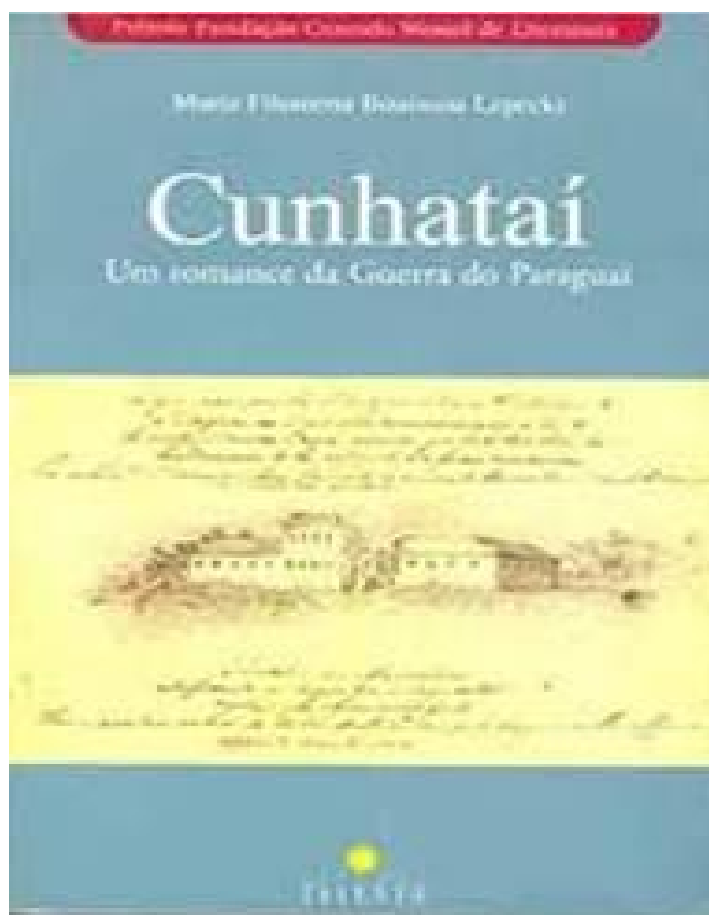
O *Cunhataí* é uma narrativa ficcional que rememora fatos históricos e tem como cenário a Guerra do Paraguai. A obra conquistou o Prêmio Conrado Wessel de Literatura de 2002. Passa-se entre dois planos narrativos, o primeiro situado em um tempo presente com Coralina e Rosália que narram a história situado no passado (no ano de 1865) da jovem

⁶² Crianças, em Espanhol.

Micaela que parte trajada com roupas tipicamente masculinas junto à coluna rumo a Mato Grosso. A obra em destaque é da editora Talento e possui a capa predominantemente azul, ao centro em destaque foi reproduzido o desenho do Quartel de Miranda, de Visconde de Taunay.

Em nossa análise, percebemos que a questão simbólica pode ser percebida em diversas esferas, não apenas nas representações clássicas, por isso apontamos que a escolha da cor da capa de *Cunhataí* não foi aleatória, a cor azul transmite a sensação de serenidade, para mais a cor, pensando no contexto da Guerra do Paraguai, a cor aproxima-se do uniforme brasileiro. Ainda mais que a obra se inspira na historiografia memorialista e tradicionalista do conflito, nessa linha buscou-se memorar os feitos heroicos do exército brasileiro.

Figura 12 – Capa do livro *Cunhataí*



Fonte: LEPECKI. *Cunhataí*. São Paulo, 2003.

Figura 13 – Desenho da capa: Quartel de Miranda, de Visconde de Taunay



Fonte: Ibidem, idem, Op. cit.

Com mais de 400 páginas o romance tem enredo ambientado geograficamente na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, na época sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul. Tem como pano de fundo a guerra entre os Aliados e o Paraguai, mescla ficção, história e a memória. Dessa forma o discurso literário e histórico é intermediado pela memória e entregue ao/a leitor/a de forma homogênea, dá um novo olhar para a narrativa “oficial”, além de contribuir para a valorização da cultura regional na formação histórica de Mato Grosso do Sul. Em poucos dias, Cora rememora os dois anos da marcha e os desafios dos militares e Voluntários da Pátria. De forma atenuada, apresenta figuras femininas sem privilégios. O livro foi estruturado e dividido em três partes: I – O Caminho; II – O Território (com 17 capítulos cada) e a Parte III – A Guerra (com 20 capítulos).

O livro (escrito pelo Alfredo d’Escagnolle de Taunay – Visconde de Taunay – em 1871) é revisitado pela autora, que marca textualmente esse diálogo. Lepecki, na última página do romance, marca em nota que “alguns fragmentos de diálogos entre militares são verídicos e foram extraídos do livro de Taunay” (LEPECKI, 2003, p. 406).

A autora consegue homogeneizar esses relatos e dá originalidade ao construir a história por uma nova perspectiva – feminina - que permite a presença de mulheres em todas as esferas, ocupando a narração. Os papéis protagonistas e todas as ações perpassam esse núcleo feminino. Podemos dizer que o protagonismo na Lepecki tem um gênero. Por outro lado, a presença feminina na coluna brasileira relatada por Taunay na *Retirada da Laguna* foi

marcada de forma pejorativa como “impedimenta”, segundo nossas impressões: “[...] e afinal as bagagens, o comércio, com sua gente e material, e as mulheres dos soldados, bastante numerosas” (TAUNAY, 2003, p. 68). Retardavam o andar da coluna rumo ao Apa. O *Cunhataí* é o primeiro romance de Maria Filomena Bouissou Lepecki.

Vimos que as mesclas de personagens e a retomada a lugares históricos, como cidades e rios, possibilitam verificar essas marcas factuais. A intertextualidade entre *Cunhataí* (2003) e *A retirada da Laguna* (1871), é notável. O livro escrito pelo Alfredo d’Escragnolle de Taunay – Visconde de Taunay – em 1871 é revisitado pela autora. O conceito da intertextualidade é visto como uma aproximação entre textos, assim quando um texto ou autor toma outro texto, estilo ou modelo, temos uma nova roupagem ao texto produzido. Segundo Julia Kristeva, os textos são construídos como mosaicos de citações, no qual é aspirado e transmutado em outro. Assim diz Greimas (2007):

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos que existiram ou existem em redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (GREIMAS *apud* KOCH, 1966, p. 60).

Dourado, cuja pesquisa tem embasamento em documentações, reminiscências e também em relatos de obras memorialistas, demonstra momentos que essas mulheres saíam do anonimato e as circunstâncias que marcavam sua presença, como por exemplo, *A Retirada da Laguna*, de Visconde de Taunay, entre outros. Em suas palavras:

A historiografia brasileira sobre a Guerra do Paraguai é ampla e bastante diversificada; tanto nos estudos dados como “clássicos”, como naqueles de pouca projeção, as mulheres são negligenciadas. Ao longo do século XX, a Guerra do Paraguai foi abordada pelos memorialistas e historiadores mato-grossenses sob premissas específicas, sendo que o discurso histórico, com fortes conotações memorialistas, construído pelos intelectuais mato-grossenses, esteve, sempre, atrelado aos grupos que disputavam e partilhavam o poder, dando-lhes, principalmente, legitimidade (DOURADO, 2005, p. 14).

Os personagens históricos, em *Cunhataí* (2003), como o tenente Alfredo D’Escragnolle Taunay, ganham figuras personificadas, a autora ressalta sua “postura aristocrática e argutos olhos de nobre” (Ibidem, idem, p. 31). O francês sempre presente nos diálogos com Micaela. Ao conflito, que durou 5 anos, foram atribuídos diversos nomes, de acordo com a época e o lado da guerra que estava.

Esse evento ocorre abertamente na obra de Lepecki, no campo da recepção o/a leitor/a que leva o clássico de Taunay, em sua bagagem de leituras, ressalta cognitivamente a semelhança nas narrativas. A maior parte das personagens representa figuras femininas,

outrora invisibilizadas pela “oficial”⁶³. Ainda é perceptiva a linha historiográfica tradicional, acerca da passagem em destaque da Guerra do Paraguai, com uma visão patriótica e tradicional, a qual culpa unicamente a ganância de Solano López em conquistar novos territórios. Na verdade, as terras encontravam-se em estado de litígio, ou seja, não pertenciam a nenhuma nação, no trecho a seguir a personagem paraguaia Ângelo Zavirria, expõe o que para ele seria as causas da guerra,

Pensou nas causas da guerra. O império era tão vasto, que Pedro II mal conseguia governar por toda extensão. Não sabia ao certo onde ficavam as terras invadidas por Solano, que na verdade estavam em litígio há tantos anos. Ignorava se eram verdes, se eram áridas, o que lá cresciam e quanto chovia. Mesmo assim, esticava seus tentáculos até os confins para expulsá-los (Ibidem, idem p. 130).

O termo *Cunhataí*, que intitula o livro, tem sua origem no tupi-guarani, seu significado em língua Guarani "cunhã-taí" – é menina. A excentricidade no emprego deste termo, desperta à primeira vista (ao/a leitor/a) estranhamento e curiosidade. Esse termo é vastamente empregado nas produções musicais regionais. O trecho abaixo foi retirado de uma canção popular paraguaia “Recuerdos de Ipacará” de Ortiz e Merkin, na qual o eu-lírico recorda da noite em que conheceu a amada. Em *Cunhataí* (2003), Rosália revive o momento que conheceu e apaixonou pelo fazendeiro e criador de gados Inácio: “Dónde estás ahora, cunhataí,/ que tu suave canto no llega a mí,/ Dónde estás ahora,/ Mi ser te adora con frenes [...]” (Ibidem, p. 227). Lepecki apresenta a tradução do termo *cunhataí*, na própria narrativa em um diálogo de Micaela e o guia Lopes:

Permaneceram em silêncio ouvindo passarinhos. Micaela achou que era bom momento para perguntar:

- Por acaso o senhor fala a língua dos paraguaios?
- O espanhol? Um pouco. Já morei lá.
- Não. A os índios.
- Bastante.
- Sabe o que significa *cunhataí*?
- Moça nova, moça bonita. Que está pronta para o amor. (Ibidem, p. 344)

A palavra a deixava curiosa, pois fora as últimas de Ângelo, seu marido e traidor da pátria brasileira, que morreu em combate pelo lado paraguaio, “Ah, *cunhataí*... Nunca iremos a Paris...” (Ibidem, p. 324). E *che reimbiayhú* (Ibidem, Idem), “Quer dizer: perdoa meu amor”

⁶³ Narrativa de uma historiografia patriótica, escrita e difundida desde o fim do conflito até o ano de 1960, versão tradicional considerado por muito tempo palco exclusivo de homens notáveis, brancos, muitos representantes da elite brasileira (Como o Dom Pedro II, Duque de Caxias e Conde d’Eu). Homens imortalizados no rol de heróis, que defenderam ou não o país, das mãos do bárbaro Solano López. Por outro lado, o neorevisionismo histórico que a partir de 1980, contribuem para uma nova interpretação dessa “desconhecida”, aclarando sujeitos outrora marginalizados, afastando a ideia de culpados.

(Ibidem, loc. cit.). Os termos carinhosos e a mescla entre os idiomas marcavam aquele impossível romance entre uma brasileira e um paraguaio, que no início fica subentendido como uma manobra de guerra, mas ao decorrer o enredo, os laços matrimoniais se despertam em ambos.

Ao início da obra de Lepecki, Rosália lê o artigo de Cora (uma amiga dos tempos da faculdade), e é provocada pela curiosidade de saber mais acerca do conflito ali mencionado juntamente com um novo estado de ânimo que desperta nela, pois questionava sua solidão. Ela que era fazendeira, viúva, solitária e insatisfeita com sua vida campestre na fazenda Boqueirão. Assim, resolveu viajar até a fazenda da amiga Cora, em São Miguel. A personagem de Coralina possui características eruditas, letrada, empolgada e envolvida como o tema da guerra. Ela aceita a visita e seu pedido para saber mais sobre e o inicia reformulando e reescrevendo o conflito.

O segundo plano narrativo presente no capítulo 2, onde Coralina reconta sobre a batalha, transportando a fala para o ano de 1865, na data de 15 de abril, essa quebra temporal acontece no diálogo entre as duas personagens, o qual Cora revisita de maneira memorialista, a história de Micaela personagem principal da outra história inserida por meio desse relato entre ficções. Ela que é boa moça, leitora, mora na casa grande da fazenda, pertence à família Ferreira Lima, a qual frequentava a melhor sociedade e também facilitava seu acesso a leituras como os romances de “Walter Scott” (Ibidem, p. 45), permitindo a nós, leitores/as, entender sua posição social e econômica, pois a leitura na época do Brasil Império era para poucos. Ademais, ao longo da obra é comum as narradoras transitarem entre essas duas linhas temporais, tanto para contextualizar e inserir um pouco da própria história, quanto para mostrar interesse no desenrolar da segunda narrativa.

De maneira geral, Lepecki, apropria-se de figuras semânticas metaforizadas, propomos uma possível análise dessas figuras. E, portanto, podemos depreender sentido. Assim, elas são marcadas na relação da protagonista da história secundária (Micaela) e sua trajetória, uma delas é o vento, notamos que essa figura de forma metafórica, a relação premonitória, prevendo muitas vezes mudanças e novos direcionamentos, esses que misteriosamente como destino a guerra, como a de vida, pois fora uma moça refinada de costumes finos e socialmente cultos, mas que em seu caminho rumo ao desconhecido tornou-se uma guerreira, curandeira que convivia com sujeitos marginalizados, assim:

De repente, uma brisa cálida. O vento soprou de leve para logo depois encrespar-se. Há pessoas que fogem de uma simples corrente de ar, cerrando todas as janelas. Outras preferem a ventania. Micaela adorava o vento!

Acreditava que ele podia varrer todas as tristezas, levando-as embora para longe. Como se marcasse um tempo diferente. Sem minutos e horas. Simplesmente ventava. E agitava a água das poças, os galhos, as folhas, os cabelos, as saias, marcando uma espécie de fim e de começo. Vento era sinal de mudança. Depois da ventania, o mundo ficava diferente (Ibidem, p. 16).

Micaela entendia o significado do vento (as mudanças) e não fugia e não tinha medo desses, isso pode ser contestado ao decorrer das escolhas dela. Naquela manhã, um vento diferente a havia tocado “lufadas passavam descontroladas e com mais força. Permaneceu em pé com meio sorriso no rosto escutando a agitação do ar” (Ibidem, Idem). Quando o vento cessou, ela voltou a si e “retornou cheia de energia para enfrentar a monotonia da vida e o enfado da rotina. Naquela manhã fora tocada pelo vento! Vento de mudança” (Ibidem, Idem), vento que transforma a vida enfadonha, no momento que se apaixona pelo marido paraguaio, Ângelo.

Na primeira parte – *O Caminho*, temos os caminhos das protagonistas se entrecruzando, igualmente o de Micaela, Ângelo e Santa Cruz, o nome do capítulo faz referência ao percurso percorrido pela Força militar, as mulheres da coluna que acompanhavam juntamente com a tropa os mascates e comerciantes que os abasteciam, rumo à guerra. Ao início da segunda parte, voltamos ao primeiro plano com Coralina e Rosária na fazenda de São Miguel e um dia já tinha se passado desde o início da narrativa. Cora narra as passagens, escolhas e o destino de Micaela. Assim, ao longo das 166 páginas iniciais, a narrativa se desenvolve. Múltiplas situações introduzem a personagem Micaela na coluna brasileira, como se seu destino já estivesse premeditado por sua madrinha (curandeira, considerada bruxa, por deter conhecimentos sobre botânica e medicina natural), a preparando em poucos dias para o que ia enfrentar. Conhecera Ângelo, casara e o seguiram às escondidas em meio à “impedimenta”, ou seja, ao agrupamento que não pegava em armas. Ela é o alvo mais fácil, distrai os homens e atrasa a marcha. Formava o batalhão que impedia que atrapalhava!” (Ibidem, p. 143). Grupo formado por mulheres, casadas e/ou amasiadas com militares, prostitutas e crianças.

A segunda parte do livro é marcada pela entrada no território do Mato Grosso, os “Sertões imensos e desconhecidos por todos os lados” (Ibidem, p. 172). A autora retrata a destruição e a invasão paraguaia. Juntamente a esse cenário as tropas militares, mulheres e crianças enfrentaram os maiores obstáculos impostos por um ambiente hostil, de perigos desconhecidos, como as cheias de verão que deixava as estradas intransitáveis, logo a fome e

as doenças lhes afligiram. A suposta morte de Ângelo, o estupro sofrido por Micaela, entre várias outras mazelas, marca a aproximação dos que marchavam rumo eminente guerra.

Para mais, as trocas e substituições dos comandantes eram constantes. Destacamos o Coronel Carlos Moraes Camisão e o sertanejo José Francisco Lopes, guia que se dispôs a levá-los até Nioaque, à sua fazenda, livrando-os do confronto com a tropa inimiga e contrapondo o incêndio da cavalaria paraguaia, utilizando de seus conhecimentos sobre a natureza. Pois, ambos se destacaram na fase final da Expedição rumo a Mato grosso, momento evidenciado por Lepecki. Ademais, Guia Lopes nutria grande ódio pelo inimigo (paraguaio), uma vez que sua família, empregado e escravos haviam sido feitos prisioneiros na Vila de Horcheta.

Inferimos que todas essas hostilidades (fome, cheias, doenças) contribuíram para a transição da personagem principal (Micaela), assim: “a pianista do teatro estava virando soldada” (Ibidem, p. 268). No trecho a seguir, apresenta-se a protagonista envolvida ao âmbito bélico, ela salienta a possibilidade de utilizar esse novo conhecimento,

Nos dias nervosos antes do encontro com os paraguaios, quatro oficiais revezaram-se nos horários de folga para ensinar à curandeira os rudimentos do manuseio de armas. Aprendeu a recarregar fuzil e a armar a baioneta; socar a pólvora com a pressão correta para que não explodisse em suas mãos; os nomes das pistolas, as travas, as miras. Não que ela tivesse uma curiosidade ou atração especial por armas, mas por concordar com a madrinha, quando ela dizia que era bom aprender tudo o que pudesse. Um dia iria precisar (Ibidem, p. 267).

Realmente, esse conhecimento lhe seria exigido. Nesse dia, a marcha de retirada estava em andamento, voltavam da Fazenda da Laguna no Paraguai, quando a coluna brasileira foi interceptada pela cavalaria paraguaia, assim inicia a terceira e última parte da narrativa, retratando esse episódio da guerra. Diretamente, na linha de fogo Micaela se vê obrigada a pôr em prática todo conhecimento sobre armamentos e munições e se dispôs a recarregar os fuzis para os combatentes brasileiros; no mesmo episódio, desempenhando um ato de heroísmo e coragem, Ana Mamuda, seguiu a postura da sinhá e começou a ajudar os feridos em combate:

Micaela se arrastou-se até uma linha de caçadores e numa rápida troca de olhares, ofereceu-se para recarregar os fuzis. Ana tentava em vão acalmar as mulheres que gritavam, histéricas. As duas perceberam o óbvio: estava quase sem munição! E os outros que não vinham ajudar? Por que os canhões demoravam tanto?

Um soldado brasileiro caiu, ferido no ombro, e se contorcia de dor. Um cavaleiro paraguaio aproximou-se com uma lança comprida na mão direita, pronto para acertar mais um caçador e romper o cerco. Foi abatido pelo tiro

de Micaela, que acabara de apropriar-se de um fuzil (Op. cit. Idem, p. 307-308).

Inicialmente, ela ficou em choque, pois nunca havia matado antes, retomando consciência, ainda rasga da saia um pedaço e faz curativo no soldado que acabara de salvar. Quando chegam canhões para socorro, ela já tinha “atingido um cavalo, ferido mais dois paraguaios e permanecia na linha de frente, demonstrando bravura enérgica movida pela urgência, pelo instinto e a necessidade imperiosa de sobreviver” (Ibid., id. p. 308). Após o clímax dos conflitos e muita peleja, a única esperança que aquela gente tinha era alcançar a fazenda do guia Lopes em Jardim, mas muito próximos à fazenda venceram as cheias dos rios, “as chuvas fora de época tinham apressado a correnteza e dobrado o volume d’água, transformando o rio numa muralha” (Ibidem, idem, p. 374), que impedia de chegar à esperada propriedade. Além disso, havia a cólera, que já tinha atingido muitos, entre cabos, soldados e até o capitão Santa Cruz. Contudo, o coronel Camisão, o guia Lopes e vários outros não tiveram a mesma sorte que Santa Cruz, que recebeu atendimento da curandeira e superou a doença fatal.

No capítulo final, analisa-se a batalha “A Retirada da Laguna”, na noite do dia 8, quando cruzaram o Rio Taquaruçu, trazendo paz e alívio aos retirantes, marcando também o findar da obra:

No dia 11 estavam no Porto Canuto, nas margens do Aquidauana. No dia seguinte o comandante José Tomás Gonçalves leu a ordem do dia, cujas últimas palavras eram:

“Soldados, honra à vossa constância que conservou ao Império os nossos canhões e as nossas bandeiras”.

Terminava ali a retirada da laguna (Ibidem, idem, p. 391).

A paz reinava no acampamento às margens do Aquidauana, é nesse ambiente que Micaela define seu caminho, redescobrimo o amor e o sentimento nutrido pelo Capitão Santa Cruz desde o dia do concerto. Na última cena e desfecho da segunda narrativa, a protagonista e Ana decidem ficar e tomar propriedade, dando razão a sua luta e revelando o sentido de tanta desgraça a desfrutar de terras pelos países em guerra.

O tenente Taunay diz que muita terra sem dono será distribuída e repartida entre os heróis quando a luta terminar. Terras devolutas. Presente do imperador. E nós temos cá uma parte neste merecimento, não é? Se não por nós, já que as mulheres nunca são citadas ou registradas, por Ângelo! Meu marido! Um herói morto em ação – disse, mais inflamada (Ibidem, p. 309).

Ao reivindicar seu direito à terra, a personagem lembra sua condição de viúva de um herói (do lado oposto), e Micaela e Ana partem em busca de seu *uti possidetis*⁶⁴ (Ibidem, p. 368). Um ponto de discussão historiográfica que esse romance nos permite é apresentar um tema interessante levantada em *Cunhataí*, acerca do apagamento das mulheres na guerra, mulheres esquecidas não citadas, nem registradas, sem nome. E quando citadas, estão submetidas ao nome de seus maridos e a patente militar e se são homens notáveis, por exemplo, a Dona Senhorinha esposa do heroico Guia Lopes. Ou, a construção: primeiro nome mais um adjetivo negativo, por exemplo, Ana Preta/ Ana Mamuda. Outro fato muito interessante na narrativa, que surpreende o/a leitor/a, é a revelação final de Coralina, que se diz bisneta de Micaela e o Capitão Santa Cruz, com quem se casa e vive naquelas terras, e sua história foi registrada pela bisavó, em um diário.

Nesta obra temos uma narrativa que carrega mulheres, mas ainda é notável o sistema eurocêntrico, pois a personagem principal é uma mulher branca, com origens nobres, marcando a questão interseccional por determinado perfil.

No capítulo 20, a narrativa está no primeiro plano, e Rosália prepara a volta para São Miguel. Após ouvir a história da amiga, resolve não vender suas terras e se sentiu íntima daquela história, pois era ali que tudo havia acontecido, naquelas terras, córregos e rios, aflorando nela um sentimento de pertencimento.

- Você não me disse se gostou da minha história – Coralina perguntou antes da primeira cerca.
- Não é uma questão de gostar. Mexeu comigo porque aconteceu aqui, nas nossas terras, nos rios que atravessamos sempre. De certa maneira, senti-me ligada a ela. Não é a história mais importante do mundo é apenas uma história entre tantas. Mas mudou a mim, Rosália. Mudou minha história pessoal. Não vou vender a fazenda: sua história mudou também a história da Boqueirão, Coralina. Uma história leva a outra, não é mesmo?
- Tem razão. E é nesse emaranhado de tantas histórias que se escreve o livro da humanidade (Ibidem, p. 406).

O diálogo finaliza ambas narrativas e a estadia de Rosália na fazenda Boqueirão. Notifica-se que as histórias se cruzam tanto no campo ficcional nos dois planos narrativos quanto à história do conflito. O sentimento despertado em Rosália é compartilhado a todos os/as leitores/as inclusive os de fronteira, pois realça o regionalismo e a valorização da nossa própria história, sejamos nós brasileiros ou sul-mato-grossenses.

Os pais e as irmãs de Micaela fazem parte da primeira fase da vida dela, mas ela, ao seguir seus instintos, os deixou. Os elementos que compõem essa vida são refinados, com

⁶⁴ Definia garantia de propriedade à quem estivesse nas terras

tudo o que uma descendente da elite imperial oferece: leituras, concerto, vestidos e penteados, bailes, criados, muitos alimentos. A segunda fase da vida da moça, que é guiada pela paixão pelo marido Ângelo, estende-se por muitas dificuldades, adaptação, fome, decepções, medo, estupro, medicina natural, sentimento de caridade contrastando com a barbárie humana em meio às mazelas. A terceira fase é provinda das dificuldades que sofreu, entretanto ela amadurece e se torna uma soldada destemida, corajosa que enfrenta os inimigos de frente.

3.2.1 – A NARRATIVA ENTRE PERSONAGENS HISTÓRICOS E FICCIONAIS

À medida que a narrativa se desenvolve, os personagens são caracterizados, uma vez que Lepecki constrói cada um com peculiaridades individuais, desde seus traços físicos e psicológicos. A estratégia, mescla de figuras históricas aos ficcionais, emprega credibilidade à narrativa. Rosália sempre questiona a veracidade da história que Coralina a conta.

- O que me intriga Cora, são as minúcias que você contou: como saber o que se passou na cabeça de todas essas pessoas.
Eu já estava abrindo a porta da camionete para ir embora.
Quando Coralina disse num sorriso maroto:
- Ora, Rosália, o que a gente não sabe, a gente inventa! (Ibidem, Idem, p. 406).

O personagem, tenente de engenharia Ângelo Zavirria de Alencar, é um dos personagens fictícios da segunda narrativa. Filho de pai brasileiro de linhagem portuguesa e mãe paraguaia de descendência espanhola, era bilíngue, tinha olhos e cabelos negros. Foi infiltrado como espião, com a missão de manter Francisco Solano López informado sobre a articulação militar do adversário, o brasileiro. Ele era amigo do Mariscal:

Ao despedir-se de Solano em novembro de 1864, havia um clima de orgulho nacional em ebulição. Jantaram com a presença de madame Lynch e das crianças à mesa, e depois foram degustar um Porto na biblioteca. Ângelo era considerado um membro da família. Sua lealdade jamais seria contestada (Ibidem, idem, p. 33).

Na trama, esse personagem ficcionalizado por Lepecki, tem papel fundamental no desenrolar do romance. Ângelo, um descarado espião e traidor da pátria de seu pai, tinha a extrema confiança de Solano, pois a narradora explicita que ele conhecia fatos da intimidade familiar do amigo, como o local e a ocasião em que o grande Mariscal havia conhecido a esposa Elisa Lynch, que passou a ser o código usado para senhas e contrassenha, ao passar as informações que possibilitava aos paraguaios, tempo para armar uma defesa e um contra-ataque, deixando a Força paraguaia sempre à frente dos planos de ataque brasileiro. O uso de

um lenço vermelho no pescoço para fazer contato com outros infiltrados paraguaios nos permite uma interpretação da simbologia de cor, pois o vermelho faz parte do uniforme de militares paraguaios e da bandeira paraguaia, juntamente com o azul e o branco, assim o vermelho pode significar o patriotismo, heroísmo e coragem. Em contrapartida, o vermelho não tinha relação com a bandeira do Brasil imperial que tem duas cores em destaque: o verde e o amarelo.

Outro personagem evidente é o capitão Ildefonso Santa Cruz, dono de um vasto bigode modelado, olhos azuis e cabelos castanhos, sério, sisudo e respeitado. A autora destaca sua postura “extremamente militar, Santa Cruz escondia sentimentos nobres, disfarçados atrás da farda e da patente, e a despeito da relutância em demonstrá-los, era capaz das mais gentis fidalguias” (Ibidem, idem, p. 41), características típicas e atribuíveis a heróis e patriotas.

Francisco Solano López também figura a narrativa. No enredo, ele manda Ângelo se infiltrar no exército militar brasileiro, por isso podemos arriscar que essa ação teve grande peso e influência no curso da guerra, pois por ela Micaela participou da marcha e sobreviveram ao episódio da retirada da Laguna, salvando inúmeras vidas, inclusive a do Capitão Santa Cruz, Buscapé e seu filho. Sobre a participação do personagem López em conflitos na narrativa, Rosália pergunta à Coralina sobre Francisco Solano López se ele havia participado de alguma batalha. “– Ele participou de alguma batalha? – Não. E esse pode ter sido seu grande erro. Ficava sempre a algumas léguas de distância. Traçava os planos, deliberava ordenava e mandava seus generais” (Ibidem, idem, p. 296). O paraguaio general José Díaz é retratado como íntimo a Solano e com tom patriota e heroico. Na narrativa podemos destacar outros personagens como a empregada Ritinha; Dona Glória (mãe de Micaela); a Madrinha parteira, boticária, tinha conhecimento sobre as ervas, viúva e pesquisadora da natureza; o Cabo Calixto, poeta e sobrevivente do episódio da barbárie contra os coléricos. Todos, ao assumirem papéis secundários, se destacaram na primeira parte.

3.3 – REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS FEMININAS: ANA PRETA, ELISA LYNCH, MICAELA ENTRE OUTRAS

É notável o protagonismo das mulheres em todos os planos narrativos do *Cunhataí*. A obra resgata a presença de mulheres, outrora inviabilizadas pela história oficial, inclusive com um enredo que retrata a coragem e muita ousadia em se fazer ouvir, mesmo sobre pesado patriarcado de uma hierarquia militar em pleno conflito, marcou-se essa presença: “contaram

as mulheres. Setenta e uma, a maioria com bebês ou crianças de colo. Algumas eram vistas como heroínas ao defenderem seus filhos durante a batalha” (Ibidem, p. 345). A passagem em que a protagonista sugere ao coronel Camisão uma manobra militar que possibilitou “a formação sugerida por Micaela e aceita em votação por todos os oficiais, salvo-os de maiores desgraças” (Ibidem, p. 311) nos mostra que os espaços pelos gêneros são predeterminados, assim é inaceitável que uma mulher sugerisse algo e mesmo quando acertam, lhes são negadas as honras pelo feito.

A presença feminina na guerra se deu em ambos os lados tanto na coluna brasileira, quanto no lado paraguaio, as bravas paraguaias seguiram os seus filhos, maridos, amantes, nas enfermarias e campo de batalha, servindo em muitos aspectos, inclusive sexuais, mas sempre negada à credibilidade dos seus feitos. A persistência dessas mulheres deve ser memorada, pois em meio a tantos obstáculos (fome, epidemias, travessia de rios e violências), “a vida das mulheres era seguir adiante, sempre na retaguarda, preparadas para a próxima travessia. Atrás delas, apenas a boiada” (Ibidem, idem. 145). Aqui se reforça a ideia da mulher ser a retaguarda (nunca na linha de frente, na luta, em combate). Seguiram com a coluna, mesmo que na retaguarda, constituindo a chamada “impedimenta”. Com isso, destacamos as penúrias a que as mulheres que marchavam ao fim das tropas submeteram-se, pois não lhes era proporcionado nenhum benefício ou auxílio, elas estavam desprovidas de tudo e pode se dizer que sofreram os piores infortúnios.

Portanto, Micaela, não era a única mulher a seguir com os militares, pois “há outras mulheres com as tropas. Muitas até!” (Ibidem, idem, p. 72). Dentre as mulheres do lado brasileiro que participaram e acompanhavam a tropa, destaca-se Ana Preta, escrava em busca da liberdade; as prostitutas, a Francesa, a Buscapé entre outras. Além delas, Dona Casimira, a louca das letras. Pelo lado paraguaio, temos a Elisa Alicia Lynch, personagem feminina histórica e ficcional no romance de Lepecki. Ela tem sua beleza física apreciada, destacando seus traços irlandeses “cabelos dourados, lânguidos olhos azuis, pele nacarada, lábios róseos e delicados. O porte era de uma princesa, tal a elegância do talhe” (Ibidem, idem, p. 128). Possuía presença e era de gênio forte, atribui-se a ela sentimento de ambição e apaixonada.

A tabela a seguir marca todas as personagens femininas na obra de Lepecki, a personagem de Coralina tinha características eruditas, letrada, empolgada e envolvida como o tema da guerra. A personagem Rosália era fazendeira, viúva, solitária e insatisfeita com sua vida campestre na fazenda Boqueirão. A Micaela é boa moça, leitora, mora na casa grande da fazenda, pertence à família Ferreira Lima, a qual frequentava a melhor sociedade e também

facilitava seu acesso a leituras como os romances de “Walter Scott”, permitindo a nós, leitores, entender sua posição social e econômica, pois a leitura na época do Brasil Império era restrita (Ibidem, p. 45). Ademais, Micaela, Coralina e Rosália representam a idealização da mulher civilizada, em contraste com outras figuras femininas foram inseridas pela autora, como Ana Preta/Ana Mamuda, uma personagem histórica ficcionalizada.

Tabela 2 – Personagem feminina em Cunhataí de Lepecki

Personagens principais	Coadjuvantes/ secundarias
Maria Micaela Ferreira Lima – personagem	Ana Preta /Ana Mamuda – personagem
Coralina S. C. Fernandes – personagem/narradora	Ritinha – personagem (empregada da família)
Rosália – personagem/narradora	Dona Gloria – personagem (mãe)
	Madrinha – personagem (boticária)
	Francesa; Buscapé entre outras (prostitutas)
	Dona Casimira (louca das letras)
	Elisa Alicia Lynch (personagem histórica ficcionalizada)

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2020.

Elisa Alicia Lynch é uma personagem histórica que, desde o fim da Guerra de 70 até a atualidade, tem sua imagem em constantes construções e desconstruções, tanto na historiografia quanto na ficção. Não só no Paraguai, sua imagem é evidenciada também por escritos e historiadores/as brasileiros/as, como por exemplo, na literatura de nossos objetos pesquisados, a recorrência de Lynch é notável em Lepecki e Naveira, com isso, proponho analisar a figura de Elisa nas obras de ambas as autoras. A Senhora Lynch é a única figura feminina recorrente em ambas as obras deste estudo e aduz às representações da personagem histórica e ficcionalizada.

Figura 14: Elisa Lynch



Elisa Lynch.

Fonte: SOTO; FERRARO, 2020, p. 25.

Produções como a obra *Cunhataí* (2003) - um de nossos objetos de análise, pincelam um estereótipo de Elisa Lynch, a mulher europeia que teve influências sobre o marido (Adiante pensaremos como a figura dela é vista e posta pelo olhar de outro lado e a construção de estereótipos para essa figura feminina).

Elisa Lynch personagem dispõe de sua beleza física, destacando seus traços irlandeses: “cabelos dourados, lânguidos olhos azuis, pele nacarada, lábios róseos e delicados. O porte era de uma princesa, tal a elegância do talhe”. Possuía presença e era de gênio forte, atribui-se a ela sentimento de ambição e apaixonada. (LEPECKI, 2003, p. 128).

[...]
Por que me condenam?
Pela minha beleza,
Meus olhos azuis,

Meus cabelos de fogo
Onde refulgem tiaras de princesa?
[...]
(NAVEIRA, 1997, p. 31)

No livro de Raquel, temos dois poemas voltados à figura de Lynch (Madame Lynch e O “Enterro” de Madame Lynch), no primeiro o eu-lírico interroga sua condenação. A figura de Elisa como uma mulher adúltera?

Por que me condenam?
Porque fui adúltera, Segui um homem,
Uma aventura,
Para um continente morno e desconhecido?
[...]
(Ibidem, idem)

Seria uma cortesã?, Em ambas as obras, predomina esse estereótipo acerca da companheira irlandesa de Solano López. No Calúnia (2009), os autores Michael Lillis e Ronan Fanning expõem que essa versão foi contada após a Guerra do Paraguai, pelos escritores que apoiaram os vitoriosos, além disso, também apontam que essa má-fama vem de antes dos escritos pós-guerra. Em relatos injuriosos e sem comprovações documentais publicados por Hector Varela (jornalista argentino), ambos os autores consideram em sua maior parte uma narrativa de “ficção romântica e às vezes delirante” (LILLIS; FANNING, 2009, p. 45). Outras narrativas também contribuíram como o exemplo do ultrajante relato de Pura Bermejo, moralista de origem espanhola que confessava odiar a “concubina inglesa”, e relatam que a Madame Lynch traiu López inúmeras vezes, os autores apontam que as contestações também fizeram parte do pensamento moralista e religioso da sociedade da elite paraguaia. Da mesma forma de Valela, a “Elisa” de Vicente Villa Vicencio, publicada em 1874, contribuiu para que essa versão perpetuasse em outras narrativas, como em nossos objetos de análise. Os autores apontam que

A principal dificuldade em estabelecer a verdade sobre a vida de Elisa Lynch desde o seu primeiro encontro com López, no início de 1854, até a morte dele em 1870, é que a maior parte da extensa literatura sobre esses anos – em espanhol, português e inglês – não passa de invenção rancorosa e sensacionalista produzida pelos inimigos de ambos. A própria Elisa, em sua *Declaração*, fala repetida e apaixonadamente de calúnia nesses ataques ferozes. Daí o título desse livro: *Calúnia*. Quando a *Declaração* foi publicada, em 1875, várias críticas irônicas e satíricas contra ela – Vicencio, Duptrat de Lassere, Varela, Masterman, Washburn – já haviam se tornados,

guardadas as proporções, *best-sellers* em Londres, Nova York, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Assunção (LILLIS; FANNING, 2009, p. 57).

No trecho em destaque, Elisa A. Lynch alega no tribunal de Edimburgo, que sua separação ocorreu por volta de junho de 1854 e conheceu López seis meses após, portanto a acusação de ter levado uma “vida libertina” não passa de calúnia⁶⁵. A única evidência contra Elisa é uma carta endereçada a López “De Surville”, a qual sugere a passagem de Elisa pelo mundo das cortesãs parisienses. Em sua defesa LYNCH (1987), afirma que, mesmo com seu nome sendo explorado por seis anos por determinados inimigos que buscavam enriquecer escrevendo inverdades sobre ela, guardou um profundo silêncio.

⁶⁵ Essa declaração é considerada uma autobiografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, os aspectos analisados partiram de duas obras brasileiras, com um cenário comum entre elas – A Guerra do Paraguai. Após estudo, identificamos que ambas representam apenas um lado dos envolvidos neste conflito bélico – o lado aliado. Ademais, ressaltamos a questão da representação feminina, marcadas na presença como em Lepecki, mas também na ausência como em Naveira, contribuições passíveis a investigação, como a exercida até o momento.

De maneira geral, a disposição dessa pesquisa apresenta no primeiro capítulo uma fundamentação Histórica e Historiográfica, envolvidas na Guerra entre irmãos. A necessidade dessa ambientação favorece compreender as especulações e concepções desenvolvidas, pois "Um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la". Edmund Burke afirma que um povo que não conhece sua história está fadado a seguir os mesmos trajetos, dessa forma entender a história da Guerra de 70 nos possibilita conhecer os caminhos percorridos, para compreender as mudanças necessárias.

Neste primeiro momento, detalhamos pontos factuais sobre o conflito, logo optamos por dispor de leituras partindo de aspectos brasileiros e paraguaios sobre a guerra, com intuito de não nos prender a apenas um lado dos envolvidos. Logo, examinamos a participação feminina, principais figuras, principalmente no que se refere às mulheres brasileiras e paraguaias, uma vez que a presença de mulheres argentinas e uruguaias não foi “oficialmente” permitida nos campos de batalhas.

Ainda no capítulo inicial, realizamos um recorte de imagens que evidenciam a forma como a imagem de mulheres (brasileiras e paraguaias) foram ou não visibilizadas, as motivações e interesses perpassam essa exposição, relacionando a nossa pesquisa ao interesse em observar como a mulher foi representada, e essa efêmera análise foi o caminho que percorremos para identificarmos a forma que elas ocuparam na Guerra Oitocentista (um espaço prioritariamente masculino). No segundo momento da pesquisa, realizamos um debate interdisciplinar entre a História e a Literatura. Para fechar a discussão desse capítulo, realizaremos o exame da figura do “outro”, paraguaio/a, apoiado nas narrativas de Lepecki e Naveira. No capítulo três, “Representação feminina em Cunhataí e Guerra entre irmãos”, desenvolvemos a análise das obras elegidas, organizada em três subtítulos, contemplando a análise literária das obras e das representações das personagens femininas em ambas as narrativas.

Para mais, a leitura do romance abre a oportunidade de pensarmos o conflito a partir da figura, narração e olhar feminino. *Cunhataí* (2003) é um título provocativo que salienta curiosidade, permite o/a leitor/a ser ouvinte e espectador, a qual a Coralina nos confia uma narrativa carregada de sentido e enlaces externos. Lepecki retrata o episódio histórico da retirada da Laguna, em sua narrativa, partindo de uma perspectiva intimista que aproxima o leitor contemporâneo ao fato. Da mesma forma a obra de Naveira nos aponta uma mínima visibilidade feminina, também marcada em narrativas “oficiais” e nos leva a questionar que o protagonismo tem um gênero e não é o feminino, marcado na mínima participação de figuras femininas em detrimento a outros sujeitos. Salientamos que o desenvolvimento desse trabalho, ao analisar as obras citadas, não carrega valor de verdade único e absoluto, e sim, uma possibilidade de pensar os sujeitos evidenciados, mas que abre espaço a outras interpretações suscetíveis. Quando empregamos o título da pesquisa *O protagonismo tem um gênero*, não pretendemos apenas identificar o gênero predominante, mas refletir sobre o significado da presença/ausência.

As evidências analisadas apontaram que a hipótese da invisibilização de mulheres nos objetos investigados se condiciona às figuras de mulheres negras, indígenas e outras marginalizadas pela narrativa de Lepecki e de Naveira, uma vez que as autoras ocupam determinado lugar social, pois são brancas, de elite. Ambas estão inseridas em ambientes acadêmicos, instituições, também tomam por referências autores – homens –, como em *Cunhataí: A Retirada da Laguna* (1977); *Memórias* (1946) de Alfredo d’Escagnolle de Taunay e *Solano López* (1945), de Arturo Bray, Paraguai. Os autores referenciados por Lepecki são militares, que produziram narrativas “oficiais” que negaram não só a participação de mulheres negras, mas também dos sujeitos silenciados e invisibilizados pela história oficial do conflito que visibilizou e imortalizou militares de alta patente. E Naveira, toma por referência *A solidão segundo Solano López*, de Carlos de Oliveiras Gomes; *Avante Soldados: para trás*, de Deonísio Silva.; *Genocídio Americano*, de Júlio José Chiavenatto; *História de Mato Grosso do Sul*, de Hildebrando Campestrine e Acyz Vaz Guimarães. E apenas uma única referência feminina com a obra *Madame Lynch*, de Maria Concepcion L. de Chaves, entre outros textos de autoria não feminina, esse conjunto de referências se reflete na distribuição quantitativa de poemas com a participação de mulheres de 30 apenas 5 as inserem.

Portanto, após a análise dos objetos, concluímos que as autoras não privilegiam em suas narrativas a interseccionalidade, as mulheres representadas, não privilegiam as mulheres

pretas. Somente em *Cunhataí*, temos a personagem Ana Preta, essa desempenha papel coadjuvante, já a mocinha é branca, de elite e letrada, ela desempenha o papel principal ao contrário das outras mulheres ela tem uma rede de proteção masculina. A narrativa de Naveira é marcada pela ausência de mulheres pretas. Vale ressaltar que, reconhecemos que outras mulheres foram contempladas pelas obras, resignificando a narrativa oficial que delimita a guerra como um espaço masculino. Portanto, chegamos à conclusão que houve apagamento da figura da mulher preta e que mesmo quando pontuada, essa figura não ocupou papel de destaque (protagonismo).

Por fim, a sensação de escrever essa conclusão, é indescritível. Esquadrinho as primeiras folhas ganhando espaço, logo o primeiro capítulo foi crescendo não apenas em quantidade de laudas, mas carregando uma discussão e apresentando os elementos necessários para entender o conflito e inserir os elementos que compõem o cenário dos objetos em análise. Ainda no campo simbólico, o segundo e o terceiro momento deste estudo botões de flores aguardando a primavera, a priori, buscamos brevemente escrever uma forma analítica de examinar as obras sob nossa perspectiva aliado aos estudos historiográficos, buscamos também pontuar as figuras femininas em ambas. Espero que essa pesquisa seja um “ponto e vírgula” para essa temática e que não termine com esse “ponto final”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. 2019.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

BANDERA, Luiz Alberto Moniz. *A Expansão do Brasil e a Formação dos Estados na Bacia da Prata: Argentina Uruguai e Paraguai, da colonização à Guerra da Tríplice Aliança*. 4ª ed., ver e ampl. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

BARATTA, María Victoria. *La Guerra del Paraguay y la construcción de la identidad nacional*, Coleção Paraguai Contemporâneo, 1ª ed., Ciudad Autónoma de Buenos Aires: SB, 2019.

BARROSO, Giane Ap. Guerra Do Paraguai Em Perspectiva: tensões Históricas e Historiográficas ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005.

BETHELL, Leslie. A Guerra do Paraguai: história e historiografia. In: MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (Org.). *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995, p. 11-26.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. – 2. Ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CARVALHO, José Murilo. *Jovita Alves Feitosa: voluntária da pátria, voluntária da morte*. São Paulo: Chão Editora, 2019.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 5(11), 173-191. 1991.

CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio americano: A Guerra do Paraguai*. 10. ed. São Paulo, Brasiliense, 1980.

CHISINI, Josenia Marisa. A DIFUSÃO DO TRABALHO LITERÁRIO DE RAQUEL NAVEIRA. Publicado 2016-07-01 Edição Multitemas n. 15, out. 1999. Disponível em <<https://multitemasucdb.emnuvens.com.br/multitemas/article/view/1134>> Acesso em 03 jun. 2021.

COLLING, Ana Maria. Os silêncios da Guerra do Paraguai: A invisibilidade do feminino. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). *150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: Editora UFMS, 2016, p. 233-250.

DOCKHORN, Vera Lúcia Nowotny. *O ensino da Guerra do Paraguai através das imagens: uma proposta para o uso da fotografia e da pintura*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Cuiabá, 2020.

DOCKHORN, Vera Lúcia Nowotny; SQUINELO, Ana Paula. Oficinas de história: temas para o ensino da guerra do Paraguai - sujeitos, cotidiano e Mato Grosso. 1ª edição. Cuiabá: EdUFMT, 2021, p. 13.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra*: Nova história da Guerra do Paraguai. 2. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

DOURADO, Maria Tereza Garritano. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis*: A presença feminina na Guerra do Paraguai. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Dourados, Mato Grosso do Sul, 2002. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp000145.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2020.

DOURADO, Maria Tereza Garritano. Viúvas e descendentes dos combatentes da Guerra do Paraguai. In: SQUINELO, Ana Paula. (Org.). *150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. 1ª ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016, v. 2, p. 71-107.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. A Antiguidade, Vol 1, Porto: Edições Afrontamento, 1990.

EVARISTO, Conceição . Ponciá Vicêncio. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares*, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. 1º ed. Kindle: Papirus Editora, 2017. Disponível em:<<https://ler.amazon.com.br/?asin=B07L8L2K1Y> Acesso em: 27 mai. 2021.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 2017.

FIORIN, J. L. Semiótica e História. *Cadernos de Letras UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo*, nº 42, p. 15-34, 2011.

GUARDIA. Sara Beatriz. Literatura e escrita feminina na América Latina. *Mulheres e Literaturas*. Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, p. 15 – 44, 2013.

IZECKSOHN, Vitor. A Guerra do Paraguai. In: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Orgs.). *O Brasil imperial: 1831-1870*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 387-424.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo, Cortez, 2007.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. *Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas*, v. 6, n. 73, p. 2-23, 2005.

LEPECKI, Maria Filomena Bouissou. *Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Talento, 2003.

LILLIS, Michael; FANNING, Ronan. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*, tradução do inglês Marisa Paro; tradução do espanhol Silvana Cobucci Leite. 1 ed. – São Paulo: Editor Terceiro Nome, 2009.

LYNCH, Elisa Alicia, *Exposición y Protesta* (2. Ed., Assunção, Fundación Cultura Republicana), trad. Michael Lillis, 1987.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7 ed. Ed. Atlas S/A. SP, 2013.

MARIN, Jerri Roberto; SQUINELO, Ana Paula. A ocupação Paraguaia em Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai. *Revista Território & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 12, n. 2, ago. - dez., 2019.

MEIRELLES, William Reis. A guerra como tema no cinema brasileiro. *História e Ensino*, Londrina, v. 11, jul. 2005.

MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina. A difusão e consolidação da interpretação revisionista da Guerra do Paraguai na América Latina. In: SQUINELO, Ana Paula. (Org.). *150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. 1ª ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016, v. 1, p. 71-107.

NAVEIRA, Raquel Maria Carvalho. *Guerra entre irmãos*. 2. ed. Campo Grande: Ruy Barbosa, 1997.

ORTOLAN, Fernando Lóris. Imagens do feminino na Guerra do Paraguai. *MÉTIS: história & cultura*, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 83-95, jan./jun. 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A criação do texto literário. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores na escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 103 - 106.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PINHEIRO, Alexandra Santos. Corpos que resistem: ditadura na literatura Latino-Americana. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; CRUZ, Antonio Donizeti da; ALVES, Lourdes Kaminski (Orgs.). *O que contam essas mulheres? Memória e representação na literatura latino-americana*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

PIZARRO, M. Mar Langa. *Guido Rodríguez Alcalá en el contexto de la narrativa histórica paraguaya*. 2001. Tese (Doutorado), Universidade de Alicante. Alicante, 2001.

POTTHAST, Barbara. Algo más que heroínas. Varias roles y memorias femeninas de la Guerra de la triple alianza. *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 10, núm. 1, 2006, pp. 89-104 Universidade Estadual de

Maringá, Maringá, Brasil. Disponível em: <
<https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526864009.pdf>> Acesso em 23 mar. 2021.

QUEIROZ, Silvana. A polêmica entre Cecílio Báez e Juan O’Leary. In: SQUINELO, Ana Paula. (Org.). *150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: Editora UFMS, 2016, p. 155-182.

QUINALHA, Geovana de Oliveira. *Paisagens Literárias: Mulheres e a fronteira colonizada Brasil/Paraguai*. Tese, Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis, 2018.

RODRIGUES, Ana Maria Lima. As mulheres e as guerras de independência na América Latina do século XIX: invisíveis ou inexistentes?. *Ameríndia*, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2007.

SILVA, Alberto Moby Ribeiro da. *A noite das Kygua Vera: a mulher e a reconstrução da identidade nacional paraguaia após a Guerra da Tríplice Aliança (1867-1904)*. 1998. Tese (Doutorado em História Social), Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 1998.

SILVA, Natania Neres da. *Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elisa Lynch*. 2019. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.8.2019.tde-05122019-164428. Acesso em: 10 mar. 2021.

SOUZA, Fabio Ribeiro de. Muero con mi patria: reconstituição e monumentalização histórica da Guerra do Paraguai no cinema paraguaio. In: SQUINELO, Ana Paula. (Org.). *150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016. vol. 2. p. 109 – 132.

SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...: Ensino, memória e história de um conflito secular*. 2. ed. Campo Grande: Editora UCDB, 2003.

SQUINELO, Ana Paula. História & Literatura, Cotidiano & Sertão - perspectivas de gênero na obra Cunhataí: um romance da Guerra do Paraguai (Brasil, 2003). In: XVIII Congresso AHILA - En los márgenes de la Historia Tradicional. Nuevas miradas de América Latina desde el siglo XXI, 2017, Valencia. XVIII Congresso AHILA - En los márgenes de la Historia Tradicional. Nuevas miradas de América Latina desde el siglo XXI. Valencia: AHILA, 2017. p. 236-260.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. *Raído*, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016.

TORAL, André. *Imagens em desordem*. A iconografia da Guerra do Paraguai (1864-1870). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2012.

TZU, Sun. *A arte da guerra: os treze capítulos*; tradução: Pedro Manoel Soares. 1ed. Barueri: Ciranda Cultural, 2015.

VALINOTTI, Ana Barreto. *Las mujeres*. Colección 150 anos de la Guerra Grande nº. 7. El lector Asunción, Paraguay, 2013.

VERA, Anahí Soto; FERRARO, Paola. *Elisa Alicia Lynch: la madame em su contexto*. Colección Protagonistas de la Guerra Guasu, 2020.

YEGROS, Ricardo Scavone; YEGROS, Sebastian Scavone. *Cecilio Báez e Juan E. O'Leary: polémicas sobre la historia del Paraguay*. 2ª Ed. Assunción: Tiempo de Historia, 2011.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Literatura e história na América Latina: representações de gênero. *MÉTIS: história & cultura*, v. 5, n. 9, 2006.

ZILBELBERG, C. *Elementos da Semiótica Tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.